UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

LYLIA RACHEL SOUSA CASTRO CRUZ

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE PÓS-APARTHEID *NINGUÉM PARA ME ACOMPANHAR*, DE NADINE GORDIMER

MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
TERESINA
2015

LYLIA RACHEL SOUSA CASTRO CRUZ

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE PÓS-APARTHEID *NINGUÉM PARA ME ACOMPANHAR*, DE NADINE GORDIMER

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico em Letras/Literatura do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Baptista Barbosa.

TERESINA

2015

C955C Cruz, Lylia Rachel Sousa Castro
A construção da identidade feminina no romance pós – apartheid Ninguém para me acompanhar, de Nadine Gordimer / Lylia Rachel Sousa Castro Cruz. - 2015.
119 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2015.
"Orientadora Prof[3] Dra. Maria do Socorro B. Barbosa".

1. Literatura e História. 2. Identidade Feminina. 3. África do Sul. I. Título.

CDD: 801.9

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB-3/1188

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

LYLIA RACHEL SOUSA CASTRO CRUZ

"A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE PÓS-APARTHEID *NINGUÉM PARA ME ACOMPANHAR*, DE NADINE GORDIMER".

Esta dissertação foi defendida às 09h, do dia 05 de fevereiro de 2015, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO (aprovado, aprovado com restrições, reprovado).

Maria do Socorro Baptista Barbosa
Professora Dra. Maria do Socorro Baptista Barbosa
Orientadora

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim
Professora Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim
1ª examinadora – UESPI

Professora Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva
2ª examinadora - UESPI

Visto da Coordenação:

Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

Dedico este trabalho à minha mãe, Francisca de Assis, a meu pai, Tarcisio , a meu filho, Tarcisio Theo, a meus irmãos, Tais e Thalles, aos meus sobrinhos, Maria e Enzo, à minha cunhada, Cassandra e a todos os meus amigos e professores do Mestrado em Letras que foram fonte de inspiração para a conclusão desse trabalho. Sem o incentivo de todos vocês e o braço amigo para acolher sei que não teria chegado ao final.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, porque fraquejei muitas vezes em desespero no desenvolvimento desse trabalho e ele permaneceu segurando minha mão, permitindo que eu perseverasse em meus escritos e pesquisas.

Agradeço à UESPI pela oportunidade de compartilhar as experiências e saberes com os professores e alunos desse Mestrado em Letras, a partir do qual vislumbrei uma possibilidade a mais de crescimento.

À minha querida mestra e orientadora, Prof. Dra Maria do Socorro Baptista Barbosa, por seus ensinamentos e por sempre estar disposta a ajudar e contribuir à pesquisa sem medir esforços.

Às professoras doutoras Raimunda Celestina Mendes da Silva e Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim, por aceitarem participar de minha banca. O meu maior respeito e admiração.

Ao professor coordenador do Mestrado, Prof. Dr. Feliciano Bezerra, por estar sempre apto a esclarecer nossas dúvidas e nos incentivar a buscar diferentes saberes.

Aos meus professores do Mestrado, Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires, Profa. Dra. Algemira Macêdo, Prof. Dr. Fabrício Flores, Profa. Dra. Socorro Magalhães, Prof. Dr. Élio Ferreira, Profa. Dra. Raimunda Celestina e Profa. Dra. Marly Gondim pelos ensinamentos. Ao professor Elio Ferreira, que sem saber, foi um dos meus inspiradores no desenvolvimento desse trabalho. Com as leituras de literatura afrodescendente ele nos passa um olhar diferente para o estudo sobre raça, cor e etnia.

Aos meus amigos do Mestrado, Josefina, Ellen, Maria José, Lívia, Lígia, Natália, Adelino, Emília, Cristiane, Edna, Jeane, Hannah, Moema e Fabiana. De modo especial à Moema e Cristiane, por sempre estarem dispostas a me ouvir e incentivar e à Josefina, pelo sorriso maravilhoso no rosto de boa acolhida e compreensão.

À Rosenir, secretária do Mestrado, por ser a mediadora entre nós e os professores e o mestrado em si, nos informando sempre sobre todas as notícias do Mestrado e puxando nossas orelhas quando perdíamos o prazo.

Ao meu diretor, amigos professores, técnicos e alunos da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Antônio Giovanni Alves de Sousa em

Piripiri, principalmente aos professores Antônio Leonel e Adriana e Silva Sousa, meus amigos coordenadores de área do PIBID e ao Professor Márcio Queiroz por sempre estarem dispostos a compreender minhas ausências.,

À Marily, Ivone e Daniele por sua calma e competência em resolver os problemas da coordenação.

Não posso deixar de agradecer ao meu filho Tarcisio Theo, amor da minha vida, por inúmeras vezes chegar ao quarto onde eu estudava e bater à porta perguntando: “Terminou, mãe?”, “Está perto?” e logo respondendo: “Você vai conseguir” – aquilo me enchia de emoção e forças de vontade para chegar à conclusão do trabalho.

Devo agradecer à minha querida mãe, que nas minhas maiores angústias e medos me enchia de chás calmantes de diferentes espécies e dizia: Segue em frente, não desanima.

Aos meus amigos, Cristiano e Andréa, por me estenderem sempre a mão quando eu estava desanimada em todos os momentos do Mestrado, do início ao fim.

À Jurema da Silva Araújo, por dizer sempre que tudo dará certo e tudo terminará bem. Aos professores do Curso de Letras-Inglês, Campus Professor Antônio Giovanni Alves da Silva, Professores Carlos Magno, Antônio José, Francisco de Assis e Marlene Borges, por compreender minhas ausências e meus desconfortos emocionais.

Às minhas professoras Supervisoras do PIBID Janete Cléa e Valdene Gomes e a todos os Bolsistas ID do Subprojeto de Letras-Inglês do Campus Professor Antônio Giovanni Alves de Sousa por nunca terem desacreditado nas minhas propostas e projetos.

À Nataniel do Vale, que sempre dizia: você é uma vencedora e você conseguirá.

Às minhas amigas, Luziane Feitosa e Glacilda Cordeiro, por terem me ajudado com dicas de leituras e correções dos escritos.

Ás minhas BBF (Best Friends Forever), Dani, Lorena e Gabi Fonseca, Jojó Teixeira, Márcia Fagundes, Lorena Guimarães, Ana Maria Goudinho e Dani Crush por fazerem parte de minha vida desde sempre.

À minha comadre, mãe e amiga, D. Eldina por cuidar muito bem de mim e me proporcionar momentos felizes.

Ao professor e amigo, Professor Antônio Francisco Pereira da Silva – Professor Tony –, por sempre ter acreditado em meu trabalho e ter me dado muitas chances de crescimento.

Enfim, a todos e a todas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com o meu crescimento profissional e pessoal.

Uma árvore derrubada
E os frutos se espalharam
chorei
porque havia perdido uma família
o tronco, meu pai
os galhos, seu apoio
e também
os frutos, a mulher e os filhos
que significavam anto para ele
graciosos
adoráveis como devem ser
tudo no chão
as raízes, a felicidade
dele arrancadas
(Uma Árvore Derrubada, de Zindzi Mandela)

RESUMO

Este trabalho discute a relação entre Literatura e História ao analisar o romance pertencente à literatura sul-africana pós-apartheid *Ninguém para me acompanhar* (1994), da escritora Nadine Gordimer, com o intuito de denunciar as injustiças sociais e raciais da África do Sul dentro do regime segregacionista conhecido como *apartheid*. O objetivo geral desta pesquisa foi verificar como a protagonista se relaciona bem com os negros dentro de uma África do Sul preconceituosa e politicamente desigual, onde a cor da pele diz tudo. Ela, branca decide lutar e buscar os direitos dos negros e procura acabar com esses conflitos raciais e étnicos. Busca ainda compreender alguns temas selecionados por Nadine Gordimer a fim de ficcionalizar o período de transição entre 1990 e 1994, em que muitos exilados e presos políticos como Nelson Mandela retornavam a seu país, as novas mudanças políticas dentro do Congresso Nacional Africano (CNA), as primeiras eleições livres – nas quais todos os negros puderam votar –, os conflitos gerados por essas mudanças, a violência urbana e as mortes em grandes proporções, a divisão do povo em duas grandes raças: a negra e a branca e o convívio entre eles. Faz-se necessário pensar na protagonista do romance, Vera Stark, que procura resolver os problemas de terra dos negros nessa África do Sul tão apartada, mas ao mesmo tempo constrói uma nova identidade feminina que vai mudando juntamente com os acontecimentos políticos do país. Os temas de suas obras englobam apartheid, pós-apartheid, colonialismo, pós-colonialismo, alteridade, domínio de fronteiras, diáspora, negro e branco, diversidade de herança cultural e temas relacionados à política, à literatura e à história. Utiliza-se para pensar a relação Literatura e História as teorias de White, Burke, Certeau e Pesavento; para literatura e pós-colonialismo as teorias de Bhabha, Hall, Said, Fanon e Eagleton; e para gênero e etnia Butler, Foucault, Barth, Showalter, entre outros..

Palavras-chave: Identidade Feminina. Literatura e História. África do Sul. Apartheid. Pós-Apartheid.

ABSTRACT

This paper discusses the relationship between Literature and History to analyze the novel that belongs to the South African post-apartheid literature *None to accompany me* (1994), from the writer Nadine Gordimer, in order to denounce the social and racial injustices in South Africa in the segregationist regime known as apartheid. The overall goal of this research was to investigate how the protagonist herself relates well with the black within a South Africa biased and politically unequal, where skin color says it all. She, a white woman, decides to fight and pursue the rights of blacks and looking away with these racial and ethnic conflicts. It searches still to understand some topics selected by Nadine Gordimer to fictionalizing the transition period between 1990 and 1994, when many exiles and political prisoners like Nelson Mandela returned to their country, the new political changes within the African National Congress (ANC), the first free elections – in which all blacks were allowed to vote – , the conflicts generated by these changes, urban violence and deaths in large proportions, the division of people into two main races: the black and the white and the interaction between them . It is necessary to think of the protagonist of the novel, Vera Stark, which seeks to solve the blacks´ land problems in that South Africa as apart, but at the same time builds a new female identity that changes along with the political events of the country. The themes of Gordimer's works include apartheid, post-apartheid, colonialism, post-colonialism, otherness, border area, diaspora, black and white, cultural heritage and diversity issues related to politics, literature and history. It´s used to think the relationship between Literature and History the theories of White, Burke, Certeau and Pesavento; for literature and postcolonial theories Bhabha, Hall, Said, Fanon and Eagleton; and gender and ethnicity Butler, Foucault, Barth, Showalter, among others.

Keywords: Feminine Identity. Literature and History. South Africa. Apartheid. Post-Apartheid.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**
1 LITERATURA E HISTÓRIA: UM ENCONTRO COM NADINE GORDIMER **16**
1.1 Literatura e História **16**
1.2 A África do Sul e o Apartheid **32**
2 RACISMO, SEXISMO E CRÍTICA LITERÁRIA **44**
2.1 A escrita livre de Nadine Gordimer **44**
2.2 Etnias e identidades **49**
2.3 Literatura e pós-colonialismo **55**
3 A NARRATIVA DE NADINE GORDIMER NO APARTHEID E PÓS-APARTHEID **64**
3.1 Uma história vista de dentro **64**
3.2 A identidade branca de Nadine Gordimer e Vera Stark **71**
3.3 Resquícios do apartheid e a busca da liberdade na África do Sul do *pós*- apartheid: encontros e desencontros **81**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **113**
REFERÊNCIAS **117**

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe mostrar a representação da mulher branca na África do Sul pós-apartheid no romance de Nadine Gordimer, *Ninguém para me acompanhar* (None to accompany me), que tem como tema a luta contra a segregação racial e os conflitos de identidade de seus personagens dentro das fronteiras de um país e fora delas. O trabalho procura revelar traços marcantes relacionados às injustiças, tanto as raciais quanto as sociais, fazendo um paralelo entre o regime segregacionista do apartheid e o grito de liberdade do *pós*-apartheid. Vale ressaltar que temas como política, história, colonialismo, imperialismo, pós-colonialismo, diáspora, culturas híbridas, etnicidade, afrodescendência, alteridade, lugar e não-lugar serão temas recorrentes para o estudo, porque não se pode falar em literatura pós-colonial e literatura africana sem a abordagem desses temas.

Ninguém para me acompanhar, publicada em 1994, mostra a luta de uma mulher branca, Vera Stark, que combate a discriminação etno-racial vivida na África do Sul, numa cultura contaminada pelo apartheid, com seus preconceitos, violências, segregações raciais e conflitos políticos. A protagonista advoga em uma Fundação Sul-Africana – a *Fundação Legal*, cujo objetivo é garantir o acesso dos negros a terra. Ela vive as emoções de lutas políticas, de perseguições e de injustiças, de violência social como um todo frente a frente com negros e brancos — cada qual defendendo o mais bravamente possível seus pontos de vista e seus interesses. A importante advogada convive com funcionários públicos inábeis e sem engajamento com o dever e as causas da África do Sul,, com brancos que não conseguem admitir a evolução dos tempos e dos costumes e, mais ainda, consigo mesma , confrontando o trabalho que desenvolve na Fundação Legal e sua vida familiar. .

Ninguém para me acompanhar (1994) pertence à categoria de Literatura Sul-Africana Pós-Apartheid. Mesmo fazendo parte da ficção sul-africana, a abordagem analítica faz com que entendamos que a literatura sul-africana tem um novo reconhecimento cultural.

A obra em questão cria um espaço para o diálogo, identificado pelos teóricos entre o não-lugar e o lugar ou seja, entre a partida e o retorno. como o próprio romance de Gordimer que mostra uma divisão em três partes: a primeira parte é *a bagagem*; a segunda parte é *o trânsito* e a terceira parte *as chegadas*.

O estudo de *Ninguém para me acompanhar* (1994*)* segue em duas direções principais. A primeira busca compreender alguns temas e técnicas narrativas selecionados por Nadine Gordimer a fim de ficcionalizar o período de transição, entre 1990 e 1994, em que uma nova elite negra que havia retornado do exilio recentemente ou sido libertada da prisão passou a ocupar os principais cargos políticos do país. A segunda se direciona para a observação de elementos autobiográficos na narrativa para explicar a decisão tomada por Gordimer de recorrer à autoficção, uma vez que ela é conhecida por ter recusado diversas propostas para escrever suas memórias.

Nadine Gordimer seguiu a sua proposta e criou uma obra cujos romances e contos, ensaios críticos e entrevistas dialogam permanentemente e procuram manter visíveis os sinais desta continuidade, uma vez que escrever contra o apartheid foi o mesmo que escrever contra a nação realmente existente. Por esta razão, a aproximação entre a escrita de Nadine Gordimer e a historia sul-africana ocasionou a necessidade de analisar criticamente o presente, que é o momento do pós-apartheid, embora não se desvincule do movimento de apartação vivido anteriormente, mantendo os olhos voltados para o futuro onde em algum ponto o ideal de um país multirracial se fizesse possível.

1994 fora o ano em que a obra *Ninguém para me acompanhar* foi publicada. A obra de Nadine Gordimer foi produzida durante o período da transição democrática, compreendido o ano de 1989 quando muitos líderes revolucionários, incluindo Nelson Mandela, começaram a deixar a prisão e as eleições gerais de 1994 aconteceram. Para que o processo de libertação do antigo regime político, o apartheid, pudesse ocorrer foi necessário que os ativistas políticos banidos do país pudessem retornar a África do Sul. Tal regresso, seguido da formação do primeiro governo democrático pós-apartheid, constitui o foco de *Ninguém para me acompanhar.*

Ao falar sobre os regimes apartheid e *pós*-apartheid, é importante lembrar que o regime segregacionista foi o mais rigoroso de toda a história da África do Sul, porque a sua prática era totalmente aprovada pelo governo que sancionava as leis de ordem separatista e como isso garantia o poder absoluto para a minoria branca. Após a segunda Guerra Mundial, o Partido dos Nacionalistas ascendeu ao poder na África do Sul, interrompendo a política de integração que até então o governo vinha implantando. É necessário lembrar que desde o período de colonização da África do

Sul os europeus sempre buscaram obter privilégios que os mantinham socialmente superiores em relação aos negros.

A obra de Nadine Gordimer narra os conflitos vivenciados pelos negros e brancos em seus *townships*[1] dentro da África do Sul e ainda reforçando o que a autora afirma sobre o que é íntimo e o que é político, Nadine (YELIN, 1998, p. 160) comenta "a particular connection between sexuality, sensuality and politics inside South Africa. Because, after all, what is apartheid all about? It´s about black skin, and it´s about wholly hair instead of straight, long blond hair, and black skin instead of white skin."[2]

Ao discorrer sobre Nadine Gordimer, Bhabha (1998, p. 111) enfatiza o discurso de poder: os brancos colonizadores e os negros colonizados, perquirindo assim a objetificação e a subjetificação dos sujeitos: "o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um "outro" e ainda assim inteiramente apreensível e visível".

Ninguém para me acompanhar (1996) apresenta o discurso do poder dos fazendeiros brancos que querem desapropriar os negros e colocá-los nos *townships.* Essa desapropriação causa revolta à população negra e a luta de Vera Stark na Fundação Legal em favor dos negros é intensa, uma vez que ela procura solucionar os problemas de terra entre os negros e brancos e, além disso, problematizar a sua própria vida, que é dividida entre seu trabalho e suas ambições pessoais, em sua condição de mãe, mulher, branca e militante da causa negra.

> Nobody can con Vera, her agree with satisfaction. The Foundation is not a legal aid organization in the usual sense, it does not provide legal representation in the courts for individuals who cannot afford to hire lawyers. It came into existence in response to the plight of black communities who had become so much baggage, to be taken up and put down according to a logic of separation of black people from the proximity of white people. A logic can be made out of anything; it lies not in the truth of falsity of an idea, but in the means of its practical application. As part of their schedule of work for this week or that,

[1]Na África do Sul, o termo *township* geralmente refere-se às áreas urbanas habitadas, muitas vezes subdesenvolvidas que sob o apartheid estavam reservadas aos não brancos, em especial africanos negros e mulatos, mas também indianos da classe trabalhadora. Os *townships* eram habitualmente construídos na periferia de vilas e cidades.(fonte:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Township_%28%C3%81frica_do_Sul%29> Acessado em 30/11/2014 às 15:52).

[2]"[...] uma ligação particular entre a sexualidade, sensualidade e a política dentro da África do Sul. Porque, afinal, o que significa todo o apartheid? É sobre a pele negra, e é sobre todo o cabelo encaracolado em vez de cabelos loiros, lisos e longos e pele preta em vez de pele branca ".(tradução nossa).

> Government officials commandeered the appropriate personnel from the appropriate department and went off to bulldoze the homes of a community, pack the inhabitants and their belongings onto trucks drawn, like any other government equipment, from the State´s stores, and transport them to an area designated by the appropriate department. There they were supplied with tin toilets, communal taps, and sometimes, if these could be drawn from the stores department, tents. Sheets of corrugated tin might be supplied for them to begin building shacks […] (GORDIMER, 1994, p. 33-35).

> Ninguém consegue passar a perna em Vera, os colegas concordam, com satisfação. A fundação não é uma organização de assistência jurídica no sentido usual do termo, não fornece representação legal a indivíduos sem recursos para contratar advogados. Ela nasceu em resposta à triste situação das comunidades negras que se tornaram em grande medida apenas uma bagagem, a ser transportada e largada, segundo a lógica que dita o distanciamento dos negros da proximidade com os brancos. Uma lógica surge de qualquer coisa; ela reside não na veracidade ou falsidade de uma ideia e sim nos meios de sua aplicação prática. Como parte do organograma de trabalho dessa ou daquela semana, funcionários do governo comandavam o pessoal adequado do departamento adequado e saíam para reduzir a pó os lares de uma comunidade, empacotar os habitantes e seus pertences em caminhões retirados, como todos os demais equipamentos do governo, dos armazéns do Estado, e transportá-los para uma área designada pelo departamento adequado. Ali recebiam latrinas de lata, torneiras comunitárias e, às vezes, caso desse para retirá-las dos armazéns do governo, barracas de lona. Talvez houvesse distribuição de folhas de zinco, para começarem a construir os barracos [...] (GORDIMER, 1996, p.19).

Vera, mesmo sendo uma mulher branca, colonizadora, não desiste das lutas pelas causas dos oprimidos numa África do Sul tão desigual, lutando contra a objetificação dos subalternos.

Os pressupostos teóricos que fundamentam a análise consistem nos estudos sobre pós-modenismo, pós-colonialismo, literatura, história, gênero, cultura, identidade e etnicidade de Thomas Bonnici, Gayatri Chakravorty Spivak, Edward Said, Sandra Jatahy Pesavento, Haiden White, Michel de Certeau, Stuart Hall, Hommi Bhabha, Frantz Fanon, Fredrik Barth, Judith Butler, entre outros.

Esta pesquisa tem, pois, como objetivo analisar o processo histórico-literário de construção de identidades através dos vários episódios vivenciados dentro da África do Sul, como também mostrar as diferenças e os preconceitos sofridos pelos personagens do romance: VeraStark, Ben Stark, Ivan, Annick, Oupa Sejake, Sibongile Maqoma, Didymus Maqoma, Mpho Maqoma, Zeph Rapulana, Otto Abarbanel, Lou, Lazar Feldman, Adam, entre outros.

O primeiro capítulo é dedicado à Literatura e História, discutindo questões políticas da África do Sul e seus conflitos socioculturais como suas nuanças num país de negros dominados por brancos. O segundo capítulo versa sobre Etnia, Raça, Sexismo e Crítica Literária, com aportes teóricos voltados a questão em pauta. No terceiro capítulo, será feita uma análise maior do romance, reforçando as questões voltadas para o racismo, gênero, identidade, apartheid e pós-apartheid. Para concluir o trabalho, evidenciará fatos de violência em trechos da obra que confirmem o abuso do poder no apartheid da África do Sul, seguido das considerações finais. Por todo o trabalho, aparecerão trechos do romance que é o objeto maior do estudo.

1 LITERATURA E HISTÓRIA: UM ENCONTRO COM NADINE GORDIMER

1.1 Literatura e História

> A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. Senti-me atraído por essas formas diversas de expressão, não em detrimento da literatura, mas ao lado dela (TODOROV, 2012, p.22).

A menção feita à Literatura por Todorov questiona o rumo que levaria a literatura do pós-apartheid na África do Sul, que até poderia acabar com o estranhamento de outros temas como o desemprego, as doenças, principalmente a AIDS, a xenofobia, o cotidiano, pois o que importaria para a literatura da África do Sul seria somente escrever contra a política segregacionista da África do Sul e os outros temas não seriam relevantes.

Num artigo publicado no *New York Times* em 2006, a crítica literária Rachel Donadio fez uma abrangente avaliação do estado atual da literatura sul-africana. Ela entrevistou diversos escritores das mais variadas origens sociais. Dentre os entrevistados, o jovem autor Damon Galgut fez a seguinte afirmação: “A literatura de resistência acabou. Não há mais nada a resistir” (DONADIO, 2006). Uma declaração do escritor Niq Mhlongo, também citada por Donadio, confirma esta hipótese. Segundo Mhlongo, a maioria dos escritores negros que escreviam antes da democracia concentrou-se na política, mas agora há muitas coisas sobre as quais escrever — a pandemia de AIDS, a pobreza, a criminalidade, a xenofobia, o desemprego. Minha atenção não se limita ao apartheid porque há muitas coisas acontecendo na África do Sul hoje em dia (DONADIO, 2006).

A literatura da África do Sul reflete as condições sociais e políticas do país. A transição da condição de sociedade colonial para pós-colonial é marcada pela escrita dos primeiros autores europeus ou sul-africanos filhos de europeus.. Um tipo de romance que tem sua própria história na África do Sul é o romance político. Muitos foram e são os escritores a tratar dos problemas políticos do país.

Segundo Pesavento (2012), Paul Veyne, com seu livro *Como se escreve a história*, publicado em 1971, iria, na Europa, pôr em xeque as concepções até então assentes para a História, com seus questionamentos que se contrapunham à própria

cientificidade da disciplina. Revolucionária, a posição assumida pelo historiador francês foi verdadeira iconoclasta: a História era, no seu entender, uma narrativa verídica, como relato do que ocorrera um dia. Enquanto discurso, era capaz de fazer reviver o vivido, mas não mais que o romance. Ora, com tal assertiva, a História passava a ser uma espécie de romance verdadeiro, com o que as estratégias ficcionais se introduziam nos domínios do Clio[3] pela fala autorizada de um historiador (PESAVENTO, 2012, p. 33).

Para Veyne (*apud* PESAVENTO, 2012, p.33), "a História tinha um campo indeterminado, salvo a exigência de lidar com o acontecido, o que fazia da história uma narrativa distinta daquela da literatura!" Para Pesavento (2012, p. 34), a História como narrativa apresentava versões sobre os fatos que teriam ocorrido um dia, narrativas essas elaboradas de forma subjetiva a partir de dados objetivos, por escolhas feitas pelo historiador diante de um horizonte infinito de temas. Assim, o historiador selecionava, simplificava e organizava os dados do passado em função de uma pergunta para a qual construía uma resposta, dotada de um sentido. Sim, pois a História era o resultado de uma interrogação, feita pelo historiador; de uma escolha e de uma organização dos dados, tal como montagem de uma intriga, também construídas pelo historiador.

Logo, tudo poderia ser história, não havendo, portanto, a História, mas as histórias, espécies de itinerários possíveis que não dariam conta da totalidade ou da verdade, mas proporcionariam explicações plausíveis. Enquanto narrativa, a história comportava uma intriga a ser deslindada, embora tendo em vista que a realidade não era, em si, racional (PESAVENTO, 2012, p.34).

O que será exposto no romance é o discurso histórico, pois os fatos relacionados à segregação racial e ao apartheid aconteceram na África do Sul, e não se pode negar, nem excluir da História. Contudo, além dessa historicidade, da explicação dos acontecimentos, há a questão performática das personagens através da narração ficcional que falar-se-á de questões pessoais dentro do momento histórico-político vivido no país, porque esses objetos históricos fazem parte do discurso. Veja-se um trecho do discurso de Nadine Gordimer sobre o movimento apartheid em seu livro *O gesto essencial* (1992):

[3] Clio foi uma das nove musas da mitologia grega. Ela é a musa da História e da Criatividade, aquela que divulgava e celebrava realizações. Ela preside a eloquência, sendo a fiadora das relações políticas entre homens e nações (<http://clioaulas.blogspot.com.br/2009/10/por-que-clio.html> acessado em 01/12/2014).

> [...] É o que a levou a investir contra os males do apartheid com tanta veemência e vigor. É o que lhe fornece forças com as quais ela resistiu e atacou a censura. Essa mesma ética é o que sustenta sua ficção e sua não-ficção, num compromisso de não ver nem mais nem menos do que aquilo que é. É esse o cerne de convicção íntima que lhe permitiu transformar sua identidade social em consequência das exigências da verdade, descartar o que não é mais viável, assumir as tarefas resultantes das novas obrigações.[...]São qualidades pessoais, e é claro que onde quer que Nadine Gordimer atuasse como escritora, elas teriam se salientado. Mesmo assim, se elas têm ênfase especial na África do Sul, isso resulta de um único fato sociológico: a realidade da marginalidade de Nadine Gordimer. Essa talvez seja um tópico que suscite surpresa: que a escritora de renome mundial ainda seja uma figura marginalizada. A situação, porém, é que, na África do Sul, de Nadine Gordimer pertence, como ela mesma diz, a uma minoria dentro da minoria. Lá fora está o universo do *apartheid* . A maioria – quase constituída de negros – sofre sob um dos sistemas mais complexos destinados à opressão racial e à exploração econômica. A minoria – de modo geral, os brancos – consiste nos que exercem a opressão e a exploração para seu próprio suposto benefício. Dentro desse universo, existe ainda mais um grupo – o dos brancos que opõem ao sistema, que desejam de algum modo uma união com a verdadeira maioria do país. No entanto, a forma de realizar esse desejo continua sendo uma interrogação, que se aprofunda na década de 1970, quando o movimento da Consciência Negra começa a rejeitar toda e qualquer forma de associação com os brancos.[...] (CLINGMAN, 1992, p. 13-14)

Através do discurso acima, compreende-se o que foi o movimento de apartação na África do Sul, mas ainda se deve falar que outros problemas se imbricaram dentro do apartheid, como sofrimento das crianças que morrem de inanição nas homelands[4] da África do Sul, ou as famílias divididas e mantidas em completa miséria pelas exigências sociais e econômicas do sistema de mão de obra migrante. Esses problemas estão implícitos na narrativa de Nadine Gordimer, embora o romance em foco volte o olhar mais para o regresso dos exilados para a África – a libertação de Nelson Mandela, depois de vinte e sete anos preso na Ilha Robben, acontecimentos que surgiram logo depois de 1992, pós-apartheid, embora todos os problemas vividos no apartheid, não se dissociem do momento atual.

Gordimer (2012) em *Tempos de Reflexão* – de 1954 a 1989 de Nadine Gordimer, diz que a definição para o apartheid depende das respostas obtidas na África do Sul... O que é o apartheid? Se você perguntar a um membro do governo sul-africano, ele vai lhe responder: – é o desenvolvimento separado e paralelo dos

[4] Homeland: any of the thirteen racially and etnically based regions created in South Africa by the South African government as nominally independente tribal ministates to which blacks ar assigned (<http://dictionary.reference.com/browse/homeland> Acessado em 11/12/2014 às 11:32)

brancos e negros – essa é a definição oficial, legal. Se perguntar a um branco comum que apoia essa política de segregação, de apartação, ele vai responder: – é o meio de manter a África do Sul branca. Se a pergunta for feita a um negro, ele pode lhe dar qualquer uma dentre várias respostas, dependendo do aspecto do apartheid contra o qual bateu de frente naquele dia, pois aos seus olhos não é um conceito ideológico nem uma política, mas um contexto em que toda a sua vida – aprendizado, trabalho, amor – está encerrada.

Gordimer (2012, p. 78) continua mencionando os conflitos da política segregacionista, mais indagações sobre o apartheid*,* se você quiser saber como os africanos – os negros – vivem na África do Sul, vai obter como resposta à sua curiosidade uma exposição do apartheid em ação, pois em toda a vida de um negro – toda a sua vida – a rejeição do branco, muito antes de ter se consolidado em leis e legislação, muito antes de ter se tornado uma teoria de seletividade racial e a política de um governo. Os nacionalistas africâneres (um africâner é um branco de descendência holandesa cuja língua materna é o africânder; um nacionalista é um membro ou partidário do Partido Nacional, atualmente no poder) não o inventaram, apenas o desenvolveram, e o impulso de Caim[5] que os incitava está vivo hoje em muitos sul-africanos brancos, tanto nos que falam inglês como nos que falam africânder.[6]

A história do apartheid está ligada a Nelson Rolihlahla Mandela, conhecido como “Madiba”, o apelido que remete ao nome de seu clã e à África do Sul. Ele permaneceu vinte e sete anos na prisão da Ilha Robben por tentar derrubar o

[5] A história de Caim e Abel está relatada no início da Bíblia, no capítulo quatro do livro de Gênesis. Consta que após serem expulsos do Jardim do Éden, Adão e Eva tiveram seus dois primeiros filhos: Caim e Abel. *“E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse: Alcancei do Senhor um homem. E deu à luz mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra” (Gn 4,1:2).* De acordo com as escrituras, naquele tempo, eles praticavam atos de adoração ao Senhor sacrificando parte de suas produções. E toda vez que faziam a oferta ao Senhor, Este agradava das que Abel oferecia e não se agradava das ofertas de Caim. Isso se justifica pelo fato de que Abel oferecia as primícias, ou seja os primeiros e melhores frutos para serem dedicados a Deus, indicando o coração voltado a Ele, colocando o seu Senhor em primeiro lugar. Em seu caso, a melhor ovelha. Enquanto Caim oferecia o que restava da colheita, o que tornou seu ato de ofertar ao Senhor como um ato de formalidade, um ato sem importância. O resultado disso foi que o Senhor se agradou da oferta de Abel e não se agradou da oferta de Caim. Não bastasse colocar o Senhor em segundo plano, a história relata que Caim invejou o irmão, vindo a fazer aquilo que seria o primeiro homicídio: Caim matou Abel*. “E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou” (Gn 4:8)(* http://www.infoescola.com/biblia/caim-e-abel/ acessado em 11/12/2014 às 114:44)

[6] surgiu na região do Cabo da Boa Esperança na África do Sul como resultado da interação entre os colonos europeus, na sua maioria de origem holandesa - misturados com franceses e alemães - , a população africana local e a força de trabalho asiática (geralmente malaia) trazida para a região pela Companhia Holandesa das Índias Orientais.

apartheid, governo racista que prevaleceu na África do Sul entre 1948 e 1994, ano que a obra *Ninguém para me acompanhar* foi publicada.

O apartheid começou a ser instalado na África do Sul em 1948, pelo Partido Nacional. “Muitos dos seus líderes foram influenciados pela ideologia nazista”, diz o historiador americano Thomas McClendon (REVISTA VEJA, 2013, p. 132-134), da Universidade South-western, no Texas. A ideia de superioridade branca estava intrinsecamente relacionada à história dos africâneres, descendentes dos holandeses que chegaram ao país no Século XVII e lutaram pela sua independência combatendo os ingleses. Entre eles se havia disseminado a crença de que eram os escolhidos por Deus e, portanto, superiores a outras “raças”. Ao todo, o Partido Nacional criou 148 leis para restringir os direitos dos negros. A proibição de casamentos inter-raciais entrou em vigor em 1949. Em 1953, foi instituída a segregação em lugares e serviços públicos. Os negros, que representavam 80% da população, revoltaram-se contra as imposições e foram reprimidos. Em 21 de março de 1960, a polícia sul-africana abriu fogo contra um protesto pacífico na cidade de Sharpeville, deixando 69 mortos, entre os quais mais de quarenta mulheres e crianças, e 180 feridos. O episódio convenceu vários líderes negros – entre eles Mandela, então um advogado que militava no Congresso Nacional Africano (CNA) – de que a resistência civil não levaria o governo a negociar. Mandela era um revolucionário quando entrou na prisão, e saiu de lá um estadista disposto a negociar com o inimigo a construção de um país mais justo. (REVISTA VEJA, 2013, p. 132 e 134). Eis um excerto de um texto autobiográfico de Nelson Mandela escrito na prisão:

> A civilização ocidental não apagou totalmente minha origem africana, e não esqueci meus dias de infância, quando nos reuníamos em torno dos mais velhos para ouvir a riqueza de sua sabedoria e experiência. Era o costume dos nossos antepassados, e na escola tradicional em que crescemos. Ainda hoje respeito os mais velhos da nossa comunidade e gosto de conversar com eles sobre os velhos tempos, quando tínhamos nosso próprio governo e vivíamos em liberdade.(MANDELA,2010, p. 42).

Para Glissant (2005, p. 54-55),

> ouvir o outro, os outros, é ampliar a dimensão espiritual de sua própria língua, ou seja, colocá-la em relação. Compreender o outro, os outros, é aceitar que a verdade de outro lugar se justaponha à verdade daqui. E harmonizar-se ao outro é aceitar acrescentar às

> estratégias particulares desenvolvidas em favor de cada língua regional ou nacional, estratégias de conjunto que seriam discutidas em comum.

Em *Ninguém para me acompanhar* (1994), Vera Stark, a protagonista do romance, movida por uma proteção ao outro, advoga numa Fundação Legal, fundação essa que luta pelos direitos dos negros, permitindo que eles retomem suas terras usurpadas pelos brancos através de diálogos e negociações com os fazendeiros brancos. Nessa absorção do outro, volta-se para si mesma e para sua vida, mergulhando profundamente em seus problemas profissionais e pessoais, pois ela não se vê na simples condição de mãe e mulher, mas muito além disso: ela quer dar aos negros o direito de uma vida humana dentro de seu país e se cobra por isso, mas ao mesmo tempo o seu olhar é voltado para seus conflitos pessoais, buscando novos prazeres, principalmente os íntimos, os prazeres sexuais .Por isso o romance é permeado por questões políticas e íntimas em permanente diálogo.

Para a construção da superioridade de uma nação, faz-se necessária a construção de um 'outro' inferior, que chamamos de outremização. Esse termo, cunhado por Gayatric Spivak (1985), descreve o processo de ' transformar' o sujeito colonial em outro, a partir dos pressupostos de superioridade do sujeito metropolitano. A outremização é particularmente muito próxima da objetificação visto que, segundo Spivak (*apud* ASHCROFT et al.,1998, p.172) "a criação de outros nada mais é do que a criação de pequenos objetos do/para o imperialismo". Todavia, se a outremização está intimamente ligada à construção da alteridade, hierarquizando as diferenças e construindo a inferioridade do 'outro', objetificação tira do 'outro' sua agência, sua voz e sua subjetividade, deixando-o literalmente no papel de objeto.

Logo da separação do primeiro marido, o soldado de guerra retoma a casa, para conversar com Vera e resolverem o problema da separação:

> There were between them the silence of nothing left to say. Nothing of their boy-girl love affair, their clumsy assumption of adulthood together, when she was seventeen, in a marriage interrupted by war. Absently he took off the toss to a chair the jacket with its epaulettes and insignia, its stripe of campaign ribbons, and got down on his hunkers, searching through the lowest drawers of the piece of furniture. She opened a window to stablish that the closeness in the room was lack of air.[…] Arms crossed, she stood there, watching as he set aside papers in sorted piles, and his back with its muscles

> moving under the stretched cloth of the shirt, the unawareness of her expressed in the nape grained with sunburn and clipped pale hair bared before her, the warmth of the flesh releasing the smell of a clean, creased shirt – she could not believe the sensation this was bringing her.[…] Vera was awarded the house in her divorce settlement and her lover. Bennet Stark became her husband the day after her divorce was final. She gave up the wartime job she had had as secretary to someone in the set she had mixed with in her previous life, got herself articled to a legal firm and registered as a part-time law student at the university. There were no children of her previous marriage and, having lived with her lover in confident anticipation that they would be able to marry soon, she entered the second marriage already pregnant (GORDIMER, 1994, p. 28-30,35-36).

> Cresceu entre eles o silêncio de quando não sobra mais nada a dizer. Nada do amor de menino e menina, da presunção desastrada de amadurecerem juntos, de quando ela tinha dezessete anos, num casamento interrompido pela guerra. Distraído, ele tirou e jogou sobre uma cadeira o paletó com suas dragonas e insígnias, sua faixa de fitas de campanha e, de cócoras, continuou dando busca nas gavetas inferiores do móvel. Ela abriu uma janela para estabelecer que a proximidade no quarto era falta de ar. [...] De braços cruzados, ela ficou ali, observando enquanto ele separava a papelada em diferentes pilhas, os músculos das costas mexendo-se sob o pano estirado da camisa, o alheamento a sua presença expresso na nuca gretada de sol e no cabelo claro, tosado, ali diante dela, o calor da carne liberando o cheiro de uma camisa limpa e passada a ferro – não acreditou na sensação que isso estava provocando. [...] No acordo da separação, Vera ficou com a casa, e o amante Bennet Stark tornou-se marido um dia depois de sair a sentença definitiva do divórcio. Largou o emprego onde trabalhava durante a guerra, como secretária de alguém do círculo de amigos da vida pregressa, arranjou um estágio numa firma de advocacia e matriculou-se como estudante de direito em regime de meio período na universidade. Não havia filhos do casamento anterior e, tendo vivido com o amante na confiança antecipada de que poderiam se casar em breve, já entrou grávida no segundo casamento (GORDIMER, 1996, p. 16-17)

A situação de Vera, personagem de Gordimer acima mencionada, ilustra as teorias de Zolin (2005) em relação à crítica literária feminista no que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário. Essa visão deve muito ao feminismo que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher.

> As mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-

> maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual, etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário (ZOLIN, 2005, p.183).

As personagens de *Ninguém para me acompanhar* experimentam, de formas diferentes, essa sensação de ruptura. A própria estrutura da obra nos indica que algo inesperado está prestes a acontecer. A obra é divida em três partes: *Bagagem, Trânsito* e *Chegadas*. As partes indicam não só o movimento de Vera Stark, a protagonista que deixa para trás uma parte de sua vida – o matrimônio –, e é forçada a encarar as escolhas de seu passado que tanto influenciaram a sua vida familiar, como também pode ser lida como uma metáfora para as transformações vividas pela própria África do Sul. O livro foi publicado em 1994, época em que Nelson Mandela sai da prisão, e narra o processo de transição vivido pelo país com a volta de exilados políticos; a ascensão de um grupo de militantes negros ao poder, a formação de uma classe média negra e o respectivo impacto de todas essas mudanças na elite branca da qual Vera Stark faz parte.

A autora lutou contra os preconceitos raciais e étnicos e defendia sempre os aspectos mais amplos da política e história, muito embora seus relatos sejam repletos de tensões morais e psicológicas. A obra que a tornou conhecida mundialmente foi *A filha de Burger* (1979). Além de ter recebido o Nobel de Literatura em 1991, recebeu inúmeros prêmios por seus trabalhos como escritora. Seus escritos foram traduzidos em vários idiomas e recebeu vários prêmios *honoris causa.*

Em *Ninguém para me acompanhar* (1994) ela narra a vida de Vera Stark, uma advogada de uma fundação que luta o tempo todo pelo direito dos negros ao acesso a terra. Vera reivindica, discute e briga pelos direitos desses seres invisíveis que vivem separados da sociedade branca da África do Sul. À medida que as coisas começam a se transformar — com os movimentos antiapartheid emergindo da clandestinidade, velhos líderes voltando do exílio e negociando com o governo branco —, ela se deixa absorver pela realidade ao seu redor, com uma intensidade que nenhum membro de sua família é capaz de acompanhar.

O que torna a narrativa mais contrastante, é que ao narrar esse processo de transformação e engajamento, Gordimer não perde de vista nenhuma das dimensões afetivas e sexuais que estão em jogo. Através de uma sábia manipulação

da trama, potencializa-as, revelando a estreita convivência entre o que é *íntimo* e o que é *político.*

No romance, Vera Stark é a personagem que emoldura a situação, pois desempenha uma função importante na Fundação Legal, num país cheio de conflitos e traumas políticos pós-apartheid*.*

> Vera and Bennet gave a party on one of their their wedding anniversaries, the year the prisons opened. It was a season for celebration; sports club delegations, mothers´union and herded schoolchildren stood around Nelson Mandela´s old Soweto cottage queueing to embrance him, while foreign diplomats presented themselves to be filmed clasping his hand. […] as Vera says, an on this year of all years it seemed a god excuse to go further than that: to let themselves and their friends indulge a little in the euphoria they knew couldn´t last, but that they were entitled to enjoy now when, after decades when they had worked towards it without success, change suddenly emerged, alive, from entombment. There were her Legal Foundations colleagues, of course; and white men and women who had been active in campaigns against detention without trial, forced removals of communities, franchise that excluded blacks; student leaders, ganged up under a tree in the garden drinking beer from cans, who had supported striking workers; a couple of black militants clergymen and an Afrikaner dominee excommunicated for his heresy in condemning segregation; a black doctor who hid and treated young militants injured in street battles with the police and army; black community leaders who had led boycotts; one or two of the white eternals from the street meetings of the old Communist Party, from the passive resistance campaigns of the Fifties[…] (GORDIMER, 1994, p.11-14)

> Vera e Bennet Stark deram uma festa, num dos aniversários de casamento, no ano em que as prisões abriram as portas. Era uma época para celebrações; delegações esportivas, clubes de mães e bandos de escolares postavam-se em fila diante da velha casa de Nelson Mandela, em Soweto, para abraça-lo, enquanto diplomatas estrangeiros se apresentavam para serem filmados apertando-lhe a mão[...] como diz Vera, e nesse ano, especialmente , parecia haver um bom motivo para ir mais longe que isso: dar a si e aos amigos a chance de aproveitar a euforia que eles sabiam efêmera, mas a que tinham direito agora que as mudanças, depois de décadas de trabalhos infrutíferos em prol delas, de repente ressurgiam vivas do sepulcro. Havia, claro, os colegas da Fundação Legal; os brancos, homens e mulheres, que participaram ativamente de campanhas contra detenções sem julgamento, contra remoções forçadas de comunidades inteiras, contra privilégios que excluíam os negros; os líderes estudantis que haviam apoiado grevistas, agrupados debaixo de uma árvore no jardim bebendo cerveja direto da lata; alguns sacerdotes negros militantes e um pastor africânder, da Igreja Reformada Holandesa, excomungado como herege por ter condenado a segregação; um médico negro, que se escondeu para cuidar de jovens militantes feridos em batalhas de rua com a polícia

> e com o exército; líderes da comunidade negra que presidiram os boicotes; e um ou dois daqueles eternos brancos que sobreviveram sob muitos disfarces, remanescentes das reuniões de rua do velho Partido comunista, das campanhas de resistência pacífica dos anos cinquenta [...] (GORDIMER, 1996, p. 12-13)

Infere-se que a narrativa de Gordimer terá início a partir do momento em que novas mudanças na África do Sul surgem, como o retorno dos exilados, a saída de Nelson Mandela da prisão, e a complexidade da situação política que os aguardava. Surgia, pois, um novo olhar voltado ao futuro da África do Sul. A presença destes personagens "reais" no romance, bem como o interesse em retratar a atmosfera reinante a época, estava fazendo com que a África do Sul reescrevesse sua história, não mais uma história de tristeza e dor, mas sim uma nova história com outras nuanças e acontecimentos menos mordazes.

Em seu livro *Tempos de Reflexão – De 1954 a 1989* (2012), Gordimer afirma que a literatura sul-africana foi fundada num ato político não registrado: o registro em caracteres romanos de uma canção laudatória tribal. Mas as histórias plantadas nas teses de doutorado em literatura sempre começam com os escritos de um colonizador branco, um inglês, Thomas Pringle. Ele nasceu no ano em que teve início a Revolução Francesa e veio para a África do Sul em 1820 pelo plano governamental britânico de imigração assistida a que recorreu por causa da depressão agrícola na Inglaterra após Waterloo. Gordimer (2012, p. 271) diz que os sul-africanos brancos podem ser chamados um tanto rudemente, como Norman Mailer[7] se referiu a seus colegas americanos, "uma nação de refugos transplantados pelo decreto de cada uma das imigrações dos últimos 350 anos". Pringle liderou um grupo escocês que se assentou na fronteira do chamado Território Neutro do Cabo, do qual o povo xhosa tinha sido expulso. Até esse ponto, ele é um clássico homem da fronteira; mas esse escrevinhador de versos de circunstâncias logo sentiu a necessidade canhestra de adaptar sua tardia dicção agostiniana e sentimentalidade pastoral aos acontecimentos crus da África.

Ao falar em Literatura e Política na África do Sul, a associação da política com a literatura produz uma equação instantânea: *censura.* Gordimer (2012) diz que a

[7] Norman Kingsley Mailer was an American novelist, journalist, essayist, poet, playwright, screenwriter, and film director.(http://www.goodreads.com/author/show/7927.Norman_Mailer, acessado em 11/12/2014 às 18:52).
Norman Kingsley Mailer foi um escritor, jornalista, ensaísta, poeta, dramaturgo, roteirista e diretor de cinema americano.(tradução nossa).

censura pode ser o fim, num sentido literal de um livro ou de um escritor: o livro não lido, o escritor silenciado. Mas a *censura* é o efeito mais extremo, final e mais óbvio da política sobre a literatura, em vez da soma do assunto.

Há outras formas de *censura* na África do Sul. Qualquer um que seja objeto de interdição política não pode ser publicado ou citado; o que significa que os livros de vários escritores brancos no exílio e aqueles de vários escritores negros no exílio e dentro do país são automaticamente proibidos seja qual for seu conteúdo ou forma. A respeito da censura, na década de 1950 e início de 1960, um grupo de escritores negros que explodiu na literatura sul-africana desapareceu do cânone literário como se tragado por um alçapão (GORDIMER, 2012, p. 271).

O que é reproduzido nos romances de Nadine Gordimer, como também em obras de outros escritores sul-africanos, é o cotidiano vivenciado pelo povo que é dividido pelo apartheid numa África do Sul cheia de conflitos e desigualdades de uma cultura de guerras e separação.

Em algumas explanações acerca do apartheid, Gordimer, inicia seu discurso questionando o que vem a ser este sistema segregacionista. E começa a dar respostas mais variadas sobre o tema em questão. E diz:

> Depende de quem responde. Se você perguntar a um membro do governo sul-africano, ele vai lhe dizer que é o desenvolvimento separado e paralelo de brancos e negros – essa é a definição oficial, legal. Se perguntar a um branco comum que apoia essa política, ele vai lhe dizer que é o meio de manter a África do Sul Branca. Se perguntar a um negro, ele pode lhe dar qualquer uma dentre várias respostas, dependendo do aspecto do apartheid contra o qual bateu de frente naquele dia, pois aos seus olhos não é um conceito ideológico nem uma política, mas um contexto em que toda a sua vida – aprendizado, trabalho, amor – está encerrada (GORDIMER, 2012, p.77).

O narrador faz instruções na obra, ao conversar com o leitor, descrevendo o preconceito racial na África do Sul e a supremacia dos brancos sobre os negros: a separação de negros e brancos, os negros vivendo sob condições precárias em guetos afastados do centro da cidade e os brancos em área urbana privilegiada. Essa apartação era notória dentro dos territórios da África do Sul, na região do Transvaal, onde acontece a narrativa. Há um questionamento que corrobora no que caracteriza a cor da pele e o seu poder econômico, “na África do Sul, os operários brancos mostram-se tão racistas quanto os dirigentes e os patrões – e às vezes mais ainda” (FANON, 2008, p.85).

Devem existir dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos na África do Sul, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a um branco minoritário. De acordo com o que avalia Gordimer sobre o que é viver na África do Sul dos brancos, ela afirma:

> Os africanos criaram um tipo de vida próprio. É uma vida de favela, uma vida de "quem não tem cão caça com gato", porque, embora eu fale de cidades dos negros fora das cidades dos brancos, essas cidades dos negros – conhecidas como "os distritos dos negros" – não são "harlems"[8]. São padrões retangulares tristes de casas populares soturnas, ou grandes proliferações enfumaçadas de cabanas meio malucas de tijolos lascado ou lata, com poucas luzes de rua, poucas lojas. A vida ali é enérgica, irreverente e franca. Todo intercâmbio humano do tipo extrovertido floresce; parados num beco miserável, sentimos a rajada emocionante de uma grande vitalidade. Aqui e ali, em pequenos quartos onde uma vela cria grandes sombras, há muita conversa. É atraente, em especial para os brancos; mas é também triste, desolado e terrível. Talvez não seja ruim ser um Villon[9] no distrito negro; mas é trágico, se nunca se puder ser nada mais. (GORDIMER, 2012, p. 81)

A barreira da cor da pele é muito forte na África do Sul dos brancos. O trabalhador mais humilde terá uma vida ainda mais miserável por ser negro. Se fosse branco, não haveria ao menos nenhum limite para as ambições de seus filhos. A cor da pele na África cria deformidades na alma. É uma necessidade ser ao menos mestiço para obter o mínimo dos privilégios dos brancos. Na cidade de Johannesburgo, a maior cidade da África do Sul, Gordimer (2012, p. 78) diz " ao redor da cidade dos brancos, particularmente a oeste e ao norte, existe outra cidade, a Johannesburgo dos negros". Observa-se que há uma separação nítida de preto e branco, há também a presença um pouco embaçada de comunidades de mestiços e indianos.

> Alguns africanos nascem, em seus distritos negros, claros o bastante para passarem por mestiços. Fazem o papel de mestiços para obter o mínimo das condições básicas de sobrevivência, pois sendo mestiços, poderão obter maiores benefícios – melhores empregos, melhores casas, mais liberdade de locomoção – que essa condição proporciona, pois, quanto mais próximo se chega da cor branca, menos restrita é a vida. Alguns desses mestiços nascem, em seus distritos negros, claras o bastante para passarem por brancos. Uma

[8] Harlem é um bairro localizado ao norte de Manhattan , em Nova York . Desde 1920, ele tem sido um dos maiores lar de muitos afro-americanos e, atualmente, estima-se que compõem 72% da população.

[9] François Villon (c. 1431-1463) foi um poeta francês medieval. Era ladrão, boêmio e ébrio, sendo por isso tido como precursor dos poetas malditos do Romantismo (N.T).

> pele clara é o equivalente a uma colher de ouro na boca de uma criança; em outros países, os mestiços podem ser tentados a passar por brancos por razões sociais, mas na África do Sul uma face clara e cabelos lisos podem obter as coisas básicas – uma boa escola, aceitação em vez de rejeição ao longo da vida (GORDIMER, 2012, p.81).

Para justificar tal efeito sobre a cor da pele, Gordimer explicita essa ambição das pessoas mestiças e deixa claro que elas preferem viver a mentira, fingindo ser branco a aceitar sua própria identidade e o único medo delas é que essa impostura seja descoberta.

Para ilustrar essa afirmação da barreira da cor da pele, trazemos à luz da discussão o que Fanon afirma:

> Em outras palavras, o *negro* não deve ser mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, um vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação(ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p.95).

Em uma obra que se aborda o preconceito racial e a segregação, o espaço e o deslocamento tem um papel essencial, pois essa barreira de cor está dentro desses limites, excluindo assim o convívio entre negros e brancos.

Para Bhabha (1998), ao falar da questão cultural, a perspectiva pós-colonial força a repensar as profundas limitações de uma noção “liberal” consensual e conluiada de comunidade cultural. Ele insiste que a identidade cultural e a identidade política são construídas através de um processo de alteridade. Questões de raça e diferença cultural sobrepõem-se às problemáticas da sexualidade e do gênero e sobredeterminam as alianças sociais de classe e de socialismo democrático. A época de “assimilar” as minorias em noções holísticas e orgânicas de valor cultural precisa ser repensada de uma perspectiva pós-colonial, de modo semelhante à profunda alteração na linguagem da sexualidade, do indivíduo e da comunidade cultural, efetuada pelas feministas na década de 70 e pela comunidade gay na década de 1980 (BHABHA, 1998, p. 244-245).

No romance em pauta, questões culturais se entrelaçam: a arte e a história, a guerra e a paz, o negro e o branco, o feminino e o masculino, o centro e a margem,

o público e o privado, o passado e o presente, o político e o íntimo, etc. Mas na visão pós-colonial, a autora procura afirmar essa colaboração da história para a arte com sua historicidade e ficção.

Para Certeau (2013), antes de saber o que a história *diz* de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Essa instituição se inscreve num complexo que lhe *permite* apenas um tipo de produção e lhe *proíbe* outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele *torna possíveis* certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras *impossíveis*; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes – sociais, econômicos, políticos – na análise. Essa combinação entre *permissão* e *interdição* é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com *qualquer coisa*. É igualmente sobre essa combinação que age o trabalho destinado a modificá-la (CERTEAU, 2013, p. 35).

Em relação à história política da África do Sul, os fatos existiram: a segregação racial, conhecida como apartheid, desestruturou a sociedade, afastou as famílias de seus domicílios, pois tiveram que procurar asilo político em outros países, sofreram muitas perdas e ao retornarem à sua pátria tiveram que recuperar suas terras, se readaptar aos velhos hábitos e até mesmo reaprender a própria língua.

> Now that the Act that put the Idea into practice has been abolished by the beginning of political defeat of that power, the Foundation has not, as might be expected, become redundant. Mrs. Stark was not entirely right – or rather she and her colleagues, absorbed in pragmatic strategies while the Act was in force, had no time to think how far beyond its old promulgation and logical enactment, beyond its abolition, its consequences would become yet new consequences. Now communities whose removal the Foundation had been unsuccessful in stalling are coming to present the case for having restored to them the village, the land, their place, which was taken from them and allotted to whites. The same old men in stained worn suits, taking off hats in hands that seem to be uprooted from earth, sit on the other side of the interviewer´s desk. There is the same patient alertness needed to listen to the tale and, while it is being told, assess where, out of desperation and guile, it is omitting something the emissary thinks might prejudice his case, where it is being exaggerated for sympathy, and where the facts and their truthful interpretation are the strength of the case, something to work 1on. (GORDIMER,1994, p. 51-53)

> Agora que a Lei que pôs a Ideia em prática foi abolida com o início da derrota política daquele poder, a fundação não se tornou, como seria de se esperar, supérflua. O raciocínio da Draª Stark não estava totalmente correto – ou, melhor dizendo, ela e os colegas, absortos que estavam em estratégias pragmáticas enquanto a Lei vigorava, não tiveram tempo de pensar em que medida, depois de sua promulgação e lógica vigência, e depois de sua abolição, suas consequências ainda viriam a criar novas consequências. Agora as comunidades cuja transferência a fundação não fora capaz de evitar vêm pedir a restituição das aldeias, da terra, *do seu lugar*; do que lhes foi tirado para dar aos brancos. Os mesmos velhos, vestidos com os mesmos ternos surrados e manchados, segurando o chapéu em mãos que parecem ter sido arrancadas da terra, sentam-se do outro lado da escrivaninha do entrevistador. É preciso a mesma atenção paciente para ouvir os relatos e, enquanto estão sendo feitos, é necessário onde, por desespero e esperteza, a narrativa omite algo que o emissário acha que poderá prejudicar o pedido, onde o exagero busca simpatia e onde os fatos e sua interpretação verídica constituem a força do caso, algo em torno do qual trabalhar (GORDIMER, 1996, p. 20).

O autor vê nessa prerrogativa pós-colonial, na visão dos (ex)colonizados, a afirmação de sua capacidade inventiva e (re)criadora dos tempos e espaços que partilham dentro dessa abordagem investigativa da narrativa pós-apartheid, sem poder se desvencilhar de fatos da política segregacionista do apartheid.

> Nenhum de nós, preto ou branco, pode prometer que a dominação negra não será a alternativa à dominação branca, nem a vingança negra a resposta duradoura, ainda que não a última palavra, a tudo o que os brancos têm feito aos negros. Pois – tal é o impacto do *apartheid* – há muitos negros, assim como muitos brancos, que não podem imaginar uma vida que não seja nem a vida de um negro nem a vida de um branco(GORDIMER, 2012, p. 82-83).

Nesse território da barreira de cor, precisa-se entender de que lado se está inserido, quer do lado dos negros, quer do lado dos brancos. Para justificar por que analisar o conceito de identidade, é necessário examinar a forma como a ela se insere nos diversos contextos sociais. Para compreender o que faz da identidade um conceito tão central, é preciso examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais ‘local’, existem preocupações com a identidade pessoal como com as relações pessoais e com a política sexual. Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças

que chegam ao ponto de produzir uma “crise de identidade”. Em que medida o que está acontecendo hoje no mundo sustenta o argumento de que existe uma crise de identidade e o que significa fazer tal afirmação? Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos envolvidos. Implica também perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes.

Hall (2011) afirma que o passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado. Os atuais conflitos estão, com frequência, concentrados nessas fronteiras, nas quais a identidade nacional é questionada e contestada.

Na África do Sul de Nadine Gordimer, sul-africana de Springs, cidade mineira a leste de Johannesburgo, ela luta pelas causas dos negros, embora seja uma mulher branca, filha de pais colonizadores, o pai um imigrante judeu lituano, Isidore Gordimer, fabricante de relógios, a mãe uma senhora de origem britânica, Hannah Myers, que jamais deixou de pensar um só minuto na Grã-Bretanha. Mesmo assim, a escritora sul-africana dedicou-se aos engajamentos políticos e à situação humilhante da população negra e mestiça de seu país, lutando por eles e mostrando que a barreira da cor para ela não significava nada. Aqui pode-se mencionar Fanon (2008, p. 33) “ O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro”. Para Nadine, como Vera Stark, a personagem da obra em pauta, o que importa é a alma, o coração de pertencimento ao local em que se vive e que respeita, embora quando os de sua cor o proliferam com preconceitos e discriminações.

Gordimer (2012) afirma que o estabelecimento da literatura sul-africana em inglês e – na medida em que existe – em línguas africanas como uma literatura de dissidência surgiu na década de 1920 e no início da década de 1930. A conquista militar dos negros pelo homem branco findara. A guerra entre brancos, boêres[10] e britânicos acabara. A outra guerra do homem branco, em que os boêres e os negros tinham lutado sob a bandeira britânica junto com os britânicos, estava concluída. No estado da União dos quatro países sul-africanos, a colônia britânica do Cabo e

[10] Descendentes dos colonizadores holandeses que haviam chegado ao sul da África no século XVI, entraram em guerra com os neocolonizadores ingleses no século XIX.(<http://www.alunosonline.com.br/historia/guerra-dos-boeres.htm>l acessado em 03/12/2014 às 12:43)

Natal, as repúblicas boêres do Estado Livre de Orange e do Transvaal, os negros tinham sido privados dos direitos que haviam desfrutado ao bel-prazer do mais liberal dos governos separados.

Na busca por espaços na África do Sul, mesmo num país que vive o momento pós-apartheid – mas que por muito tempo se institucionalizou o regime de segregação racial – ainda pode se observar problemas étnicos emergindo sempre nas discussões e nas ações da população, mesmo que simbolicamente, embora ainda passe pelo viés da cor da pele, denotando uma segregação, mesmo que silenciosa.

1.2 A África do Sul e o Apartheid

> [...] os povos que irrompem na contemporaneidade necessitam construir sua modernidade à força, e cabe às artes em geral e à literatura em particular, a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades; do contrário estas correm o risco de não se nomear , de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo. Assim sendo, sua escrita – de grande densidade poética – está conscientemente ancorada na espessura antropológica e na singularidade histórica do lugar de onde o intelectual, o poeta, o escritor e o artista emitem sua voz, o seu canto (GLISSANT, 2005).

Como a grande maioria dos países africanos, a África do Sul teve seu território dominado pelas potências coloniais europeias. A ocupação da África por essas potências europeias prosseguiu até depois do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A África do Sul é um dos mais desenvolvidos países de todo o continente africano, composta por maioria negra e diversas outras raças, bem como por diversos idiomas oficiais, devido a seus muitos grupos étnicos e à sua colonização europeia.

A colonização europeia expandiu-se na década de 1820 com os boêres, enquanto os colonos Britânicos se assentaram ao norte e ao leste do país. Nesse período. Vários conflitos surgiram entre os grupos xhosa, zulu e Afrikaners. Os bôeres ou bóeres são os descendentes dos colonos calvinistas dos Países Baixos e também da Alemanha, bem como de huguenotes franceses, que se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII na África do Sul cuja colonização disputaram com os britânicos. Desenvolveram uma língua própria, o africâner, derivado do neerlandês com influências limitadas de línguas indígenas,

do malaio e do inglês. Hoje eles vivem na África do Sul e na Namíbia, mas também no Botswana e na Suazilândia.

Os primeiros europeus a chegarem à África do Sul foram os portugueses, em 1487, quando da ida para as Índias ocidentais, Bartolomeu Dias contornava o Cabo da Boa Esperança. Os portugueses não foram, porém, os colonizadores do país, pois se interessavam apenas pela localização geográfica da África do Sul, ponto estratégico de abastecimento dos navios que rumavam para a Índia.

Durante a década de 1830, cerca de mais de doze mil boêres partiram da Colônia do Cabo, onde tinham sido submetidos ao controle britânico. Eles migraram para as regiões que depois se tornariam Natal, Estado Livre de Orange e Transvaal. Os boêres fundaram a República Sul Africana – atual Gauteng, Limpopo, Mpumalanga e províncias do oeste e do norte – e o Estado Livre de Orange (Free State).

> Afinal, não supomos que as últimas histórias de Kipling[11] sobre a Inglaterrra ou aquelas sobre a Guerra dos Boêres sejam sobre uma Inglaterra essencial ou uma África do Sul essencial; em vez disso, conjecturamos que Kipling estava reagindo e, na verdade, reformulando imaginativamente sua percepção daqueles locais em determinados momentos de suas histórias. O mesmo vale para a Índia de Kipling, que precisa ser interpretada como um território dominado pela Inglaterra durante três séculos, e só depois disso começando a experimentar a inquietação que iria culminar na descolonização e na independência (SAID, 2011, p. 221).

Said (2011) alude à colonização da África do Sul pelos ingleses e também faz menção à Guerra dos Boêres, onde sérios conflitos étnicos e raciais aconteceram entre colonizadores e colonizados.

Com a descoberta de diamantes em 1867 e de ouro em 1884 no interior do país, iniciou-se a *Revolução Mineral* e o aumento do crescimento da economia e da imigração. Com isso cresceu a subjugação dos povos indígenas pelos sul-africanos europeus. A luta para controlar esses importantes recursos econômicos foi um fator decisivo nas relações entre os europeus e os nativos e também entre os boêres e os britânicos.

[11] Joseph Rudyard Kipling, nasceu no ano de 1865, e faleceu em 1936. Escritor inglês autor de poemas, romances e contos, em que fala do Império Britânico, em particular das colônias da Índia, para onde regressou quando adulto e onde trabalhou como jornalista. Foi o primeiro autor inglês a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1907.

Em 1931, a União tornou-se efetivamente independente do Reino Unido, com a promulgação do Estatuto de Westminster[12]. Em 1934, o Partido Sul-Africano e o Partido Nacional se fundem formando o Partido Unido, buscando uma reconciliação entre os africânderes e os brancos anglófonos.

E o regime apartheid surge com o poderio branco, dos colonizadores ingleses. Apartheid é uma palavra da língua Afrikaans que significa "vidas apartadas", "vida separada", e que foi adotada legalmente na África do sul em 1948 para designar um regime segundo o qual os brancos dominavam o poder e os negros eram obrigados a se separarem totalmente dos brancos, de acordo com as regras ditadas pelos brancos. O regime do apartheid foi abolido por Frederik de Klerk em 1990 e finalmente em 1994 eleições livres foram realizadas na África do Sul. Em português, podemos traduzir a palavra apartheid para segregação racial, ou política de segregação racial. No momento desse regime segregacionista, a África do Sul passou a ser dividida em dois países: um para os brancos, com todas as regalias e direitos e outro para onde os negros deveriam se mudar. Os negros só poderiam ir para o local dos brancos se eles fossem trabalhar para eles em suas casas ou se eles tivessem um passe de permissão para adentrar o território.

Em 1948, o Partido Nacional, foi eleito e chegou ao poder. Esse partido político reforçou ainda mais a segregação racial, que já havia começado sob o domínio colonial holandês e britânico. O Governo Nacionalista classificou todos os povos em três raças, com direitos e limitações desenvolvidas para cada uma. A *minoria branca* controlava a grande maioria negra, a segregação legalmente institucionalizou-se como apartheid. Enquanto a minoria *branca* sul-africana usufruía o mais alto e requintado padrão de vida de toda a África, comparando-se ao padrão de vida de muitas nações de países ocidentais, a *maioria negra* ficava sempre em desvantagem em quase todos os aspectos, como renda, educação, habitação e expectativa de vida.

[12] O Estatuto de Westminster de 1931 é uma importnte lei aprovada pelo Parlamento do Reino Unido a 11 de dezembro de 1931. Este dispositivo reconhece efetivamente a independência de todos os Domínios do Império Britânico por meio de sua autonomia legislativa. Trata-se do primeiro ato relevante no processo de descolonização mundial, que avançaria progressivamente nos próximos trinta anos.Dentro da organização do Império Britânico, os Domínios eram entidades que possuíam limitada autonomia interna, encontrando-se submetidas à coroa em vários assuntos, como política exterior ou comércio internacional. Além destes, havia também as colônias, os protetorados e os mandatos.(<http://www.infoescola.com/historia/estatuto-de-westminster-de1931/> Acessado em 11/12/2014).

A *Carta da Liberdade*, texto elaborado em meados da década de 1950 e aprovado pelo Congresso do Povo reunido em Kliptown – Soweto, em 26 de Junho de 1955 – , adotada em 1955 pela Aliança do Congresso, exigiu uma sociedade não racial e o fim da discriminação racial.

A Carta defendia igualdade de direitos para todos os cidadãos sul-africanos, independente de sua etnia, e ainda a reforma agrária, melhoria das condições de vida e trabalho, justa distribuição de renda, obrigatoriedade do ensino público e leis efetivamente justas. Esse texto foi instrumento importante na luta contra o apartheid.

A África do Sul abandonou a Commonwealth[13] em 1961, na sequência de um referendo – do qual participava apenas a comunidade branca – que ditou a proclamação da República. Mesmo com a oposição dentro e fora do país, o governo manteve o regime da apartheid, da segregação racial, do preconceito.

No início do século XX, alguns países e instituições ocidentais começaram a boicotar os negócios com o país por causa das suas políticas de opressão racial e de direitos civis. Depois de muitos anos de protestos internos, ativismo e revolta de sul-africanos negros e de partidários, por fim, em 1990, o governo sul-africano iniciou negociações que levaram ao enfraquecimento das leis de discriminação e às leis democráticas de 1994. Assim, o país aderiu à Comunidade das Nações.

Adotou-se uma nova constituição em 1983 que garantiu uma política de direitos limitados às minorias asiáticas, mas continuaria a exclusão dos negros no exercício dos direitos políticos e civis. A sempre maioria negra não tinha direito ao voto sequer representação parlamentar. O partido branco dominante durante a era do apartheid era o *Partido Nacional*, enquanto a principal organização política negra era o *Congresso nacional Africano* (ANC) que por mais de cinquenta anos foi considerado ilegal.

---

[13] Fifty-three countries are members of The Commonwealth. Our countries span Africa, Asia, the Americas, Europe and the Pacific and are diverse – they are amongst the world's largest, smallest, richest and poorest countries. Thirty-one of our members are classified as small states – countries with a population size of 1.5 million people or less and larger member states that share similar characteristics with them. (<http://thecommonwealth.org/member-countries> Acessado em 11/12/2014 às 00:04).
Cinquenta e três países são membros da Commonwealth. Nossos países abrangem a África, a Ásia, as Américas, a Europa e o Pacífico e são diversas - eles estão entre os maiores e os menores, e os mais ricos e os mais pobres países do mundo. Trinta e um de nossos membros são classificados como pequenos estados - países com um tamanho de população de 1,5 milhões de pessoas ou menos e os Estados membros maiores que compartilham características semelhantes com eles (tradução nossa).

Vale ressaltar que desde o período da colonização da África do Sul, os europeus sempre buscaram obter privilégios que os mantinham socialmente numa situação de superioridade em relação aos negros.

É notório que a questão imperialista dos povos europeus remete a fatos alhures, mas que os europeus colonos não tendem a ser amiúde imperialista. Said alude:

> Venho tentando, de um lado, enfocar aqueles aspectos de uma cultura europeia em andamento, utilizados pelo imperialismo conforme se sucediam seus êxitos, de outro lado, descrever como o europeu imperialista e, ironicamente, como o não europeu, nas mesmas circunstâncias, enxergava o europeu *apenas* como imperialista (SAID, 2005, p. 262).

O problema do imperialismo europeu é que o branco temido pelo negro age forçosamente por espaços não só territoriais, mas também socioculturais para relegar o negro à invisibilidade, ao não-ser, sem direito às condições mínimas humanas e fora do que se pode chamar dignidade. O branco demarca seu poder a qualquer custo.

Vera Stark, a protagonista do romance, não vê essa barreira de cor e luta pelas causas dos negros na Fundação Legal:

> Mrs. Stark is a fixture at the Legal Foundation. Although she has refused to take the executive directorship which has been offered to her, preferring – selfishly, she says – not to spend time on administration, no one can imagine the Foundation running without her. Her quite acerbity at meeting, when she disagrees with aspects of policy(and the fact that she´s so often proved right), her ability, sitting back with her head in this close-cup of white-streaked dark blond hair held immobile in attention, the left corner of her mouth sometimes tucked in(the cleft could be expressing impatience or understanding) to recognize and separate the truth, or as she would qualify, the facts from the fantasies born of poverty and powerlessness in applicants for the Foundation´s intervention – these combine to make her colleague to whom everyone from the director to the telephonist turns for the last word (GORDINER, 1994, p. 32-33).

> A dra. *Stark* é parte integrante da Fundação Legal. Embora não tenha aceitado o cargo que lhe foi oferecido na diretoria executiva, preferindo – egoisticamente, diz ela – não desperdiçar tempo com administração, ninguém poderia imaginar a fundação funcionando sem ela. Nas reuniões, a austeridade serena com que discorda decertas diretrizes(e o fato de estar tantas vezes com a razão), sua capacidade, confortavelmente recostada, a cabeça de cabelos cortados rentes, o louro-escuro salpicado de branco, imóvel atenta, o canto esquerdo da boca às vezes puxado para dentro(a fenda

> pode significar impaciência ou compreensão), sua capacidade em reconhecer e distinguir a verdade ou, como ela especificaria, os fatos das fantasias nascidas da pobreza e da impotência dos que recorrem à intervenção da fundação – tudo isso se combina para torná-la uma colega a quem todos, do diretor à telefonista, recorrem para dar a última palavra (GORDIMER, 1996, p. 18-19).

Dentro da política da África do Sul é relevante que enfatize a questão da política segregacionista do apartheid, que é enfocada no romance *Ninguém para me acompanhar* (1994) ao falar desses conflitos etno-político-raciais. O apartheid, por sua vez, foi essa exagerada quantidade de dogmas filosóficos que permearam a colonização holandesa na África do Sul que, em sua essência, já outremizava e segregava os negros.

Desde a consolidação dos britânicos no país, o número de brancos na África do Sul cresceu muito, principalmente após a descoberta de ouro e diamante nas terras. “A partir de 1911, a minoria branca, composta de africânderes e descendentes de britânicos promulga leis que consolidam seu poder sobre a minoria branca” (ALMANAQUE ABRIL, 2000, p.104).

A situação foi cada vez mais se agravando na África do Sul. A segregação racial aumentando de modo que, em 1948, foi tornada oficial a política segregacionista que criava leis que invalidava os direitos dos negros. O apartheid foi, de fato, uma continuação das leis de apartação impostas por governos passados.

Com o fim do apartheid, “A pressão da população e o ânimo confiante entre os negros estão rompendo a segregação da cidade” (GORDIMER, 2013, p. 13). Nadine Gordimer relata fatos sobre esse momento de transição dentro da África do Sul como imposição do imperialismo, por exemplo, o discurso sobre o fim do apartheid pelo Presidente branco da África do Sul De Klerk que foi proferido em inglês e africâner, mas teve uma parte do discurso cuja enunciação sobre o fim do apartheid se deu toda em inglês, para que assim não houvesse dubiedade de interpretação e também para assegurar que não haveria erros de interpretação do mundo exterior, uma atitude ainda hegemônica, enraizada na cultura preconceituosa dos colonizadores a fim de calar os colonizados, porque não na língua falada pelo povo da África do Sul. O que o povo também queria ouvir era o ponto culminante do discurso, no tocante ao anúncio da libertação de Nelson Mandela. O povo da África do Sul queria em termos simples e diretos que o

presidente De Klerk declarasse o fim do apartheid para que a população exilada pensasse no retorno para seu território, sua casa, sua vida, sua rotina pós-exílio.

O preocupante sobre toda a euforia do fim do apartheid*,* é a legislação do apartheid*,* como é possível ver na citação abaixo, na qual as inquietações são bem presentes:

> O presidente, deslumbrando-nos com a suspensão da interdição, disse pouco ou nada sobre abolir a legislação do apartheid*.* Ele não falou da Lei de Áreas de Grupos e da Lei de Registro Populacional; nem tocou na base do apartheid que está debaixo de meus pés, enquanto escrevo estas palavras – a terra, cuja posse continua proibida para os negros dos quais foi tomada pela conquista e por leis criadas sem que eles pudessem participar da sua elaboração. Os exilados que ontem meus amigos e eu estávamos tão felizes em acolher de volta ao país – alguns já nos lembraram que não voltarão para viver sob leis do apartheid de nenhum tipo, sob a justiça do apartheid. E lembrei hoje de manhã que, embora tenha dito que vai libertar Mandela incondicionalmente, De Klerk não vai satisfazer todas as condições que o próprio Mandela estabeleceu para sua libertação – em particular, a revogação das leis do apartheid (GORDIMER, 2013, p. 16).

Ao mostrar essa África segregada dentro das mesmas linhas fronteiriças, corrobora-se com Fanon (2008) ao dizer que “o problema é muito importante. Pretendemos, nada mais, nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro” (FANON, 2008, p.26).

Na década de 50 já se iniciavam lutas contra o apartheid. O CNA (Congresso Nacional Africano), liderado por Nelson Mandela, foi o maior grupo oposicionista da África do Sul. Porém, com a prisão de Mandela em 1962, o grupo perde força e só se recuperaria em 1990, logo com a saída de seu líder maior da prisão. Daí, um plebiscito em 1992 acaba com o apartheid e, em 1994, Mandela é eleito presidente da África do Sul. A verdade dos fatos é que até hoje o país luta com as diferenças sociais impostas pela segregação racial.

Com a libertação de Nelson Mandela com o discurso de boas-vindas a ele em Soweto, logo depois de sua libertação no *Soccer City Stadium,* concretizou-se um grande momento histórico vivido pelo povo da África do Sul. Nadine Gordimer era uma branca que fazia parte da ocasião e que se identificava com o Congresso Nacional Africano (CNA), partido esse do líder sul-africano negro libertado, mesmo

quando essa atitude de simplesmente simpatizante do partido era considerada crime. O povo da África do Sul tinha um respeito admirável por Nelson Mandela:

> [...] agarrados às estruturas de contenção como um enxame de abelhas, até erguidos de algum modo uns sobre os outros em velhos guindastes das minas de ouro fora das cercas, havia nascido e crescido – tanto os jovens brancos como os negros – enquanto *Mandela* passava 27 anos na prisão. Entretanto, durante todo esse tempo não havia criança negra em cujo rosto, `menção do nome, não houvesse um sinal de reconhecimento instantâneo. E não havia brancos – inimigos de causa da liberdade negra, bem como seus apoiadores – que não soubessem quem era esse homem. Seu corpo estava oculto atrás de paredes; sua presença jamais foi obliterada por elas (GORDIMER, 2013, p. 17).

Viu-se então que Nelson Mandela retoma sua África do Sul em meio a tantos conflitos de desapropriação de terra, de assassinatos, de falta de identidade, etc. Os exilados, retornando para seu lar, não-lar, com uma nova postura, pois por terem passado bastante tempo fora de sua pátria, voltam com os hábitos do país que os ampararam, cheio de preconceitos de uma cultura barrista, que vê o negro como se fosse um outro ser, um não-ser. Para Du Bois (1999, p. 217),

> O esforço de todos os homens honrados do século XX é, portanto, garantir que na futura competição das raças a sobrevivência dos mais aptos possa significar o triunfo do bom, do belo e do verdadeiro; que preservemos para a civilização do futuro tudo o que é realmente bom, nobre e forte, e não continuemos a incentivar a ganância, a desfaçatez e a crueldade.

As atitudes preconceituosas, desumanas e discriminantes, pregadas pelo apartheid, deixaram marcas na população sul-africana, essa postura política racista deve ser banidas de vez das fronteiras africanas. O povo da África do Sul sentiu e sofreu em graus proporcionais esse abuso impetrado pelas leis segregacionistas do apartheid impostas pelo governo branco na África do Sul.

Depois de um século de dominação colonial, encontra-se uma cultura enrijecida ao extremo, sedimentada, cristalizada. A decadência da realidade nacional e a agonia da cultura nacional mantêm relações de dependência recíproca. É por isso que se torna capital seguir a evolução dessas relações ao longo da luta de libertação. A negação cultural, o desprezo pelas manifestações nacionais

motoras ou emocionais, o banimento de toda especialidade de organização contribuem para gerar condutas agressivas no colonizado. Mas essas condutas são de tipo reflexo, mal diferenciadas, anárquicas, ineficazes. A exploração colonial, a miséria e a fome endêmica acuam cada vez mais o colonizado para a luta aberta e organizada.

São culturas passivas, submetidas à desqualificação pelo sujeito europeu num passado cheio de conflitos, violências e dominação europeia, o branco sendo o poder, o domínio; o negro, a negação, a ameaça à raça branca. Fanon (2005) diz que o terreno cultural é então delimitado por parapeitos, por postes indicadores. São mecanismos de defesa do tipo mais elementar, assimiláveis ao simples instinto de conservação. O interesse desse período é que o opressor acaba não se satisfazendo mais com a inexistência objetiva da nação e da cultura oprimidas. Todos os esforços são feitos para levar o colonizado a confessar a inferioridade da sua cultura, transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade da sua nação, e finalmente o caráter inorganizado e não acabado da sua própria estrutura biológica (FANON, 2005, p.271).

> Mr. Tertius Odendaal had three farms, one inherited from his grandfather through his father, one that came as his wife dowry´s, and one that he had bought in the agricultural boom times of the early Eighties. With America and the British – even the Germans who had once been supporters of the war in which his grandfather was a Boer general – interfering in the affairs of the country embargoing oil supplies, boycotting sport tours, encouraging the blacks to make troubles so that even his ignorant farm boys were no longer reliable, he began to think about looking to the present, if not the future. With the old stern President pushed out by one of his cabinet who smiled like a film star and was said to be having talks with blacks, no one could be sure what that would be. Not twenty kilometers across the veld from his homestead there was a black homeland. He had had to put an electrified fence round his kraal to protect his Holsteins from thieves, after one of his watch-boys had been slashed in a panga attack. Even the old President had dumped blacks to near white farms. On one of his other farms – the one bought when there were good rains for his maize crop and beef prices were high – that he used only for seasonal grazing, he found squatters, although the herd-boy who had these women and umpteen children with him in his outpost of mud and thatch huts lied that these were just his family, visiting (GORDIMER, 1994, p. 87-90).
>
> Tertius Odendaal, possuía três fazendas, uma herdada do avô paterno, uma que viera no dote da esposa e uma que comprara durante o boom agrícola do início dos anos oitenta. Com os americanos e os britânicos – e até mesmo os alemães, que um dia

> apoiaram a guerra na qual o avô fora um general bôer – interferindo nos assuntos do país, embargando os fornecimentos de petróleo, boicotando as turnês esportivas, incentivando os negros a criarem problemas, a tal ponto que não se podia mais confiar nem mesmo no pessoal ignorante da roça, ele começou a pensar em cuidar do presente, se não do futuro. E este, sabe-se lá qual seria, com o velho e austero presidente passado para trás por um dos integrantes de seu mistério, um sujeito que sorria feito um astro de cinema e, segundo constava, andava mantendo contato com os negros na savana. Fora obrigado a pôr uma cerca eletrificada em torno do curral para proteger as Holsteins dos ladrões, depois que um dos vigias foi retalhado pelo gume de um facão. Até o velho presidente despejara os negros perto demais das fazendas dos brancos. Numa outra fazenda – a que ele comprou quando as chuvas andavam boas para o milho e o preço da carne lá em cima – , que usava só para pastagem na época de capim alto, ele encontrou invasores. O empregado que tomava conta do rebanho e que morava ali mesmo com suas mulheres e uma montoeira de filhos, em choças de barro e sapé, mentiu para ele, dizendo que era gente da família, visitando (GORDIMER, 1996, p. 27-28).

Sobre essa divisão de territórios entre negros e brancos, Fanon (2005) faz referências à vida civilizada de hoje, o contato entre os homens e suas relações uns com os outros recaem em algumas linhas principais de ação e de comunicação: há, em primeiro lugar, a proximidade física de lares e domicílios, as maneiras como as comunidades se agrupam e a contiguidade dessas comunidades. Em segundo lugar, e principalmente, existem as relações econômicas – os métodos pelos quais os indivíduos cooperam para ganhar o seu sustento, para a satisfação mútua de suas necessidades, para a produção de riqueza. Em seguida, existem as relações políticas, a cooperação no controle social, no governo coletivo, na disposição e no pagamento da carga dos impostos. Em quarto lugar, existem as importantíssimas, embora menos tangíveis formas de contato intelectual e de comércio, o intercâmbio de ideias por meio de conversações e reuniões, periódicos e bibliotecas; e sobretudo, a formação gradual para cada comunidade daquele curioso *tertium quid*[14].

Por isso, a libertação dessa política do horror livrará o negro da invisibilidade e o colocará na posição de sujeito da história, narrando de forma verdadeira e justa

[14] [...[an unknown or indefinite thing related in some way to two known or definite things, but distinct from both(http://www.wordreference.com/definition/tertium%20quid) acessado em 11/12/2014 [...] uma coisa desconhecida ou indeterminado relacionada de alguma forma a duas coisas conhecidas ou definitivas, mas distinto de ambos, opinião pública (tradução nossa).

a sua posição perante a sociedade, com um discurso novo, cheio de verdades alhures negadas

Essa apartação, essa divisão de fronteiras, dentro das mesmas fronteiras na África do Sul, reflete todo o poderio dos colonizadores europeus dentro de um continente multicolorido e também a diversidade de entendimento de que a separação mostra com propriedade o que o apartheid significa.

Du Bois (1999) em *As almas da gente negra* diz que toda segregação pela cor é bastante independente do agrupamento natural por gradações sociais, comum a todas as comunidades. Uma favela negra pode situar-se perigosamente perto de um quarteirão residencial branco, enquanto é bastante comum encontrar uma favela branca, plantada no coração de um respeitável bairro negro. Ele reforça, portanto, que em quase todos os vilarejos e cidades sulistas[15], tanto os brancos quanto os negros em geral só veem o pior do outro lado. Isso representa uma grande mudança em relação à situação no passado quanto, por meio do contato estreito entre o senhor e o servo doméstico na casa-grande patriarcal, o melhor das duas raças estabelecia um contato de intimidade e simpatia, enquanto, simultaneamente, a imundície e a rotina obtusa da faina diária entre os escravos da roça permaneciam fora da vista e da escuta da família. Assim, é fácil perceber que alguém que tenha contemplado a escravidão dos salões de seu pai e que veja a liberdade nas ruas de uma grande cidade não consiga apreender ou compreender o conjunto do novo quadro. Por outro lado, a crença entre as massas negras de que o povo branco do Sul não deseja sinceramente o melhor para o Negro intensificou-se nos últimos anos, em razão desse contato diário da melhor estirpe dos negros com os piores representantes da raça branca (Du Bois, 1999, p. 218-219).

Apesar de se reconhecer que há essa discriminação racial e essa alienação por parte da população da África do Sul, delimitando territórios para negros e brancos e dificultando o convívio entre eles num país onde a população de negros é superior a de brancos, observa-se a ausência de afinidades entre eles que coopera

[15] Essas cidades sulistas mencionadas por Du Bois, são as cidades do sul dos estados unidos, que até pela historicidade dos fatos, pretende mostrar que o sul dos negros – escravo – e o norte dos brancos, pela própria Guerra civil. Cidades sulistas: A Guerra Civil Americana – Guerra de Secessão – foi um conflito militar que ocorreu nos Estados Unidos, entre os anos de 1861 e 1865. De um lado ficaram os estados do sul contra os estados do norte. O conflito teve inicio em 1861 através de ações militares do sul. Com duração de cinco anos, a guerra provocou a morte de aproximadamente 600 mil pessoas. Os estados do norte, mais ricos e preparados militarmente, venceram e impuseram seus interesses sobre o país (<http://www.suapesquisa.com/historia/guerra_de_secessao.htm> Acessado em 12/12/2104 às 10:05).

cada vez mais com o preconceito racial. Du Bois (1999), no entanto, na passagem acima, mostra que os negros não podem ser limitados às suas funções pela cor de sua pele, porque se assim o fosse, os brancos também seriam, poderia assim ser entendido como um apartheid às avessas, em que haveria certa resistência por parte dos negros a se unirem aos brancos.

Du Bois (1999, p. 218) afirma que é possível estabelecer, em quase todas as comunidades sulistas, uma linha concreta de cor no mapa, onde os brancos habitam um lado e os negros o outro. O traçado e os enredamentos dessa linha geográfica de cor variam naturalmente nas diferentes comunidades. ”Conheço algumas cidadezinhas em que uma linha reta, traçada no meio da rua principal, separa nove décimos dos brancos de nove décimos dos Negros”.

Infere-se que essa apartação, essa divisa de fronteiras, é ainda um problema conflitante nas sociedades modernas: há delimitação de territórios, com os negros de um lado e os brancos de outro. Porém, esses conflitos tendem a ser resolvidos através de entendimentos sociopolíticos, valorizando mais o ser humano e suas competências e não a cor da pele. A personagem Vera Stark tomou para a si a causa dos negros na África do Sul e convive amigavelmente na Fundação Legal com negros e brancos, e seu interesse em resolver os problemas dos negros segregados por conta da política do apartheid é vívido mesmo ela é sendo uma mulher branca.

2 RACISMO, SEXISMO E CRÍTICA LITERÁRIA

2.1 A escrita livre de Nadine Gordimer

> Os escritores não escrevem sobre qualquer assunto, mas simplesmente sobre aquilo que sabem, aquilo que viveram".
> (Nadine Gordimer)

A autora sul-africana escreve o que conhece com propriedade e falar sobre o cotidiano da África do Sul nas suas obras é algo que ela sente prazer em fazer. E ela fá-lo com riqueza de detalhes.

Gordimer diz que nascer sul-africana é ser apresentada a episódios ligados à raça que possuem o mesmo nível de realidade dos fatos *absolutos* de nascimento e morte. Talvez seja isso o que os brancos querem mesmo dizer quando falam da injustiça, do ressentimento negro até contra mulheres e crianças brancas inocentes; e talvez seja o que os negros querem dizer quando argumentam que todo branco é culpado, por nascimento, da opressão dos negros. Muitas vezes, a escritora sul-africana tem falado e escrito sobre um segundo nascimento ou renascimento pelo qual muitos brancos sul-africanos passam. Com isso, ela se refere ao que acontece quando a criança começa a perceber que o fato de o negro não entrar pela porta da frente da casa do branco não está na mesma categoria de os mortos nunca voltarem.

Ao falar desse racismo desmedido, Fanon afirma que:

> Não é preciso apenas combater pela liberdade do povo. Também é preciso, ao longo de toda a duração do combate, ensinar novamente a esse povo, e primeiro a si mesmo, a dimensão do homem. É preciso remontar os caminhos da história, da história do homem condenado pelos homens, e provocar, tornar possível o encontro do seu povo e dos outros homens (FANON, 2005, p. 339).

Segundo a própria autora, esse convívio entre negros e brancos dentro do mesmo território é possível, desde que a teoria racial que é ruim para a nação torne-se esquecida ou não seja o tempo todo mencionada.

Gordimer continua com sua exposição sobre o cotidiano da África do Sul, narrado em seus romances. Diz que começou a compreender o que ela era, como branca sul-africana, em termos de evolução social e a perguntar como alguém

poderia escapar para outro papel social. Para ela, é muito importante o contato com os negros como pessoas e seres iguais, às vezes um contato muito íntimo e pessoal que ela afirma ter modelado a própria consciência por meio das ideias sobre os brancos, sobre si própria.

A obra *Ninguém para me acompanhar* (1994) de Gordimer equaciona os conflitos na África do Sul resultantes da opção entre a permanência e o exílio que constitui o foco de interesse deste trabalho, com o olhar voltado para o apartheid e pós-apartheid que não podem sair da discussão dentro da narrativa.

Um dos principais subtemas do romance é o retorno. Este pode ser entendido dentro da categoria de literatura do exílio, especialmente por suas profundas reflexões em torno da transição entre o regime autoritário e a democracia, cujas negociações buscaram criar condições para uma espécie de refundação da nação sul-africana.

Os problemas sociais e políticos na África do Sul de apartheid e *pós*-apartheid permeiam o romance de Gordimer, condições essas causadas pela colonização do país e pela política segregacionista e que levam Vera Stark a trabalhar na Fundação Legal e enfrentar os problemas sociais vividos na África do Sul e lutar por eles:

> Vera read newspapers and reports, White Papers, was drawn to people who were spread-eagled between their private attachments and those other tentacles, the tug of others´ predicaments, the tangle of frustration and misery; women, as she was a woman, lifted out of the humble ramshackled of their lives and dropped, destituted, in the veld, men, as hers was a man, endorsed out of a town where they might work, driven off farms where their fathers had given their labour; children unlike hers because there was no childhood for them, begging and sniffing glue for confort in the street. She did come to know. She went to work at the Foundation, not out of the white guilt people talked about, but ouf of a need to take up, to balance of her own two feet the time and place to which, by birth, she understood she had no choice but to belong. This need must have been growing unheeded – seed shat by a bird and germinating , sprouting, beside a cultivated tree – climbing the branches of passionate domesticity (GORDIMER, 1994, p. 83-85).

> Vera lia jornais, relatórios, súmulas parlamentares, atraída pelas pessoas que se estiravam em cruz entre seus vínculos pessoais e aqueles outros tentáculos, o puxão da dor de terceiros, o emaranhado de frustração e infelicidade; mulheres, como ela era mulher, arrancadas das ruínas humildes de suas vidas e largadas, sem nada, no meio da savana; homens, como o dela, expulsos das cidades onde talvez encontrassem emprego, removidos das fazendas onde os pais trabalharam a vida inteira; crianças, não como as dela, porque para elas não havia infância, na rua esmolando e

> cheirando cola em busca de um pouco de conforto. Acabou entendendo. Foi trabalhar na fundação, não porque sentisse a tal culpa dos brancos de que se falava, e sim por uma necessidade de assumir, de equilibrar sobre os próprios pés o tempo e o lugar aos quais, por nascimento, sabia não ter outra escolha senão pertencer. Essa necessidade devia estar crescendo sem que ninguém notasse – semente que uma ave cagou, germinou e brotou ao lado da árvore cultivada –, trepando pelos galhos da domesticidade ardente (GORDIMER, 1996, p. 27).

Além de procurar resolver os problemas dos negros da África do Sul na Fundação Legal, Vera ainda levava problemas profissionais para serem discutidos com seu companheiro Bennet Stark em casa, ligando o profissional e o íntimo e não se eximindo dos problemas sociais enfrentados pela população sul-africana, ideologicamente problemas que não seriam deles, pois Vera e Ben são cidadãos brancos, contrários ao apartheid, mas são envolvidos na causa, principalmente a protagonista Vera, que não vê como empecilho a questão da barreira da cor:

> Population removals were being fought everywhere to the limit of the Foundation´s resources, she was working until midnight at home as well as all day at the offices; Bennet had left the university and, with a partner , opened a market consultancy in the city. Alone in the house in bed at night , they talked over for hours the disappointments, worries, resentments and compensations each had gathered during the day, giving one another advice, putting together the context, from his experience of one level of society and her experience of another, their life (GORDIMER, 1994, p. 85-87).

> As remoções forçadas estavam sendo combatidas em todas as frentes, dentro dos limites dos recursos da fundação; ela trabalhava até meia-noite em casa e o dia todo no escritório; Bennet largara a faculdade e, com um sócio, abrira uma consultoria de mercado na cidade. Á noite, sozinhos em casa, conversavam na cama durante horas sobre as decepções, as preocupações, os ressentimentos e as compensações que cada um recolhera durante o dia, dando conselhos mútuos, montando juntos o contexto, a partir das experiências de um e outro em diferentes níveis da sociedade, de suas vidas (GORDIMER, 1996, p. 26).

Em todos os relatos feitos ao longo do romance, é possível ver traços que exteriorizam esse sentimento de Vera na resolução dos conflitos entre o povo sul-africano, tomando a causa dos negros a sua causa, esquecendo até de seu próprio cotidiano, sua vida pessoal, pois o que interessava era ver os negros em seus territórios de origem, antes do exílio.

Gilroy (2001), em seu livro *Atlântico Negro*, ilustra essa pretensa supremacia dos brancos sobre as raças do mundo:

> Durante quatrocentos anos esses brancos fizeram todos na Terra se sentirem como se não fossem humanos, como se fossem estrangeiros. Eles os expulsavam e xingavam...O que é um chinês para um branco? Um china com rabo-de-cavalo nas costas e que não serve para nada além de cozinha e lavar roupas. O que é um hindu para um branco? Um negro que se apaixona por fantasmas e beija vacas. O que é um negro para um branco? Um macaco feito por Deus para cortar madeira e tirar água do poço, e sempre com uma inclinação para estuprar meninas brancas. Um mexicano? Um malandro ensebado e fedorento que deve ser obrigado a se matar de trabalhar e depois ser baleado. Um judeu? Um assassino de Cristo, um trapaceiro, um rato. Um japonês? Um macaco de pele amarela...Agora nossos irmãos de cor estão nos visitando de Marte e Júpiter e os brancos estão suando de pânico (GILROY, 2001, p. 285).

É necessário que o poder não seja reverenciado apenas no intuito de reduzir a imagem do outro, do negro ou do estrangeiro, mas usar o poder para uma sociedade não apartada. O que se deve observar é que esse preconceito racial, o olhar do ocidente sobre o oriente, separa as nações e que essas diferenças devem ser negociadas para um fim maior, ou seja, a libertação do povo oprimido e a igualdade de direitos para uma nação.

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a "proliferação subalterna da diferença". Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si – um tipo de americanização da cultura global. Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das "diferenças". O eixo "vertical" do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças "locais", as quais o "globo-vertical" é obrigado a considerar (HALL, 2003).

A globalização é um dos fatores que determinam a diáspora moderna e, como consequência, um dos fatores que levam as personagens da obra em pauta a mudarem de lugar. Fatores econômicos, políticos, raciais, étnicos serão relevantes para a compreensão da narrativa, visto que há esse domínio de fronteiras, há essa perda de identidade dos personagens, confusos com novos hábitos do país de exílio, não sabendo muitas vezes retomar sua vida pregressa e entrando em conflito

consigo mesmos, como Sibongile Maqoma, mulher de Didymus Maqoma, amigos de Vera Stark.

Vera Stark tem um funcionário negro, cujo nome é Oupa Sejake, que sofre com crises comportamentais. O motivo maior dessas crises é porque ele passou quatro anos de sua vida na prisão na Ilha Robben, a mesma que Nelson Mandela passou vinte e sete anos da sua vida e às vezes se põem num completo isolamento. Contudo, Vera, uma mulher branca, era sua confidente, levando-o a continuar o diálogo sobre seus dias de infortúnio na prisão.

> He´s studying at night for a law degree by correspondence and started off by coming to ask her for an explanation of something he didn´t grasp; it was her very reserve itself that in his naivety made him think she would be better qualified to give him the right answers than any of the other lawyers on the premises. She was the figure of the schoolmistress missing in his lonely self-education, she was the abstract image of authority that, resented all your life or not, you had to turn to in your powerlessness. Then he began to talk to her about his four years on Robben Island, seventeen to twenty-one. It was distortions in his own behavior he now looked back on. Sometimes with disbelief , talking to her, sometimes with puzzlement , even shame. There was the comradeship, the real meaning of brother (as he put it). – But you suddenly hate someone, you can hardly keep your hands off his throat – and it´s over nothing, a piece of string to tie your shoe, one time a fight in the shower about whose turn it was! And the same two people , when we were on hunger strike, we´d do anything for each other…I can´t think it was *me* (GORDIMER, 1994, p. 57-61.)

> Ele está estudando à noite para tirar diploma de advogado por correspondência e começou a aparecer para lhe pedir uma explicação ou outra de algo que não ficou entendido; foi justamente a reserva dela que, em sua inocência, o fez pensar que seria a pessoa mais bem qualificada para lhe dar as respostas certas, entre todos os outros advogados da fundação. Ela era a figura da diretora da escola, que faltou ao autodidata solitário, era a imagem da autoridade abstrata, esconjurada ou não a vida toda, a quem você recorre na impotência. Em seguida começou a conversar com ela sobre seus quatro anos na Ilha Rodden, dos dezessete aos vinte e um. Era a história de prisão que todos, de seu tipo e geração, viviam, mas ele se pegou contando a sua de modo diferente para essa mulher branca, sem as censuras e os retoques usados quando a contava a outros brancos ansiosos por experiências vicárias. Interrompia-se e voltava a ela um outro dia, lembrando-se de coisas que havia esquecido ou das quais não queria lembrar; não só da brutalidade e dos insultos desatentos de muros e guardas mas também das distorções de seu próprio comportamento, das quais se arrependia agora. Nas conversas com ela, às vezes parecia incrédulo, às vezes perplexo, até mesmo envergonhado. Havia camaradagem, o verdadeiro sentido para a palavra irmão (como ele

> dizia). – Mas de repente você fica com ódio de alguém, tem vontade de pular no pescoço – e por nada, um pedaço de barbante para amarrar o sapato, um dia por causa da vez do chuveiro! E nós dois, as mesmas duas pessoas, quando entramos em greve de fome, faríamos qualquer coisa um pelo outro .Não dá para acreditar que fosse *eu*.[...]O que disse ela? Oupa era uma pessoa delicada que fora obrigada, cedo demais na vida, a ver uma outra versão de si própria , uma versão que só precisou da violência de outros, da degradação de sofre a falta de humanidade de outros, para vir à tona. Ela não o consolou, não lhe garantiu que aquele indivíduo , aquele eu, não existia mais. – Era você. (GORDIMER, 1996, p.21-22 Grifos no original)

Na ilusão de que o isolamento pudesse resolver os problemas sofridos por ele na prisão, Oupa Sejake tentava fugir desses seus problemas existenciais que eram seus amigos íntimos, porém, logo ao ter contato com Vera Stark um novo horizonte abria em sua vida, porque ele assim quis retomar sua vida, concluir o curso de Direito que tanto almejava e continuar sua rotina; ele não queria abreviar sua história, deixando de lado seu país e os anseios de seu povo.

2.2 Etnias e identidades

> As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. (Stuart Hall/Kathryn Woodward)

Segundo Hall (2003), o surgimento da questão multicultural produziu uma “racialização” diferenciada de áreas centrais da vida e cultura britânicas. Cada vez mais, os britânicos têm sido obrigados a pensar sobre si mesmos e suas relações com os outros no Reino Unido em termos raciais. A etnicidade também foi incluída no vocabulário doméstico britânico. Enquanto na mentalidade norte-americana os Estados Unidos constituem uma sociedade composta de etnias, a Grã-Bretanha – embora diversa em suas origens – sempre aplicou o termo ao outros em geral – o “ser britânico” constitui um significante vazio, a norma em relação à qual a “diferença”, etnicidade, é mensurada. A crescente visibilidade das comunidades étnicas, junto com os movimentos por governos regionais mais autônomos,

questionou a “homogeneidade” da cultura britânica e do ser “inglês” enquanto etnia, trazendo a questão multicultural para o centro da crise de identidade nacional (HALL, 2003, p.68).

A categoria “raça” não é científica. As diferenças atribuíveis à “raça” numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas entre populações racialmente definidas. “Raça” é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2011). Esse “efeito de naturalização” parece transformar a diferença racial em um “fato” fixo e científico, que não responde à mudança ou à engenharia social reformista. Essa referência discursiva à natureza é algo que o racismo contra o negro compartilha com o antissemitismo e com o sexismo – em que também “a biologia é o destino”–, porém, menos com a questão de classe. O problema é que o nível genético não é imediatamente visível. Daí que, nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas – supostamente escondidas na estrutura dos genes – são “materializadas” e podem ser “lidas” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características físicas do cabelo, as feições do rosto --por exemplo, o nariz aquilino do judeu–, o tipo físico e etc., o que permite seu funcionamento enquanto mecanismos de fechamento discursivo em situações cotidianas (HALL, 2003).

Hall afirma que é através dessa hibridização que novas misturas acontecem, sejam elas raciais, étnicas, identitárias, sociológicas, sexuais ou culturais. E é a esse envolvimento dentro dessas diferenças que o discurso pós-colonial se estende e torna-se um discurso interativo.

Em um trecho do romance, é citada a questão biológica, aproximando as características físicas entre Ben – o pai branco – e a filha do relacionamento com Vera – a mãe branca–, embora ao mesmo tempo detalhe a intimidade de uma mulher libidinosa, cheia de desejos sexuais, fazendo com que o seu íntimo e o político entrem em sintonia.

Vera left her promising position in a prosperous legal firm after , when she had failed to conceive for twelve years, her second child was born, Annick.[…] She has never known whether her first child , Ivan, is the son of her divorced husband or of Bennet Stark, her love of whom was ringed indelibly on a photography. No one else will ever know that she herself does not. He of the sun-grained, fair skinned nape is now living in Australia, retired from something to do with shipping, and has nothing around him to bring to the surface that he last visit he made to the house they had once shared ; and if, in the mood of male camaraderie on a drinking evening there is an exchange of confidences about the unpredictable sexual behaviour of women, he contributes the example of an ex-wife who gave him a better hour than she´d ever done during the brief marriage, he is unlikely to think there could have been any consequences – she was accustomed to see to that. Perhaps he might feel a momentary stab of betrayal, despite her complete betrayal of him, at mentioning her more or less in the context of the one-night stand, but it was all so long ago…As for her present husband , it´s unthinkable that ever there could be between them one of those terrible, embattled stages of marriage when she might thrust her hand down into their life to seize a weapon to wound him mortally.[…] Ben was almost embarrassedly dismissive of the fact that his daughter had inherited his beauty; part of the quality of that beauty was that he was not aware of it, he was brought to see it only by remarks upon the beauty of the baby girl as the image of her father. Ivan – because he reproduced the face of his mother? – remained Ben´s favoured child.[…]When the girl was born, when the marvellous marking of her father´s black hair and double fringe of lashes, even the bevel-edged lips, Vera could have been looking in a mirror where her lover from the mountains was preserved as he was a child (GORDIMER, 1994, p.67-74).

Vera largou a promissora posição que ocupava num próspero escritório de advocacia quando, depois de doze anos sem conseguir engravidar, teve o segundo filho, uma menina chamada Annick.[...]Ela não sabe se a primeira criança, Ivan, é filho do primeiro marido ou de Bennet Stark, a quem seu amor marcou com um círculo indelével numa fotografia. Ninguém mais saberá aquilo que ela própria desconhece. O homem da pele clara, da nuca gretada de sol, mora agora na Austrália, aposentado de algum negócio relacionado com marinha mercante, e não possui nada em volta que traga à tona aquela última visita que fez à casa que um dia dividiram; e se, numa tarde qualquer, em volta de um drinque, naquela atmosfera de camaradagem masculina, houver uma troca de confidências sobre o imprevisível comportamento sexual das mulheres e ele contribuir com o exemplo de uma ex-mulher que numa única hora lhe deu muito mais do que jamais lhe dera durante o curto casamento, é improvável que pense na possibilidade de ter havido qualquer consequência – ela é quem costumava cuidar disso. Talvez sinta uma pontada momentânea de remorsos pela traição, apesar da traição total da parte dela, ao mencioná-la mais ou menos num contexto de transa passageira, mas foi tudo há tanto tempo...Quanto ao atual marido, é inimaginável que pudesse haver entre os dois uma daquelas fases terríveis e encarniçadas do casamento e que um belo dia ela pudesse puxar lá do fundo da vida

> deles uma arma para feri-lo mortalmente.[...]A indiferença de Ben pelo fato de a filha ter herdado sua beleza era quase constrangedora; parte da qualidade daquela beleza estava justamente em não ser consciente, ele era levado a vê-la apenas através dos comentários sobre a beleza da filha (Annick) que havia saído igual ao pai. Ivan – porque reproduziu o rosto da mãe? – continuou sendo o favorito de Ben.[...]Quando a menina nasceu, trazendo as marcas magníficas do cabelo negro e dos cílios espessos o pai até mesmo os lábios chanfrados, Vera podia estar olhando para um espelho onde o amante das montanhas tivesse permanecido como fora em criança (GORDIMER, 1996, p.24-25).

Vê-se, aqui, um ponto relacionado às características físicas. Bennet Stark, ex-amante e marido de Vera, prefere o filho Ivan à filha Annick, por parecer-se tanto com Vera e no que diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos, Annick conviver melhor com seu pai e Ivan com sua mãe. Além desses fatos, pode-se observar quão grande é o amor, a devoção e o respeito que Ben tem por Vera.

Segundo Barth (2011), a bibliografia antropológica define grupo étnico geralmente para designar uma população que: 1. perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2. compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3. constitui um campo de comunicação e de interação, 4. possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias.

Esta definição ideal não é muito diferente em seu conteúdo da proposição tradicional que postula que uma raça = uma cultura = uma linguagem, e ainda que uma sociedade = uma entidade que rejeita ou discrimina outras.

Para Munanga (1988), a questão do preconceito é uma questão histórica: a ocupação colonial efetiva da África pelo Oriente, no século XIX, tentou estilhaçar as suas antigas instituições políticas. Alguns reinos resistiram e subsistem até os dias de hoje, embora num contexto totalmente diferente. Os Europeus, sempre convencidos de sua superioridade, tinham a princípio um desprezo pelo mundo negro, mesmo conscientes das riquezas que extraíram dele.

Em relação à África do Sul, os primeiros colonizadores, holandeses, franceses e ingleses, chegaram ao continente africano, a maioria movida pelas riquezas que o país oferecia, como as pedras preciosas, principalmente os

diamantes, e logo dominaram o país, e ainda guerras foram travadas entre os boêres[16] e os ingleses pela dominação do país.

Glissant fala sobre identidade,

> [...] toda identidade é uma identidade de raíz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje "real", nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma crioulização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raíz única mas como raiz indo ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005,p.27).

Para ele, o conceito de identidade não é algo hermético, ao contrário, possibilita outros encontros, outros horizontes, outros discursos. É essa forma de deslocamento que possibilita uma abertura ao outro, esquecendo um pouco a questão da ancestralidade e voltando o olhar para os acontecimentos do mundo.

Gilroy (2001) cita Edward Thompson e Eric Hobsbawn, na sua obra, como autores que contribuíram na compreensão dos estudos culturais ingleses, como também sobre identidade nacional. Esses problemas no interior dos estudos culturais ingleses se alinham, em seu ponto de junção, com a prática política e exemplificam dificuldades mais amplas com o nacionalismo e com o deslizamento discursivo ou a ressonância conotativa entre "raça", etnia e nação (GILROY, 2001, p.57).

A noção de nacionalidade inglesa na cultura foi criada por estrangeiros, e com um forte desejo de desqualificar as raças denominadas por eles "inferiores", tornando os negros ou os de cor em posições subalternas, forçando até mesmo uma absorção do branco pelo negro, que é chamado de embranquecimento cultural para sublimar suas próprias exigências culturais. Bhabha afirma que:

---

[16] A Guerra dos Bôeres (1899-1902) foi um conflito ocorrido no sul da África entre a Grã-Bretanha e os aliados africânderes do Transvaal e do Estado Livre de Orange, no territótrio que, atualmente, constitui a África do Sul.
Durante o século XIX, depois que a Grã-Bretanha conquistou (1814) o Cabo da Boa Esperança e expandiu suas possessões no sul da África, surgiram sentimentos hostis entre a população de ascendência holandesa, conhecida como bôer ou africânder, e os colonos britânicos. Isso provocou a migração bôer denominada o Grande Trek (1835-1843) e o consequente estabelecimento das repúblicas bôeres: Natal (1840), Transvaal (1848) e Estado Livre de Orange (1854). Em 1886, o cenário colaborava para o início da guerra, a partir da descoberta de ouro em Witwatersrand, região que ocupava partes do sul do Transvaal.(< http://www.klickeducacao.com.br/bcoresp/bcoresp_mostra/0,6674,POR-971-8038,00.html> Acessado em 12/12/2014 às 13:48).

> Se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. (BHABHA, 1998, p. 63)

É através dessas diferenças que as questões de diversidade cultural emergem, ao mesmo tempo em que são discutidas e também rejeitadas, pois o cerne da questão concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural, da tentativa de dominação que é explícito no momento da enunciação.

Sibongile não consegue se readaptar à sua vida de volta na África do Sul e adquiriu novos hábitos no país de exílio, Londres, e agora sente na pele o prejuízo do retorno e das condições de vida de uma mulher negra dentro de um país em transição política, saindo do apartheid e enfrentando os problemas que estão dentro desse rastro resíduo *pós*-apartheid e que ainda se consegue negar a própria raça e costumes.

> As she locked the car(forewarned she the day of arrival of those for whom theft was better than nothing) she saw that the cleaner had not moved on, was leaning on her broom and looking at her , a woman dressed ridiculously in the handout of bright protective overalls , football stockings rolled round her calves, flat -footed in men´s shoes , a fisherman´s hat complete with slots for flies crammed on her head. Begging? She would give her a greeting, anyway: *Sawubona, sisi*[…] The woman did not approach but spoke excitedly. – Sibongile, when did you come? I´m Sela´s child , your mother´s cousin, you remember? From Sela´s house, you used to see us there, in Witbank (GORDIMER, 1996, p. 86-87. Grifos da autora).

> Ao trancar o carro (avisada desde o dia da chegada a respeito daqueles para quem o roubo era melhor do que nada), viu que a faxineira não tinha se mexido e estava debruçada sobre a vassoura, olhando para ela, uma mulher vestida de modo ridículo, com um macacão protetor cor-de-abóbora, meias de futebol enroladas nas canelas, sapatos de homem e um chapéu de pescador na cabeça, completo com fendas para isca e tudo, enterrado na cabeça. Esmolando? Ela a cumprimentaria, de todo o modo: *Sawubona*[17]*,*

[17] Sawubona, : é um cumprimento usado no sul da África, quer dizer " eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim" Sisi: é uma forma de se referir às mulheres

> *sisi.*[...] A mulher não se aproximou, mas falou nervosamente. – Sibongile, quando é que você chegou? Sou filha de Sela, prima da sua mãe, lembra-se? Da casa da sela, você costumava nos visitar, em Witbank (GORDIMER, 1996, p.56. Grifos da autora).

Observa-se nessa passagem o desdém de Sibongile ao tratar a simples faxineira da ru:, a cumprimenta porque é uma tradição entre eles cumprimentar as mulheres com *Sawubona, sisi*, porém nota-se que o olhar dela antes do exílio para o povo em condições não tão humanas era diferente, até porque os sul-africanos negros estavam nas mesmas condições, vivendo nos *townships*, local para os negros como Sibongile e Didymus, seu esposo.

2.3 Literatura e pós-colonialismo

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008)

O termo pós-colonial é usado para falar sobre a *cultura* afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais. Isso ocorre porque há uma continuidade das preocupações ao longo do processo histórico iniciado pela agressão imperial europeia[18].

Essa preocupação é relevante para analisar como o mundo interpreta esse processo de pós-colonialismo durante e após o período de dominação imperial europeia e os efeitos dessa cultura sobre a literatura contemporânea.

Dessa forma, são consideradas literaturas pós-colonialistas as literaturas dos países africanos, Austrália, Bangladesh, Canadá, países do Caribe, Índia, Malásia, Malta, Nova Zelândia, Paquistão, Singapura, ilhas dos países do Pacífico Sul e Sri Lanka. A literatura dos EUA também deve ser colocada nessa categoria. Talvez por causa de sua posição atual de poder, bem como o papel neo-colonizador que tem desempenhado, a sua natureza pós-colonial não tem sido geralmente reconhecida. Mas sua relação com o centro metropolitano como ele evoluiu ao longo dos dois últimos séculos tem sido paradigmática para literaturas pós-coloniais em todos os lugares. O que cada uma dessas literaturas tem em comum além de suas

[18] Conceitos traduzidos da obra *The empire writes back theory and practice in post-colonialism literatures*, de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, 1998, 2. Ed, Routledge, London e New York, p.2.

características regionais especiais e distintas é que elas surgiram em sua forma atual a partir da experiência de colonização e afirmaram-se por tematizar a tensão com o poder imperial e enfatizam suas diferenças a partir dos pressupostos do centro imperial. É isso o que as torna distintamente pós-coloniais. Segundo Bonnici:

> A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro. Talvez pelo fato de ter sido o mais extenso e o mais estruturado de todos, o império britânico proporcionou ao crítico uma singular ocasião para ele poder analisar a literatura escrita em inglês por povos tão diversos, em circunstâncias geográficas e históricas tão diferentes (BONNICI, 2012,p.18).

Na teoria pós-colonial, autores considerados tradicionais, ao definirem pós-colonialismo usam o termo ‘colonial’ para descrever o período pré-independência e os termos ‘moderno’ ou ‘recente’ para assinalar o período após a emancipação política. Embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo ‘pós-colonialismo’, Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje. Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas originaram-se da “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial” (ASHCROFT; GRIFFITH; TIFFIN, 1991, p.2).

Ao relacionar o colonialismo como um sistema imperial, é necessário enfatizar a importância da obra estudada e os valores nela envolvidos, cuja autora busca meios de compartilhar essa alteridade. Um ponto focal para Said (2011, p.309) é esse imperialismo colonial:

> Pois se o colonialismo era um sistema, como diria Sartre num de seus ensaios do pós-guerra, a resistência também começou a se fazer sistemática[19]. Alguém como Sartre podia dizer, nas primeiras frases de seu prefácio a *Les damnés de la terre,* de Fanon, que o mundo se compunha de duas facções em guerra,” 500 milhões de homens e 1,5 bilhão de nativos. Os primeiros tinham a Palavra; os outros tinham o uso dela. [...] Nas colônias, a verdade andava nua, mas os cidadãos da metrópole preferiam-na vestida”. [20]

[19] Jean Paul Sartre, Le colonialismo est um système”, in Situations V: Colonialisme et néo-colonialisme (Paris: Gallimard, 1964)
[20] Sartre, “Preface” to Fanon, Wretched of the Earth, p.7.

Como diz Bonnici (2012, p. 22) “a emergência e o desenvolvimento de literatura pós-coloniais dependem de dois fatores importantes: as etapas de conscientização nacional e a asserção de serem diferentes da literatura do centro imperial.”

As literaturas pós-colonialistas dependiam sim da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem/escrita para fins diferentes daqueles para os quais foram usadas no passado. Os críticos ingleses logo perceberam o nascimento do romance pós-colonial em *Things Fall Apart* (1958)[21], no qual Chinua Achebe ridiculariza o administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto rio Niger quando o autor já havia exposto a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação e provérbios da tribo dos Igbos[22] em Umuofia[23].

Existe uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metróplole/colônia ou colonizador/colonizado. “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (DUPLESSIS, 1985, p.46). Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. O objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. Nas discussões, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras.Por outro lado, o pós-colonialismo ajudou também ao feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso antifeminista.

Gordimer passa, portanto, a demonstrar a representação dessa cultura opressora do colonizador em suas obras, lutando pelo seu povo de cor e não medindo esforços para a causa em questão. Mas ela como, sul-africana de pele branca, nem sempre é compreendida em sua ideologia, tornando assim mais árdua sua caminhada. Entretanto, continua lutando pelos direitos do povo sul-africano:

---

[21] A Vida se Despedaça(1958)

[22] Os igbos são um dos maiores grupos étnicos africanos. Habitam do leste, sul e do sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial. Foi um dos povos mais atingidos pelo comércio transatlântico de escravos.

[23] Umuofia é um clã Igbo na Nigéria. É a casa do grande guerreiro Okonkwo.
No romance de Chinua Achebe mostra a vida de Okonkwo, um líder e campeão de wrestling local. Ele descreve sua história familiar e pessoal, os costumes e a sociedade do Igbo, e a influência do colonialismo britânico e missionários cristãos na comunidade Igbo, durante o final do século XIX.

> Alguns de nós na África do Sul querem partir; alguns já o fizeram. Decerto, quando estamos visitando a Europa, estranhamos um pouco o número de amigos(amigos bem informados, com uma boa visão da imprevisibilidade do corredor dos acontecimentos) que nos levam para um canto e nos perguntam se não estamos planejando sair da África. O que me leva às razões pelas quais algumas pessoas partiram e ao porquê desses amigos na Europa acharem que nós também devíamos fazer as malas. Alguns foram embora por não conseguir tolerar a culpa e o horror da vida confortável do homem branco. Outros se foram por temerem os negros. E a maioria na minha opinião, por uma combinação dos dois motivos (CLINGMAN, 1992, p.44).

Complementando o discurso da literatura pós-colonialista, os autores devem reescrever sua história conforme postula Jan Mohammed (1985) pois "o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado". Bhabha (1998), por seu turno, recusa a polaridade colonizador-colonizado e reconhece que a alteridade é "a sombra amarrada" do sujeito, porque ambos se construíram. Esse hiato entre o sujeito e o objeto, o território da incerteza, é aproveitado pelo autor pós-colonial para reconstruir seus personagens pós-coloniais. O hibridismo pós-colonial, com sua subversão da autoridade e a implosão do centro imperial, constrói o novo sujeito pós-colonial.

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito. Sartre discursa sobre a construção do ser como sujeito em relação ao outro, e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Através da percepção do próprio ser-objeto para o outro deve-se compreender a presença do ser sujeito dele, afirma Sartre (1997). Essa reciprocidade permite as relações mútuas entre o ser e o outro. Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto pra o Outro. Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do sujeito e do outro, do dominador e do subalterno.

Spivak (2010) questiona sobre o subalterno: pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da "mulher" parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial

– que não é idêntico ao do Terceiro Mundo –, a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo. A estratificação necessária da constituição do sujeito colonial na primeira fase do imperialismo capitalista torna a categoria “cor” inútil como um significante emancipatório. Confrontada pela feroz benevolência padronizadora de grande parte do radicalismo humano-científico dos Estados Unidos e do oeste europeu – reconhecimento por assimilação –, pela retirada progressiva, ainda que heterogênea, do consumismo da periferia compradora e pela exclusão das margens, até mesmo da articulação centro-periferia – o “subalterno verdadeiro e diferencial” –, a analogia da consciência de raça nessa área, parece ser histórica, disciplinar, e praticamente proibida tanto pela direita como pela esquerda .Não é apenas uma questão de um duplo deslocamento, já que não é simplesmente o problema de encontrar uma alegoria psicanalítica que possa conciliar a mulher do Terceiro mundo com a do Primeiro.

Questionamentos sobre como grupos e modalidades subalternas se relacionam e mostram que existe diferenciação do posicionamento e da internalização de etnia dentro dos campos de poder que se articulam, ou seja, existe um “racismo diferencialista” (BRAH, 2002, p.187).

Os críticos tentam expor os processos que transformam o colonizado numa pessoa sem fala e suas estratégias para sair dessa posição. Spivak discursa sobre a mudez do sujeito colonial e, consequentemente, da mulher subalterna. “O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar”, sentencia Spivak (1995, p. 28). Bhabha (1998) afirma que o subalterno pode falar, e a voz do nativo pode ser recuperada através da paródia, da mímica e da tática chamada *sly civiliy* – cortesia dissimulada –, que ameaçam a autoridade colonial. Por outro lado, a validade da posição dessas teorias foi questionada por Benita Parry (1987, p. 29), alegando que poderiam ser uma máscara para a dominação neocolonial, uma das “formas[s] metamorfoseada[s] do imperialismo”. A autora compartilha a opinião de Fanon (1990) e Ngugi (1986) que provaram como “o colonizado pode ser reescrito na história” (PARRY, 1987, p.39). Se a descolonização sempre é um fenômeno violento (FANON, 1990), o colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor com antagonismo sem cessar.

É a dominação da metrópole sobre o país colonizado, a África do Sul de Vera Stark, Sibongile, Didymus, Oupa Sejake, Zeph Rapulana e agora de Mpho Maqoma, filha temporã do casal Maqoma, amigos de Vera, que retornam para seu país após

um longo tempo exilado em Londres e Cidade do Cabo. A menina Mpho aprendeu a língua e os hábitos do colonizador e até então não sabia nenhuma língua africana, nem o zulu de sua mãe, nem o xhosa de seu pai, perdendo sua identidade sul-africana e tendo que aprender a própria língua.

Assim, no romance aparece a personagem Mpho emoldurando essa situação, pois os pais tiveram que sair de seu país devido ao regime político do apartheid e ela nasce fora de seu país, no país do colonizador, dessa forma adquire os hábitos do país de nascença.

> Sally and Didy´s late-born daughter, Mpho arrived , arrived from her school in England. She stayed indiscriminately, a weekend here, a week there, between her grandmother´s house in Alexandra township and the Starks´s house, sleeping in the bed and among the curling pop-star posters and odd trinkets that had survived their daughter Annick´s adolescence and absence. The Maqona daughter was sixteen-year-old beauty of the kind created by the cross-pollination of history. Boundaries are changed, ideologies merge, sects religious and philosophical, create new idols out of combination of belief, scientific discoveries link cause and effect between the disparate, ethnically jumbled territorial names make a nationality out of many-tongued peoples of different religious, a style of beauty comes out of the clash between domination and resistance. Mpho was a resolution – in a time when this had not yet been achieved by governments, conferences, negotiations, mass action and international monitoring or intervention – of the struggle for power in the country which was hers, and yet where, because of the power struggle, she had not been born. This schoolgirl combined the style of Vogue with the assertion of Africa. She was a mutations achieving happy appropriation aesthetics of opposing species (GORDIMER, 1994, p.68-71).

A filha temporã de Sally e Didy, Mpho, chegou da escola na Inglaterra. Indiscriminadamente, passava um fim de semana aqui, uma semana acolá, entre a casa da avó materna na township de Alexandra e a casa dos Stark, dormindo na cama e entre os cartazes de astros populares e bugigangas variadas que sobreviveram à adolescência e à ausência da filha Annick. Mpho era uma bealdade de dezesseis anos, do tipo criado pela polinização da história. Mudam-se as fronteiras, ideologias se fundem, seitas religiosas e filosóficas criam novos ídolos mediante a combinação de crenças, descobertas científicas estabelecem causa e efeito entre as disparidades, nomes de territórios etnicamente mesclados fazem de povos de línguas e religiões diferentes uma nacionalidade, surge um estilo de beleza do confronto entre a dominação e a resistência .Mpho era uma solução – numa

época em que isto ainda não fora conseguido por governos, conferências, negociações, movimentos populares de massa, monitorização ou intervenção internacional – da luta pelo poder no país que era dela, mas onde, por causa dessa luta pelo poder, ela não havia nascido. Essa menina combinava o estilo da Vogue com a assertiva da África. Era uma mutação chegando a uma adjudicação feliz da estética de espécies opostas (GORDIMER, 1996,p. 53).Fanon (2005) diz que talvez ainda não se tenha mostrado suficientemente que o colonialismo não se contenta em impor a sua lei ao presente e ao futuro do pais dominado. O colonizador não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e de todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila. Esse empreendimento de desvalorização da história pré-colonização assume hoje a sua significação dialética.

Ao se referir ao discurso colonialista voltado aos negros, Fanon (2005) alega que o colonialismo, que não matizou os seus esforços, não deixou de afirmar que o negro é um selvagem não sendo, para ele, nem o angolano, nem o nigeriano. Ele falava a língua negra. Para o colonialismo esse vasto continente era um antro de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, digna de desprezo, carregada de maldições divinas, lugar de antropófagos, lugar de negros. A condenação do colonialismo é continental. A afirmação, pelo colonialismo, de que a noite humana caracterizou o período antecolonial diz respeito ao conjunto do continente africano. Os esforços do colonizado para reabilitar-se e escapar à mordida colonial se inscrevem logicamente na mesma perspectiva que a do colonialismo.

Esse racismo voltado aos negros pode-se dizer que os grandes responsáveis por essa racialização do pensamento são e ainda continuam sendo os europeus que não cessaram de opor a cultura branca às outras inculturas. O homem branco insulta os negros, grosso modo para mostrar a imposição da cultura eurocêntrica.

A África do Sul é um dos países mais desenvolvidos de todo o continente africano, composta por maioria negra e diversas outras raças, há também muitos idiomas oficiais, devido a seus muitos grupos étnicos e à sua colonização europeia.

Por isso, é dentro desse contexto turbulento que se insere a literatura de Nadine Gordimer e de outros escritores africanos como J.M. Coetzee, Wole Soyinka,

Chinua Achebe, Ngugi, dentre outros. Em sua maioria eles buscavam denunciar os discursos inverídicos e resolver problemas políticos, sociais e raciais da África. Na prosa romanesca a África do Sul é exemplo por ter escritores reconhecidos mundialmente, dentre eles, dois que receberam o Prêmio Nobel em literatura, Nadine Gordimer (1923-2014) em 1991 e John Maxwell Coetzee (1940-), cujos trabalhos são voltados para as histórias mais profundas da África do Sul, apartheid, pós-apartheid, racismo, etnicidade, exílio e não-lugar, a fim de mostrar a realidade de seu povo, não esquecendo de enfatizar que ambos são sul-africanos de tez branca e nomes importantes dentro da literatura mundial. Gordimer alude à Literatura Africana:

> Para voltar à situação em que todos os escritores sul-africanos se encontram, sejam negros ou brancos, escrevendo em inglês, africâner, sesuto, zulu, o que quiser – ainda que passe com sucesso pelos obstáculos de proibições e/ou exílio, a tentativa de qualquer escritor no sentido de apresentar na África do Sul uma totalidade da experiência humana dentro de seu próprio país é subvertida antes que ele escreva uma só palavra. Como homem branco, sua sorte pode mudar; a única coisa que ele não pode experimentar é a negritude, com tudo o que isso implica na África do Sul. Como homem negro, a única coisa que não pode experimentar é a brancura, com tudo o que isso implica na África do Sul. Cada um está bem fora do potencial de experiências do outro. Não há mobilidade social *cruzando* a linha da cor. A identificação da classe com a cor significa que romper as barreiras de classe é transgredir a lei, e a barreira indivisível da classe-cor, muito mais eficaz, do ponto de vista de limitar o conhecimento íntimo que o escritor possui de sua sociedade, do que qualquer barreira de classe jamais foi (EICHENBERG, 2012, p.294-295. Grifos do autor).

Ao se pronunciar sobre o escritor negro e o escritor branco, Gordimer (2012) diz que o escritor negro parece levar vantagem nesse ponto: há apenas 4 milhões de brancos. Mas essa compartimentalização da sociedade funciona nos dois sentidos. O escritor negro é extremamente limitado em sua apresentação de personagens brancos; basta ver a frequência com que os seus não passam de figuras de papelão ou caricaturas. O que não sabe sobre a vida do homem branco por causa dessas grandes áreas da experiência branca das quais é excluído pela lei, ele supre com uma fantasia distorcida pelo ressentimento da exclusão. A própria força da acusação que ele sente ter de fazer contra o homem branco perde às vezes a intensidade que deveria possuir. Assim acontece ao se encontrar na obra de um

escritor negro talentoso um personagem branco apresentado de forma tão desajeitada que ele não parece ter lugar na obra.

3 A NARRATIVA DE NADINE GORDIMER NO APARTHEID E PÓS-APARTHEID

3.1 Uma história vista de dentro

> Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.
> (PESAVENTO, 2012)

Ao escrever sobre a África do Sul, é relevante discutir os acontecimentos históricos e políticos que a população enfrentou, dentre eles o apartheid**,** movimento de segregação que afastou grandes líderes de sua pátria como Nelson Mandela e muitos outros que discordavam do regime de apartação. Godimer (2012) em um de seus ensaios intitulado *Por que Bram Fischer escolheu a prisão?* narra um pouco a vida de Abram Fischer (1908-1975), esse líder antiapartheid que nasceu em 1908 na Colônia do Rio Orange – antes antiga república bôer do Estado Livre de Orange considerado um dos nomes da resistência à política segregacionista do apartheid do estado sul-africano. Fischer, conselheiro da rainha, um orgulhoso africâner e confesso comunista, foi condenado à prisão perpétua. As principais acusações contra ele: conspirar para praticar sabotagem, ser membro do Partido Comunista e promover os objetivos desse partido foram enquadradas na Lei da Supressão do Comunismo, mas os anticomunistas não podiam ficar animados com isso: essa lê é aquela muito distendida sob a qual toda oposição extraparlamentar ao apartheid, inspirada pelo socialismo, capitalismo, por princípios religiosos, senso de justiça ou somente sentimento humano, está ao menos sob suspeição na África do Sul.

Fischer abriu mão de uma carreira promissora como advogado para se tornar um dos cidadãos mais perseguidos pelo regime. Ele reconhecia a realidade de sua posição, sabendo ser o clímax da rota de colisão em que ele e seus conterrâneos se lançaram, quase trinta anos atrás, no dia em que ele rejeitou sua crença estudantil na segregação.

Fischer foi um erudito brilhante e, quando se diplomou em direito em Bloemfontein, ganhou uma bolsa de estudos Rhodes para New College, em Oxford. Com 29 anos, casou-se com a filha de outra ilustre família africâner, Susannah –

Molly – Krige, e começou uma carreira de trinta anos no foro em Johannesburgo. Atingiu o ponto mais alto de sua profissão e foi considerado um conhecedor exímio da lei da mineração. Seus serviços eram contratados pelas companhias de seguro, pelos consórcios jornalísticos e pelas grandes firmas mineradoras.

Seu sucesso coincidiu com o crescimento do poder político africâner, mas seu reconhecimento da sujeição do negro, alicerce desse poder, impedia que dele participasse. Embora visse seu povo como o primeiro na África a se libertar da dominação colonial e, portanto, capaz de compreender e habilitado a estimular as aspirações africanas, os africâneres cuidavam de codificar o preconceito racial tradicional dos brancos sul-africanos, boêres, britânicos ou de qualquer outra ascendência, como uma ideologia e o “modo de vida sul-africano”.

No contexto dessa situação é que Fischer, na juventude, se tornara comunista. A ascensão do fascismo no mundo àquela época estava fazendo com que muitos de seus contemporâneos em outros países se voltassem para a esquerda. Na Inglaterra, por exemplo, seu homólogo teria partido para lutar com a Brigada Internacional na Guerra Civil Espanhola. Mas a batalha de Fischer seria travada em casa. Sua instigação não era idealismo juvenil, mas a injustiça e a indiferença à injustiça que ele via ao seu redor todos os dias e da qual, como o primeiro dos primeiros-ministros nacionalistas de um parlamento estudantil e como segregacionista, ele fizera parte. Foi a teoria sinistra da superioridade racial fomentada por Hitler e Gobineau combinada com uma “estranha repulsa” que Fischer experimentava quando, como formalidade num encontro filantrópico , tinha de apertar a mão de um negro, que lhe abrira os olhos. Desde os dias em que, ainda crianças, fizera bois de carro com crianças negras na fazenda de sua famíia, ele fora condicionado a desenvolver um antagonismo para o qual não conseguia encontrar razão. Passou a compreender o preconceito de cor como um fenômeno inteiramente irracional.

Fischer diz ao tribunal em seu julgamento em Pretória porque fora atraído para o Partido Comunista. Havia essa

> Injustiça gritante que existe e tem existido por muito tempo na sociedade sul-africana...Isso não é nem sequer uma questão do grau de humilhação, pobreza ou miséria imposto pela discriminação...É simples e claramente a imposição da discriminação como uma questão política deliberada, por causa da cor que a pele

> de um homem apresenta, independente de sues méritos como ser humano (EICHENBERG, 2012, p. 184).

Três décadas atrás, não havia muita escolha para um jovem que procurasse participar da política voltada inequivocamente para mudar essa situação na África do Sul. O Partido Comunista era então, e por muitos anos, o único partido político que não obedecia à barreira da cor e que advogava o direito de voto universal. Em seu julgamento, Fisher continuou a explicar sua opção partidária:

> A minha atração pelo Partido Comunista foi uma questão de observação pessoal. Àquela altura, o Partido Comunista já tinha se posicionado por duas décadas, confessa e incondicionalmente, pelos direitos políticos para os não-brancos, e seus membros brancos eram, à exceção de um punhado de indivíduos corajosos, os únicos brancos que absolutamente não faziam caso do ódio que essa atitude provocava em seus colegas sul-africanos. Esse membros...eram brancos que poderiam ter se aproveitado plenamente de todos os privilégios que lhes eram franqueados por causa de sua cor...Não estavam dispostos a prosperar em cima das privações sofridas por outros.
> Mas à parte o exemplo dos membros brancos, foram sempre os comunistas de todas as raças que estavam prontos a dedicar seu tempo e sua energia, bem como os meios de que dispunham, para ajudar...com escolas noturnas e planos de alimentação, que auxiliavam os sindicatos a lutar desesperadamente para preservar os padrões de vida...Foram os comunistas africanos que constantemente correram riscos...para conquistar ou reter alguns direitos...Essa adesão destemida aos princípios sempre exerce um forte apelo àqueles que desejam participar da política, não para obter vantagens pessoais, mas na esperança de trazer alguma contribuição positiva (EICHENBERG, 2012, p.184).

Em seu julgamento, ele afirmou em termos marxistas ortodoxos a teoria de que a mudança política ocorre inevitavelmente quando uma forma política deixa de satisfazer as necessidades de pessoas que estão vivendo em novas circunstâncias, criadas pelo desenvolvimento de novas forças e relações econômicas. É verdade que ele considera o problema da cor na África do Sul basicamente econômico: o medo do branco de perder seu emprego para a quantidade esmagadora de africanos, o negro tão inseguro economicamente que o número de africanos desempregados nunca é nem sequer registrado com precisão. Fisher disse: “A África do Sul é atualmente um exemplo claro de uma sociedade em que as formas políticas não satisfazem as necessidades da maioria das pessoas”. E apontou que a

posse de fábricas, minas e terras usadas para fins produtivos está se tornando mais e mais concentrada – nas mãos dos brancos, claro.

Notável é que na prisão ou fora dela, Abram Fischer mantém uma posição dramática na vida sul-africana. Por alguns anos, as circunstâncias que o rodeiam têm sido extraordinárias. Se os propagandistas nacionalistas africâneres o apresentam como o Anticristo, então ele, curiosamente incitado a pôr de lado seu racionalismo socialista, assume alguns dos pecados dos africâneres de um modo cristão. Ao discursar para o tribunal, tornou a repetir muitas vezes afirmações como:

> O que não é apreciado pelo meu colega africâner, por ele ter cortado todo contato com os não brancos, é que...ele agora é responsabilizado como africâner por todos os males e humilhações do apartheid. Assim, hoje o policial é conhecido como um "holandês"...Quando dou carona a um africano durante uma greve de ônibus, ele se recusa a acreditar que sou africâner...Tudo isso tem gerado um ódio profundamente enraizado pelos africâneres entre os não brancos...isso demanda que os próprios africâneres protestem abeta e claramente contra a discriminação. Havia um dever adicional lançado sobre mim, que ao menos um africâner fizesse ativamente este protesto (EICHENBERG, 2012, p.186).

Em sua profissão, Fischer tem igualmente levado uma vida encantada. Desde os anos 1950, quando começaram os julgamentos políticos na África do Sul, ele recusava de forma convencional casos importantes para ter tempo de defender africanos, indianos e brancos comuns de acusações políticas. Tal era seu prestígio profissional que o *establishment*[24] financeiro continuou a procurar seus serviços como antes. De 1958 a 1961 dedicou-se à defesa de Nelson Mandela, o líder do Congresso Nacional Africano e de 29 outros acusados no primeiro julgamento político de massa que, por representar tantas nuances – tanto raciais como ideológicas – do pensamento político, tornou-se conhecido como "a Oposição em julgamento". Em 1964, Fischer liderava os advogados de defesa no julgamento do "Alto-Comando" de movimentos combinados de libertação que tinham estabelecido sua base em Rivonia, ao norte de Johannesburgo. Mais tarde, naquele ano, sua armadura invisível foi perfurada pela primeira vez: ele foi preso, brevemente, sob a lei de detenção de noventa dias. E depois, em setembro de 1964, foi preso com

[24] s.m. (pal. ing.) Grupo sociopolítico que exerce sua autoridade, controle ou influência, defendendo seus privilégios; ordem estabelecida, sistema (<http://www.dicio.com.br/establishment/> acessado em 20/12/2014)

outros treze por cinco acusações, inclusive de ser membro e promover os objetivos do Partido Comunista.

Ele passara na África do Sul um mês e alguns dias, quando em 25 de janeiro de 1965 desapareceu durante a noite, deixando uma carta para o tribunal dizendo estar ciente de que sua eventual punição seria aumentada por sua ação, mas que acreditava ser seu dever permanecer na África do Sul e continuar a se opor aa apartheid*,* levando adiante seu trabalho político enquanto fosse fisicamente capa. Mencionou sua carreira na advocacia, em relação à injustiça do apartheid sustentada pela lei: “Já não posso servir à Justiça assim como tentei fazer durante os últimos trinta anos. Só posso fazê-lo desta maneira que agora escolhi”.

Por dez meses, Fischer driblou uma caçada policial que bisbilhotou todo quintal e casa de fazenda no país, detendo qualquer suspeito de deixar escapar, soba persuasão do confinamento solitário, qualquer informação sobre o paradeiro de Fischer. Em 11 de novembro de 1965 ele foi preso em Johannesburgo, magro, barbado, cabelo pintado. Exceto pelos olhos, era irreconhecível como o homem baixo, mas robusto, bonito e de cabelos crespos que tinha sido – e voltaria a ser, quando apareceu no tribunal em 26 de janeiro de 1966, para enfrentar agora quinze em vez das cinco acusações contra ele.

O apartheid está ligado à vida de Bram Fischer, pois ele lutou até a morte contra esse movimento que mudou a vida dos sul-africanos, separando os brancos dos não brancos num mesmo território. Ele foi contra essa barreira da cor.

Pessoas bem-intencionadas, que não podem conceber que alguém sacrifique profissão, lar, família e, sobretudo, a liberdade pessoal por um gesto que afirmasse o que ele acreditava ser certo, dizem que a morte trágica de sua esposa, Molly, num acidente de carro em 1964, devia tê-lo desorientado. Outros, que sofreram eles próprios interdições e perderam passaportes em consequência de uma oposição corajosa ao apartheid sentem que o desafio final de Fischer à lei foi um ato gratuito, terminando numa tragédia sem sentido.

Quanto ao “gesto” dos dez meses que passou se escondendo, ele deu, no tribunal, sua resposta àqueles concidadãos – colegas de profissão, firmas, inimigos, o povo branco da África do Sul – que procuram julgá-lo:

> Foi para me manter leal a todos os despojados pelo apartheid que rompi meu compromisso com o tribunal, separei-me de minha

> família, fingi ser outra pessoa e aceitei a vida de um fugitivo. Devo aos prisioneiros políticos, aos proibidos, aos silenciados e àqueles em prisão domiciliar a posição de deixar de ser um espectador e agir. Eu sabia o que esperavam de mim, e foi o que fiz. Eu me sentia responsável, não por aqueles que são indiferentes aos sofrimentos de outros, mas por aqueles que se preocupam. Sabia que valorizando, acima de tudo, o julgamento destes últimos, eu seria condenado pelas pessoas que se contentam em se ver como cidadãos respeitáveis e leais. Não lamento nenhuma condenação que possa me atingir (EINCHENBERG, 2012, p. 191).

O juiz o condenou à prisão “para toda a vida! E, enquanto outros choravam, o próprio Fischer recebeu o pronunciamento com altivez. Ninguém imagina o que vai pela cabeça de um homem quando escuta tais palavras; mas talvez Abram Fischer, vendo a vida passar na prisão, possa se perguntar agora, tomando coragem: “Vida de quem? A deles?...a do governo?...ou a minha?” (GORDIMER, 2012, p. 191).

As particularidades da vida de Abram Fischer podem ser vistas em um dos romances de Gordimer, cujo nome é *A filha de Burger*, publicado originalmente em 1979, romance esse censurado pelos agentes do apartheid. No romance, a autora ficcionaliza a vida da família de Abram Fischer (1908-1975). A narrativa gira em torno de Rosa Burger, personagem principal do romance baseada na situação de umas das filhas do casal Abram e Molly Fischer, dividida entre o envolvimento da família em projetos políticos na África do Sul e as necessidades pessoais que a levaram a perguntar se ela própria faria os mesmos sacrifícios de seus pais pelas causas políticas enfrentadas na África do Sul pelo apartheid.

Por fim, no presídio, Fischer teve câncer terminal, e , quando a notícia tornou-se pública, houve uma campanha por sua libertação. Ele deixou o presídio em 1975 para ficar em prisão domiciliar na casa de um parente, pois lhe foi negada a permissão de cumprir essa restrição na casa das filhas. Morre em 8 de maio de 1975, e foi proibido que suas cinzas fossem entregues às filhas para que não se tornassem objeto e peregrinação política.

Diante dos fatos expostos sobre Abram Fischer, observa-se o quão convicto fora de sua luta política em prol do povo sofrido e discriminado sob o regime do apartheid na África do Sul. Contra o racismo ele lutou até a morte.

A maioria das pessoas se satisfazem com o que tem e não querem lutar por melhorias pessoais e profissionais no país em que vivem. O governo é violento, o preconceito é nítido, a segregação aborta os sonhos dos negros na África do Sul. Num diálogo entre Oupa Sejake, o funcionário negro da Fundação Legal e Vera

Stark, advogada branca, esse tipo de preconceito racial ou qualquer outro não existe para ela. Há uma sintonia entre eles, o que pode ver é que há espaço para os brancos e o não-espaço para os negros, resquícios do apartheid.

Oupa planejou uma festinha de inauguração para todos da Fundação Legal. A dra. Stark, para compensar o fato de não tê-lo ajudado a encontrar um lugar para morar, ofereceu-se para levar salgadinhos caseiros e saiu com ele, um pouco mais cedo, numa sexta-feira à tarde, para ajudar nos preparativos.

> – Where do we go? – Oupa had mentioned enthusiastically to everyone an area where there were numerous apartment buildings but had given no further details. He named a street and chattered on. – It´s an old building, man, but that´s why it´s so nice, big room and everything. Here we are – here it is. 'Delville Wood.'(Look at that real marble entrance!) Something to do with a war. Isn´t it? …The car came to a standstill neatly against the kerb. – Delville Wood. – Walking up the steps under packages loaded between them , Mrs Stark turned to him, and odd smile accompanying the banal screp of information she was given. – Yes, it´s a battle. Where it happened. He thought there was some unhappy connection with the name he´d ignorantly blundered on. – Someone you knew died there?...But she laughed . – That war took place before I was born… He led her along red-polished corridors. Her eyes counted off the numbered doors as they passed… – That´s it !...In his proud moment , she pronounced before his doorway: – One-Twenty-One…He rapped zestfully on the number and echoed her. – One-Twenty-One Delville Wood (GORDIMER, 1994, p.94-98).

> – Para onde vamos? – Oupa menciona a todo mundo, entusiasticamente, uma área onde havia diversos prédios de apartamentos, mas não fornecera maiores detalhes. Deu o nome da rua e continuou papeando. – É um prédio velho, cara, mas por isso mesmo que é tão bom, quartos grandes, tudo. Cá estamos – é aqui. "Delville Wood" (Olha só essa entrada de mármore!) O nome tem alguma coisa a ver com uma guerra, não tem?...O carro parou corretamente ao longo do meio-fio. – Delville Wood. – Subindo as escadas, entre pacotes abarrotados no meio dos dois, a drª Stark virou-se para Oupa, um sorriso curioso acompanhando os fiapos banais de informação que ia fornecendo. – É, é uma batalha. O local onde aconteceu... Ele achou que houvesse alguma conexão infeliz com o nome, que sem querer dera uma rata. – Algum conhecido seu morreu ali?...Mas ela riu. – Essa guerra aconteceu antes de eu nascer... Ele a conduziu por corredores vermelhos, polidos. Os olhos dela contavam as portas numeradas... – É esse!...No momento de orgulho para ele, ela pronunciou diante da porta de Oupa: – Cento e Vinte e Um...Oupa deu uma pancadinha rápida nos números, feliz da vida, e lhe fez eco. – Cento e Vinte e Um, Delville Wood (GORDIMER, 1996, p. 58).

Oupa estava feliz com a nova posse: estar em casa entre as paredes onde antes apenas os brancos viviam devido à segregação e os negros vivendo nos *townships*. Agora eles estavam fazendo o processo contrário, dos *townships* para a cidade, ou seja da margem ao centro.

Bhabha (1998) mostra que é precisamente na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que se pode ver como o conceito de "povo" emerge dentro de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo. O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva. Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo: o povo consiste em "objetos" históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado; o povo consiste também em "sujeitos" de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo.

3.2 A identidade branca de Nadine Gordimer e Vera Stark

> As mulheres que respeitam as tradições de suas comunidades se sentem livres para desafiar o caráter patriarcal destas, bem como o chauvinismo da autoridade ali exercida. Outras se sentem bem, se conformando. Outras ainda, mesmo não querendo trocar identidades, insistem em seu direito individual de consentir e, quando não há consentimento, em seu direito a sair da comunidade corretamente reivindicando o apoio do sistema judiciário e de outras agências sociais para que o exercício daquele direito se torne efetivo. O mesmo acontece com a dissidência política e religiosa.
> (HALL, 2003, p.83)

Tanto para Nadine Gordimer quanto para Vera Stark, ambas de cor branca, viver na África do Sul, lutar pelos direitos dos negros e ir em busca de espaços para essas pessoas marginalizadas vai de oposição ao que é pregado pela política do apartheid dentro do continente em que vivem e principalmente quando a cor da pele

diz muito. Fazem parte dessa busca pelos espaços numa África do Sul rodeada de conflitos, violências e preconceitos raciais, cheio de idas e vindas, de saídas e chegadas e de reaprendizagens, como o que aconteceu com Mpho, filha do casal Maqoma, amigos dos Stark que ficou exilado por mais de vinte anos em Londres e Cidade do Cabo, ao retornarem à África do Sul; a filha nascida em Londres, precisou aprender a língua nativa dos pais, e sentiu que àquilo seria uma forma de humilhação para os pais Sibongile e Didymus.

> Out of her mouth came a perky London English. She could not speak an African language, neither the Zulu of her mother nor the Xhosa of her father. – Oh but I *understan*d, mother dear, I can *follow* – And she would open her eyes wide and roll her head, appealing to high heaven in exactly the gesture of the mother with whom she was arguing…
> – Yes, but who knows you *understan*d when you never answer, people will think you´re an idiot, my retarded child. You´re going to have lessons. – Well that´s pretty humiliating for you, ma, isn´t it – have your daughter taught our language as if it´s French or German or something. – Sally appealed to their hosts, Vera and Ben – Listen to that. My girl, that is exactly what has been done to our people, you, your father, me. We´ve been alienated from what is ours , and it´s not only in exile. Your father descended from a great chief who resisted the British more than a hundred years ago – you have a name to live up to! You were robbed of your birth – that should have been right here. Take back your language (GORDIMER, 1994, p.72-75. Grifos da autora).

> [...] Da boca saía o inglês impertinente dos londrinos. Não sabia nenhuma língua africana, nem o zulu de sua mãe, nem o xhosa do pai. – Ah, mas eu *entendo*, mãezinha, eu *acompanho*. – E arregalava os olhos e rodava a cabeça, apelando aos céus, exatamente com os mesmos gestos da mãe com quem discutia...
> – É, mas quem é que sabe que você *entende* se nunca responde, vão pensar que você é idiota, minha filha retardada. Você vai ter aulas.
> – Mas isso é muita humilhação para a senhora, não é? Sua própria filha tendo que aprender a nossa língua como se fosse francês ou alemão. – Sally apelou para os anfitriões, Vera e Ben. – Ouçam só isso. Minha filha, foi exatamente isso que fizeram com nosso povo, com você, com seu pai, comigo. Nós fomos alienados daquilo que era nosso, e não foi só no exílio não. Seu pai é descendente de um grande chefe, que resistiu aos britânicos há mais de cem anos – você tem um nome a zelar! Você foi roubada de seu nascimento – que deveria ter sido bem aqui. Reassuma sua língua (GORDIMER, 1996, p. 54. Grifos da autora).

O que se pode ver é que o domínio hegemônico europeu ainda é predominante nos países colonizados e o discurso de Mpho mencionado acima concretiza o domínio ocidentall: ela apreendeu a cultura do colonizador.

Bonnici, Flory e Prado (2011, p. 37) mostram como a Europa via o mundo através das lentes de sua civilização, cultura, história. Lembre-se que, também na Europa, houve pronunciados círculos de exclusão, concentrando-se o interesse erudito dominante em algumas poucas nações da Europa Ocidental. É ingenuidade supor que as teias da cultura se espalhassem independentemente do poder político e econômico das mais influentes nações do Ocidente. Seria naturalizar aquilo que, ao longo dos séculos, foi delineado segundo antigas dominações e subordinações.

Ao avaliar as formas como se difundiram e divulgaram a literatura e o seu estudo, é, portanto, imprescindível que se considere o fenômeno sociocultural, econômico e político do colonialismo e do imperialismo europeu, abrangendo o mundo moderno e impondo os seus padrões. *The West and the rest* – O Ocidente e o resto – é uma das fórmulas que sintetizaram a arrogância intelectual colonialista, arrogância essa peculiar ao conjunto das nações que expandiram seu poder e território pelos ”mares nunca dantes navegados”, cantados na epopeia camoniana. Interessadamente, o colonialismo desconheceu secularmente o potencial criador desse “outro”´cada vez mais próximo – uma vez que o mundo tornava-se crescentemente entrelaçado através do comércio, da indústria, da tecnologia.

As mulheres em *Ninguém para me acompanhar* têm um papel muito importante na narrativa. Podemos citar Vera Stark, protagonista da história que luta incansavelmente por uma nova África do Sul e que também procura saciar seus desejos pessoais mais íntimos. Sibongile, que mesmo depois de anos exilada em Londres e Cidade do Cabo com a família, tenta retomar sua vida e romper padrões patriarcais antes não aceitos na África do Sul. Annick, filha lésbica de Vera Stark, que não tem medo de assumir sua opção sexual e casa-se com Lou e adotam uma criança negra. E a menina Mpho, filha de Sibongile e Didymus que ao retornar para seu país procura conhecer suas origens. Assim vai rompendo barreiras e reconstruindo uma nova África do Sul, cuja ação no romance está situada historicamente entre a libertação de Nelson Mandela – fevereiro de 1990 –, e as primeiras eleições livres na África do Sul – 1994 –, ano em que o romance foi publicado.

Nadine Gordimer cresceu numa região de um país imenso e jovem – a África do Sul – e para ela essa questão não era apenas meramente geográfica. A divisão do povo em duas grandes raças – a negra e a branca – e a subdivisão dos brancos em grupos que falavam o africânder e grupos que falavam o inglês propiciava uma diversidade de herança cultural que podia levar duas crianças sul-africanas a parecer quase estranhas uma para a outra como se tivessem vindo de países diferentes. Mesmo o fato de seus pais, se anglófonos, tiverem vindo de países diversos complicava ainda mais as origens daquelas crianças. O pai de Nadine veio para a África do Sul ao abandonar uma vila da Rússia; a mãe nasceu e cresceu em Londres.

Em seus relatos, ela diz que com oito anos de idade lembrara que passava com sua irmã, pai e mãe um longo final de semana com um primo de seu pai que vivia no Estado Livre de Orange. Depois de quilômetros e quilômetros de milhos de franjas sedosas que chegavam à altura dos olhos em cada lado da estrada e de casas de fazenda feias onde mulheres de vestidos de algodão bojudos e gorros de sol fitavam o carro deles passar – nos mais tarde, quando vi Oklahoma! num teatro de Johannesburgo, me lembrei daquela cena – chega à vila onde o primo morava numa pequena casa branca com sues lados manchados de poeira, como se tivessem um revestimento oscilante, semelhante a ferrugem, de trinta e poucos centímetros acima do chão. Ali, as duas meninas dormiram em camas de uma maciez sufocante que nunca experimentaram antes – camas de penas trazidas da Europa Oriental – e bebiam chá tirado de um aparelho encantador, um samovar. Ali – para horror da mãe das meninas e delas mesmas – foi oferecido pato defumado, temperado com alho, no café da manhã. As duas crianças da casa falavam apenas o africânder, como os filhos dos boêres que brincavam no pátio das casinhas humildes de cada lado, e ela e sua irmã, enjoadas com a comida estranha e sabendo só falar inglês, observavam os folguedos das meninas com uma mistura de hostilidade e tristeza. Nadine e sua irmã falavam que tudo era diferente da visita à irmã da mãe delas em Natal! Lá, com o lado inglês da família, nos morros verdes de contornos suaves e nos prados aprazíveis de capim doce perto de Balgowan[25] era quase como se elas estivessem na própria Inglaterra. Lá, os primos delas, Roy e

[25] Balgowan is a valley in the KwaZulu-Natal Midlands in South Africa. (<http://en.wikipedia.org/wiki/Balgowan,_KwaZulu-Natal> Acessado em 22/12/2014) É um vale no KwaZulu-Natal na África do Sul.(tradução nossa)

Humphrey, andavam a cavalos como jovens senhores pela bela fazenda do pai e falavam o inglês “puro”, elevado, polido, aprendido nas escolas particulares caras de Natal[26] que tinham no seu corpo docente professores importados das universidades inglesas. E como essas duas visitas eram diferentes da vida delas numa das cidades mineradoras de ouro de Witwatersrand, perto de Johannesburgo, no Transvaal.

Há nove dessas cidades, espalhadas por uma distância de aproximadamente 225 quilômetros a leste e a oeste de Johannesburgo. Aquela em que elas viviam ficava no lado leste – o East Rand, como é chamado – e tinha muitas distinções, conforme se medem as distinções naquela região do mundo. Em primeiro lugar, era uma das cidades mais antigas, tendo assegurado para si descoberta de ouro, um armazém geral, algumas tendas e um nome antes de 1890. Nos dias pioneiros, o pai de Nadine montara um pequeno negócio de um homem só como relojoeiro e joalheiro, e durante as décadas de 1920 e 1930, quando a cidade se tornou a de mais rápida expansão em Witwatersrand ele continuou a viver ali com a família. Na área mineradora mais rica do mundo, a cidade quase se tornou o quilômetro quadrado mais rico.

Na região da África do Sul onde a família de Nadine Gordimer vivia não tinha apenas fogo debaixo dos pés; tinha também uma rede complicada de túneis, tão intricados quanto um daqueles delicados nacos de dejetos de vermes que são encontrados na praia. Todas as cidades ao longo de Witwatersrand, bem como as partes mais antigas da própria Johannesburgo, têm o subsolo escavado pelas minas.

A vida da família de Nadine como as das outras pessoas que viviam na cidade mineradora, numa das regiões mais feias de um continente geralmente belo, era restrita e cordial – um modo de vida que embora costumasse provocar uma reação violenta de rebeldia na adolescência era conveniente às crianças pequenas. A cidade nascera por causa das minas, crescera em torno das minas.

Ao chegar à cidade, o pai de Nadine, Isidore Gordimer, pouco antes da Guerra dos Boêres (1880-1881/1899-1902), costumava perambular de mina em

[26] KwaZulu-Natal (freqüentemente chamada de **KZN**; anteriormente chamada apenas de **Natal**) é uma província da África do Sul localizada na sua costa oriental, tendo como fronteiras: a norte, Moçambique ,Suazilândia e a província de Mpumalanga; a oeste, o Lesoto e a província de Estado Livre; e, a sul, a província do Cabo Oriental. Tem uma área de 86.967 km² e uma população de 8.713.000 habitantes (estimativa de1995). (<http://pt.wikipedia.org/wiki/KwaZulu-Natal> Acessado em 22/12/2014).

mina, carregando uma pasta de papelão cheia de relógios de bolso para vender aos mineiros. Os únicos clientes potenciais para relógios de bolso baratos eram então os africanos tribais – trabalhadores migrantes empregados para fazer o trabalho realmente duro nas minas – e esses homens desnorteados que ainda usavam brincos e se vestiam com mantas tingidas de ocre faziam suas compras principalmente em lojas montadas em terrenos pertencentes à mina por uma concessão do governo, não se arriscando a entrar numa relojoaria da cidade.

A vida na África do Sul, descrita por Nadine Gordimer é cheia de nuances, de cores, de etnias, de raças, de credos e de desejos de uma nação mais igualitária, partindo principalmente do desejo dos não brancos, daqueles de cor. Pois a nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais como negros, brancos, de cor e indianos, segregando assim as áreas residenciais, usando muitas vezes remoções forçadas. Logo no final da década de 1970, os negros foram privados de sua cidadania, tornando-se legalmente cidadãos de uma das dez pátrias tribais autônomas chamadas de bantustões.

> Nossas atitudes sucessivas em relação aos indianos é outro exemplo da mudança perturbadora de valores que tende a assediar qualquer criança que cresce na África do Sul. Os indianos são uma minoria aqui, mas, mesmo antes que seu tratamento se tornasse uma questão em debate nas Nações Unidas, influindo na atitude do restante do mundo em relação à África do Sul, eles não podiam ser ignorados sem problemas, porque pertenciam à grande massa do Outro Lado – os mestiços. Os indianos foram importados como mão de obra contratada para os campos de cana-de açúcar de Natal em meados do século XIX, e agora, à exceção de um numero considerável de comerciantes em Natal – alguns negociantes em quase toda cidade do Transvaal e a quantidade considerável dos que são empregados em hotéis e restaurantes –, eles parecem trabalhar principalmente como vendedores de frutas, verduras e flores. Em nossa cidade mineradora de East Rand, os negociantes indianos estavam concentrados num amontoado de lojas num único quarteirão, que adquiriram antes da aprovação do que é conhecido como a Lei do Gueto[27] de 1946, a qual, com efeito, proíbe que eles possuam ou arrendem propriedades em qualquer outro local que não as áreas restritas, não europeias Essa lojas eram alfaiatarias ou “bazares” em que se vendiam marcadorias baratas de toda sorte e constituíam o objeto da aversão e a inimizade dos lojistas brancos (EICHENBERG, 2012, p.35-36).

[27] A divisão entre raças pode ser observada já em 1913 com a Lei das Terras, que dá 90% das terras aos brancos e apenas 10% aos negros. Anos mais tarde, durante o apartheid, são criadas pequenas pátrias, os bantustões, para separar as raças. http://educacao.globo.com/artigo/apartheid-na-africa-do-sul-segregacao-racial.htmlacessado em 23/12/2014

Said (2007) mostra as questões inerentes ao Homem Branco e diz que ser um Homem Branco era, portanto, uma ideia e uma realidade. Implicava uma posição racional para com o mundo branco e o não-branco. Significava – nas colônias – falar de certa maneira, comportar-se de acordo com um código de regras, e até sentir certas coisas e não-outras. Significava julgamentos, avaliações, gestos específicos. Era uma forma de autoridade diante da qual esperava-se que os não-brancos, ou até os próprios brancos, se inclinassem. Nas formas institucionais que assumia – governos coloniais, corpos consulares, estabelecimentos comerciais –, era um veículo para a expressão, difusão e implementação da política em relação ao mundo, de dentro desse veículo, embora fosse permitida relativa latitude pessoal, regia a ideia comunal e impessoal de ser um Homem Branco. Ser um Homem Branco, em suma, era um modo muito concreto de estar-no-mundo, um modo de tomar conta da realidade, da linguagem e do pensamento. Tornava possível um estilo específico.

O próprio Kipling não poderia ter simplesmente acontecido; o mesmo vale para o seu Homem Branco. Essas ideias e seus autores surgem de circunstâncias históricas e culturais complexas, das quais ao menos duas têm muito em comum com a história do Orientalismo no século XIX. Uma delas é o hábito culturalmente sancionado de desenvolver grandes generalizações pelas quais a realidade é dividida em vários coletivos: línguas, raças, tipos, cores, mentalidades, cada categoria sendo menos uma designação neutra que uma interpretação avaliativa. Sublinhando essas categorias está a oposição rigidamente binômica de “nosso” e “deles”, com o primeiro sempre invadindo o último – até o ponto de tornar o “deles” exclusivamente uma função do “nosso”. Essa oposição foi reforçada não só pela antropologia, pela linguística e pela história, mas também, é claro, pelas teses darwinianas sobre a sobrevivência e a seleção natural e – não menos decisivo – pela retórica do alto humanismo cultural (SAID. 2007, p.307).

Como a cultura está relacionada à nação e às estruturas impostas por essa ou aquela sociedade, na África do Sul do apartheid, os negros ou grupos minoritários não conseguem ser sujeitos ou agentes da história, ficam nos guetos, nos *townships*, nos bantustões, porém não podem se misturar à população branca colonizadora, seja africânderes ou britânicos.

É a noção de ethnic boundaries[28], elaborada por Barth (2011), que marcou uma virada importante na conceptualização dos grupos étnicos e representa um elemento central da compreensão dos fenômenos de etnicidade. Num primeiro nível, ela volta a sublinhar que a pertença étnica não pode ser determinada senão em relação a uma linha de demarcação entre os membros e os não membros. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em outro sistema social. Melhor dizendo, as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles. Ela não pode ser concebida senão na fronteira do "Nós", em contato ou confrontação, ou por contraste com "Eles" (WALLMAN, 1978). Mas o caráter inovador da noção de *ethnic boundary*, atestado pela excepcional influência de seu ator, liga-se à ideia de que são em realidade tais fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural interno que definem o grupo étnico e permitem que se dê conta de sua persistência. Estabelecer sua distintividade significa, para um grupo étnico, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais. Vários autores notam, por exemplo, que o conceito de *soul*[29] só emergiu como expressão da cultura dos negros americanos quando estes se viram expostos à influência cada vez maior da cultura dominante e sentiram a necessidade de definir e manter seus próprios limites a negar aos outros grupos, especialmente aos brancos, o acesso aos valores e aos comportamentos marcados pelo estilo *soul* (HANNERTZ, 1969; STAIANO, 1980).

Barth (2011) complementa que o que permite que se dê conta da existência dos grupos étnicos e de sua persistência no tempo é, então, a existência dessas fronteiras étnicas independentemente das mudanças que afetam os marcadores aos quais elas se colam. A elucidação dos fenômenos de etnicidade passa assim pela análise gerativa das condições de estabelecimento, manutenção, transformação das fronteiras entre os grupos. Na concepção barthiana, a manutenção das fronteiras étnicas necessita da organização das trocas entre os grupos e da ativação de uma série de proscrições e de prescrições regendo suas interações. Segundo Keyes (1976), essa estruturação das relações inter e intragrupos implica as três formas

[28] Ethnic boundaries- fronteiras étnicas (tradução nossa).
[29] Alma, espírito, essência, parte principal (tradução nossa).

fundamentais de troca definidas por Lévi-Strauss: a troca de mulheres, regulamentada pelas prescrições matrimoniais intergrupais, a troca dos bens e dos serviços estruturando as transações entre grupos e a troca das mensagens delimitando as situações culturalmente significativas de comunicação.

A relação da mulher branca Vera Stark com as questões políticas enfrentadas pelos negros na África do Sul de forma profissional, faz com que ela cobre de si mesma uma postura diferente, ela queria ser mais emocional, viver com a alma os problemas dos negros, mas como uma burocrata não quer receber críticas por seu trabalho na Fundação Legal, e muitas vezes ela enfrenta esse dilema do profissional *versus* o emocional, porém não aparece em momento algum no romance esse descuido com as questões agrárias ou não em relação aos negros que a procuram na Fundação para denunciar e resolver seus problemas. Ela percebe a diferença entre ela e seu amigo Didymus Maqoma, ex-exilado que retorna ao seu país com os mesmos ideais que o fizeram partir. Ele se dedica à libertação de seu povo. Já sua esposa a bela negra Sibongile, sofre na época do exílio, como todos os outros líderes que tiveram que deixar seu país por não aceitarem as leis do apartheid, por lutarem contra os líderes do Partido Nacional da África do Sul que impuseram tais leis de separação, como a Lei do Passe, a Lei do Gueto, proibição de casamentos mistos , como também a proibição de relações sexuais entre brancos e negros, a lei da imoralidade está imposta na África do Sul.

Num diálogo entre Sibongile, Didymus e Mpho, obseva-se a postura de Sibongile, depois de viver em Londres absorve a cultura europeia branca e quer que a filha receba a educação de Primeiro Mundo no retorno do exílio na África do Sul.

> Mpho watched her parentes as if at a tennis match sometimes laughing at them, sometimes chipping in with an opinion of her own. Sibongile and Didymus encouraged her , proud of a bright girl whose intelligence had been stimulated in exile by a superior education which perhaps also disadvantaged her by setting her apart among black youngsters. They were uneasy about the school they had been relieved to find for her , although ‘mixed’ most of the pupils were white, it retained the ethos and rituals of a white segregated school. They were grateful that in the early weeks when they were staying with their friends the Starks, Vera had introduced the girl to some decent black people with whom she enjoyed herself. Her surprising attachment to her grandmother unfortunately did not mean that there were any suitable contacts for her in that dirt and violence of a place like Alexandra (GORDIMER, 1996, p. 198-200).

> Mpho espiava os pais como se estivesse assistindo a uma partida de tênis, à vezes ria, às vezes se intrometia para dar opinião própria. Sibongile e Didymus incentivam isso, orgulhosos de uma filha esperta, cuja inteligência fora estimulada no exílio por uma educação melhor que talvez também a prejudicasse, distanciando-a dos outros jovens negros. Não tinham muita certeza quanto à escola que, para alívio mútuo, conseguiram arranjar para ela; embora "mista", quase todos os alunos eram brancos e conservava o etos e os rituais das escolas reservadas aos brancos. Sentiam-se gratos pelo fato de, nas primeiras semanas, quando ainda estavam hospedados na casa dos amigos, Vera ter apresentado a menina a alguns jovens negros decentes, com quem ela se divertia. O afeto que surpreendente que desenvolvera pela avó infelizmente não significava que houvesse alguma amizade adequada para ela na sujeira e violência de um lugar como Alexandra (GORDIMER, 1996, p. 78).

Silva (2011) diz que é preciso vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente "estabelecido" de muitas populações e culturas: os processos de globalização, os quais, ele argumentaria, coincidem com a modernidade (HALL, 2003), e os processos de migração forçada – ou "livre" – que têm se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde nós viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar", "como nós temos sido representados" e "como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios". Elas têm tanto a ver com a *invenção* da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como "o mesmo que se transforma" (GILROY, 1994): não o assim chamado "retorno às raízes", mas uma negociação com nossas "rotas". Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a "suturação à história" por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário – assim como no simbólico – e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático.

3.3 Resquícios do apartheid e a busca da liberdade na África do Sul do *pós*-apartheid: encontros e desencontros

> Nenhum de nós, preto ou branco, pode prometer que a dominação negra não será a alternativa à dominação branca, nem a vingança negra a resposta duradoura, ainda que não a última palavra, a tudo o que os brancos têm feito aos negros. Pois – tal é o impacto do apartheid – há muitos negros, assim como muitos brancos, que não podem imaginar uma vida que não seja nem a vida de um negro nem a vida de um branco.(GORDIMER, 2012, p. 83)

A própria autora menciona que nenhum negro teria o seu lar na cidade dos brancos; nem riqueza, nem honra, nem qualquer outro tipo de distinção poderia lhe dar o direito de se mudar para uma casa na rua onde ela ou qualquer outro branco residissem. O que é evidente notar que milhares de brancos passavam a vida inteira sem jamais ter trocado uma palavra com um negro que estivesse no mesmo patamar social e cultural deles; e, para eles, todo o povo africano era composto de criados e do grande exército de *boys* que faziam carretos ou entregavam coisas – o *boy* do açougueiro, o *boy* do merceeiro, o *boy* do leite, o *boy* da limpeza. Com base nessa experiência, seria simples notar que os homens e as mulheres negros seriam uma raça inferior. A partir dessa experiência, todas as platitudes do apartheid soavam interminavelmente, como um mar fictício nas convulsões de uma grande concha: eles eram como crianças...eles não pensavam como nós...eles não estavam preparados (GORDIMER, 2012, p.79).

O apartheid representou a transformação do racismo em lei na África do Sul e essa segregação foi instituída entre 1948 e 1994. Essa política violenta e bairrista retirou os direitos dos negros e deu privilégio aos brancos, minoria no país.

Os negros faziam todo o trabalho braçal no país, porque nenhum branco iria cavar uma estrada ou carregar um caminhão. Mas, em todo e qualquer tipo de trabalho que um branco queria fazer, havia sanções e reservas de mercado para excluir os negros. Na construção civil e nas indústrias, os africanos seriam os trabalhadores não qualificados e semiqualificados, e não podiam, por lei, tornar-se nada mais. Os negros não podiam trabalhar atrás dos balcões nas lojas e não podiam ser empregados ao lado dos escriturários brancos. Onde quer que trabalhassem não podiam partilhar os banheiros ou as cantinas dos trabalhadores brancos. Mas podiam comprar nas lojas. Uma vez que o balcão estivesse entre o cliente negro e o lojista branco, o murmúrio oco

da concha do apartheid seria silenciado – eles estariam preparar para suprir um esplêndido mercado, eles realmente pensariam como os brancos o bastante para quererem a maioria das coisa que os brancos queriam, de discos de vinil a camisas que não precisavam ser passadas a ferro. Isso é o apartheid na África do Sul.

Bhabha (1998) diz que os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação.

Esse processo histórico de transformações e conquistas que viveu a África do Sul do apartheid *ao pós*-apartheid foi um processo demorado, que culminou em muitas perdas e que depois da liberdade de Nelson Mandela e das eleições livres de 1994, as mudança foram aos poucos se concretizando, porém muitos traços característicos do apartheid continuaram ainda na vida dos sul-africanos por tempos.

Como a própria Nadine Gordimer revelara sobre a história do apartheid *"*é uma história vista de dentro*",* na qual a transformação social é descrita enquanto está ocorrendo e é relatada por uma observadora perspicaz, a própria autora. Ela diz que "qualquer coisa não seja a verdade representa em princípio uma cumplicidade na perpetuação da desigualdade e do desejo de confundir".

O conhecimento da realidade do povo da África do Sul, levou a autora a investir contra os males do apartheid com tanta veemência e vigor, por isso que o tempo todo, em todos os seus discursos, ela de uma forma ou outra ataca essa censura.

> A maioria – quase inteiramente constituída de negros – sofre sob um dos sistemas mais complexos destinados à opressão racial e à exploração econômica. A minoria – de modo geral, os brancos – consiste nos que exercem a opressão e a exploração para seu próprio suposto benefício. Dentro desse universo, existe ainda mais um grupo – o dos brancos que se opõem ao sistema, que desejam de alguma modo uma união com a verdadeira maioria do país. No entanto, a forma de realizar esse desejo continua sendo um a interrogação, que se aprofunda na década de 1970, quando o movimento da Consciência Negra começa a rejeitar toda e qualquer forma de associação com os brancos (CLINGMAN, 1992, p. 14).

Em *Ninguém para me acompanhar* (1994) Gordimer relaciona a transição política nacional e ao mesmo tempo a transição pessoal de Vera Stark, a protagonista do romance. Vera Stark, uma advogada branca de meia-idade, que luta pelas causas políticas dos negros da África do Sul quer ajudar os negros que a procuram na Fundação Legal, mas ao mesmo tempo ela se questiona sobre sua própria vida, o que está acontecendo com ela e suas relações pessoais, essas mudanças comportamentais estão acontecendo com as mudanças politicas do antigo regime, ela também quer quebrar paradigmas, dantes adormecidos, ela quer viver o político, mas não esquecendo de seus desejos mais íntimos, muitos deles podem ser definidos como transgressões, como é a traição – primeiro ela trai o primeiro marido, o soldado de guerra com Ben, ex-amante e atual marido, trai Ben com o ex-marido, o soldado de guerra, do reencontro com Vera para resolver assuntos do divórcio, trai Ben com Otto Abarbanel, um fotógrafo judeu, que trabalhava para uma rede de televisão austríaca e falava com um ligeiro sotaque alemão, que viera fazer um documentário sobre o trabalho desenvolvido pela Fundação Legal de Vera Stark.

> It was the photograph she had sent to her first husband in his officer´s quarters in Egypt during the war – their war, their definitive war, not those following it which spawn without the resolution of victory parades.[…]What was written on the back of the photograph was not her message. Her message was the inked ring round the face of the stranger: this is the image of the man who is my lover. I am in love with him, I´m sleeping with this man standing beside me; there, I´ve been open with you.[…] Her husband had read only the text on the back. When he came home he did not understand it was not to be to her. She defended herself, amazed, again and again: I – showed you, I ringed his photograph next to me. I thought at least we knew each other well enough …How could you not understand! You just refused to understand (GORDIMER, 1994, p.5-6,8-9).

> Era a foto que enviara ao primeiro marido, para o alojamento dos oficiais, no Egito, durante a guerra – a guerra deles, a definitiva, não as que vieram depois, as que proliferaram sem a resolução de marchas da vitória. [...]O que estava escrito no verso da fotografia não era a mensagem que enviara. A mensagem era o círculo de tinta em volta do rosto estranho: esta é a imagem do homem que é meu amante. Estou apaixonada por ele, estou dormindo com este homem de pé a meu lado; pronto, fui sincera com você.[...]O marido lera apenas a mensagem do verso. Quando voltou para casa, não entendeu que não havia de ser para ela. Defendeu-se, surpresa várias vezes: – Mas eu mostrei a você, eu fiz um círculo na foto dele, ali do meu lado. Pensei que pelo menos nos conhecêssemos bem o suficiente...Como é que você não entendeu! Você não quis entender (GORDIMER, 1996, p. 11-12).

Acerca de Vera e o marido, soldado de guerra – a traição a Ben, ex-amante e atual marido:

> They drank.[...]
> Nothing to say.[...]
> She tried to let the distraction of alcohol in her blood overcome the insistence that , clear of circumstance , unwanted, unreasonable, her body urged to her. She could not stop it from reaching him for her, as the flesh and soap smell of his shirt came from him to her. It took him by surprise; he face changed, resistance or pain passed across it, but swiftly. He took the glass out of her hand and put it down behind him. They stood, arms helpless at their sides, looking at each other in restless contradiction. He took her against his chest, her face pressed into the odour of the shirt. They made love for the first time in two years, on the floor among the papers, not on the bed where she belonged with the lover, now.[…]And what if the lover had walked in on them, he must have the key of the door, what change in direction would have happened then?(GORDIMER, 1994, p.33-35).

> Beberam.[...]
> Nada a dizer.[...]
> Tentou deixar que o aturdimento do álcool no sangue superasse a insistência que, sem formalidades, indesejada, irracional, o corpo lhe impunha. Não podia evitar que chegasse até ele, como chegava até ela o cheiro dele e do sabão da camisa. Ele foi pego de surpresa; a expressão mudou, resistência ou dor passaram-lhe pelo rosto, mas foi rápido. Tirou o copo da mão dela e o colocou atrás de si. Ficaram parados, os braços estendidos, inúteis, olhando um para o outro numa contradição inquieta. Puxou-a para o peito, o rosto prensado no aroma da camisa. Fizeram amor pela primeira vez em dois anos, no chão, entre a papelada, não na cama, que agora lhe cabia com o amante.[...] E se o amante tivesse entrado naquele momento – ele certamente tinha a chave da porta da frente – , que mudanças de rumo teriam acontecido? (GORDIMER, 1996, p. 16-17).

Falando-se das traições de Vera, ela trai o marido Bem com Otto Abarbanel. Ele fora chamado, por conta do nazismo, de Bebê de Hitler, porque a “mãe foi montada feito uma vaca para produzir uma boa criança alemã para Hitler” (GORDIMER, 1996. p. 70). Não se sabe o nome do reprodutor ariano.

> During those two years there was no yoghurt and apple lunch eaten over papers at the office. She fled, whenever there was an interstice in activity there or at home, whenever her absence would not be noticed or when there would be some reason for it plausible to her colleagues, her husband, her adolescent daughter (Ivan was already Living in London); fled to number One-Twenty-One.[...]He was there or was to be anticipated. Sometimes he arrived with the kind of food he liked – herrings or smoked sausage or cold Kasseler ribs – and they ate together in that kitchen before or after making love. They bathed together before going back to other people, soaping each other – why was it no one, least of all women, would admit the tender

> pleasure of handling like this a man´s slippery soft tube, pressing it a little, playfully, to make it grow, palpating, rounding out the shape of the two eggs, often uneven in size, in the pouch that keeps warm and alive the seed of the young, akin to the physical attribute that belongs, in the animal species, to the female kangaroo with her pouch of unborn young, quaintly reversed in the human species to the other sex, the male; the pouch that is anciently wrinkled, as if about to atrophy, even in a young man (GORDIMER, 1994, p. 133-137).

> Durante aqueles dois anos não houve almoço de iogurte e maçã ingerido em meio à papelada do escritório. Fugia, sempre que houvesse uma brecha nas atividades profissionais ou de casa, sempre que sua ausência não fosse ser notada ou quando para ela pudesse haver razão plausível e colegas, marido, filha adolescente (Ivan já estava morando na Inglaterra); fugia para o apartamento Cento e Vinte e Um.[...]Ele estava em casa ou seria aguardado. Às vezes ele chegava com o tipo de comida que apreciava – arenque, salsichão defumado, costeletas frias – e comiam juntos naquela cozinha, antes ou depois de fazer sexo. Banhavam-se juntos antes de voltar aos outros, ensaboavam um ao outro – por que será que ninguém, muito menos as mulheres, admite o terno prazer de lidar desse jeito com a bisnaga escorregadia e mole de um homem, apertando um pouco, de brincadeira, para fazê-la crescer, apalpando, contornando o formato dos dois ovos, em geral de tamanhos desiguais, dentro da bolsa que mantém aquecida e viva a semente do filhote, parecida aos atributos físicos pertencentes, na espécie animal, ao canguru fêmea que ali guarda os filhotes ainda não nascidos e , na espécie humana, são curiosamente invertidos para o outro sexo, o masculino; a bolsa ancestralmente encarquilhada, como se prestes a atrofiar, mesmo num homem jovem (GORDIMER, 1996, p. 65-66).

Vera convidara o amante Otto Abarbanel para a sua casa. Para adentrar à sua vida, nessa reunião informal e festiva , havia outros convidados negros e o marido traído Ben. Também na oportunidade, Otto conhecera sua filha Annick:

> Vera was a gentile atheist gratified by the idea that her lover was a Jew, orphaned by racism, without a name that was his own – this linked him with the open, daily purpose of her life, the files of displaced communities on her desk and, before her on the other side of it, day after day, the faces of those who had been made wanderers before they were decreed the wrong race.[…]Vera continued to make love with her husband, even if she felt she had the delicacy not to initiate it. She thought of it as part of a strategy, both to have her lover and not to hurt him, Ben; for the credo she had adopted for the situation was the well-worn one that anything was permitted her, was her right, so long as no one was hurt. Otto had no woman she knew of; there might be one he would go back to in Europe. And the fact was that the love-making with Ben was strangely successful. Ben must have been moved by her; instead of hurt. It was rather like it had been long ago on the mountain holiday, and again after the birth of

> Annick; she could not help being convulsed by wave after wave of orgasm.
> […]Bitch.
> […]Bitch, greeted her face in the mirror. And the next she went back to One-Twenty-One. There she felt it was her lover she was hurting. What lover would accept that a woman like her could enjoy making love with another man? With her husband? (GORDIMER, 1994, p.154-157).

> Vera uma gentil ateia encantada com a noção de que o amante fosse um judeu a quem o racismo deixara órfão, sem um sobrenome que fosse seu – isso o ligava ao propósito franco, diário, de sua vida, aos documentos sobre a escrivaninha de comunidades inteiras removidas e, a sua frente, do outro lado dessa escrivaninha, dia após dia, ao rosto daqueles que se haviam tornado vagabundos porque a lei dizia que eram da raça errada.[...] Vera continuou fazendo sexo com o marido, ainda que achasse que tinha a delicadeza de não tomar a iniciativa. Pensava nisso como parte de uma estratégia, tanto para manter o amante quanto para não magoá-lo, ao marido; porque o credo que adotara para a situação era aquele já bem gasto de que tudo lher era permitido, lhe era de direito, desde que ninguém saísse machucado.Otto não tinha mulher nenhuma, que ela soubesse; talvez houvesse uma para quem voltaria, na Europa. O fato é que sexo com Ben, curiosamente, foi um sucesso. Ben, deve ter se sentido provocado por ela; não magoado. Era quase como tinha sido muito antes, nas férias nas montanhas e, de novo, depois do nascimento de Annick; ela não podia evitar de ser sacudida por onda após onda de orgasmos.
> [...]Cadela.
> [...]Cadela, respondia seu rosto no espelho.[...]E no dia seguinte estava de volta ao Cento e Vinte e Um. Ali sentia que era ao amante que estava magoando. Que amante aceitaria que uma mulher como ela gostasse de fazer sexo com outro homem? Com o marido? (GORDIMER, 1996, p. 69).

O que se pode observar nas passagens acima é que Vera Stark tinha uma mixórdia de emoções, por trás de seu lado burocrata, grande defensora dos direitos dos negros na Fundação Legal , que resolvia os conflitos entre brancos que usurpavam as terras dos negros diariamente, era uma mulher que tinha múltiplas emoções e sensações ardentes, procurava satisfazer seus desejos mais carnais, não deixava de lado as oportunidades de relacionamentos, mesmo sendo atitudes transgressoras, se envolveu com vários homens, desde o primeiro marido com dezessete anos até Otto, em uma idade já madura e continuava a ter seus desejos sexuais, não admitia a complacência de Ben, silenciava o problema, pois sabia que seu marido tinha por ela um amor imensurável, a ponto de preferir Ivan à Annick, por ele se parecer com Vera, mesmo tendo dúvidas sobre a paternidade do filho Ivan.

Vera Stark recebera uma correspondência de Ivan só que dessa vez , estava com o endereço manuscrito, enviado à fundação, uma carta com um certo mistério, como se fosse uma carta de amor, fugindo às cartas ou correspondências costumeiras enviadas por Ivan à mãe, parecia conter segredos nunca antes mencionados:

> He cannot possibly know what she does not know herself: whether he is the son of love-making on the floor(in this very room where the letter is in her hand) one last time with the returned soldier, or whether he is the son of his mother´s lover, Bennet.[…]He does know. Somehow he does know. She has an irrational certainty. It was always there, can´t be denied ;he doesn´t only look like her, in the genes that formed him is the knowledge of his conception. If she has never known who fathered him, he does. The first cells of his existence encoded the information: he is the child of the childless first marriage, conceived after it was over on this bedroom floor in an hour that should be forgotten. The information was always there: when she and Ben took him into their bed for a cuddle, as a tiny child, and in the inner-focussed emergence from sleep his gaze would be fixed on her eyes; when, a grown man, a banker, he danced with her, each holding the other in their secrecy (GORDIMER, 1994, p.252-254).

> [...]Não há como ele saber o que ela própria ignora: se é filho do sexo feito no chão(nesse mesmo quarto onde tem a carta na mão) uma última vez com o soldado recém-chegado, ou se é filho do amante da mãe, Bennet..[...]Ele sabe. De algum modo, ele sabe. Ela tem uma certeza irracional. Sempre esteve ali, impossível negar; não é que apenas se pareça com ela, nos genes que o formaram existe o conhecimento de sua concepção. Se ela nunca soube quem foi o pai, ele sabe. As primeiras células de sua existência codificaram a informação: é filho do primeiro casamento sem filhos, concebido depois que acabara, no chão desse quarto, numa hora que devia ser esquecida. A informação esteve sempre ali: quando ela e Ben o levavam para a cama de casal para um carinho, quando era pequenino, ao emergir da autoconcentração do sono, seu olhar sempre se fixava nos olhos dela: quando, homem feito, banqueiro, dançava com ela, cada um envolvia o outro em seu segredo (GORDIMER, 1996, p. 88).

Butler (2003) diz que em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. Mas *política* e *representação* são termos polêmicos. Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por

outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorcerei o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representa-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso pareceria obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada.

Recentemente, essa concepção dominante da relação entre teoria feminista e política passou a ser questionada a partir do interior do discurso feminista. O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do "sujeito" como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres. Os domínios da "representação" política e linguística estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida (BUTLER, 2003, p.17-18).

Vera Stark legitima seu discurso de mulher numa África do Sul racista e cheia de preconceitos. Ela se relaciona com a população negra e branca, num convívio possível. Por certo os brancos de poder, como os fazendeiros e os políticos que violentam a população de forma irracional, que tomam as terras dos negros, colocando-os nos townships, o diálogo entre eles, não acontece pacificamente. As relações políticas e pessoais têm uma importância na narratividade do discurso. As vozes de liberdade ecoam por toda a África do Sul e os negros procuram uma nova forma de vida na África do Sul. A libertação de Nelson Mandela e as eleições livres na África do Sul mudam o quadro outrora aterrorizante do país, onde os conflitos e a violência matavam muitos negros, em determinados conflitos trezentos negros morriam envolvendo homens, mulheres e crianças e apenas um branco morria. Uma sociedade morta pela barreira da cor, brancos de um lado, governando e negros do outro lado, preso em seu próprio país, precisando de passe para poder transitar dentro da África, caso os negros não estivessem com o passe de permissão eles eram presos e apanhavam, muitas vezes até a morte, uma situação de pesar.

O período de transição na África do Sul, nos primeiros anos da década de 1990, década em que o romance *Ninguém para me acompanhar* é publicado, mostra vários fatos políticos, o atual presidente F.W. de Klerk, eleito em 1989, faz acordos com as duas organizações mais representativas da África do Sul, o Congresso Nacional Africano – African National Congress – ANC – e o Congresso Pan-Africanista – Pan-Africanist Congress- PAC. Os exilados políticos retornam, prisioneiros políticos são libertados. A economia se encontra enfraquecida, desemprego em alta,, muitas rebeliões nos bairros negros com brigas e mortes, assassinatos de lideranças, disputas políticas de todas as ordens. Essas mudanças na África do Sul, como as eleições livres de 1994, iniciaram sob muitos conflitos e mortes.

> [...] E então saiu da prisão um homem irreconhecível como qualquer um desses modelos. O homem real, com um rosto esculpido e traçado pelo espírito interior que resistiu durante trinta anos, pelas marcas de uma autodisciplina incrível, de pensamentos, sofrimentos profundos, e com a confiança inequívoca da fé nos direitos da dignidade humana. Um rosto impressionante.[...]Agora ele está aqui. Ele nos confronta, o homem entre nós. Ele falou sem rodeios, em Soweto, para os negros e para os brancos, não nos poupando nada. Passou por cima da adulação da multidão para exigir dos negros o fim da violência entre os negros. Soletrou para os brancos sua responsabilidade pelas consequência da pobreza, falta de moradia e emprego, causadas pelas leis que eles criaram e deviam abolir.[...] Em contraste, poucos se importam em interpretar numa linguagem igualmente clara a responsabilidade assombrosa que as expectativas colocam sobre Mandela. A “reconciliação” numa “nova África do Sul” criada por ele significa, em última análise, encontrar casas para centenas de milhares de negros cujas necessidades, que remontam à Segunda Guerra Mundial, nunca foram atendidas. Significa encontrar os 4 mil trabalhadores qualificados, de que economia minguante precisa desesperadamente, em uma população cuja maioria recebe uma educação segregada, irremediavelmente inadequada. Significa – dando visibilidade apenas a um dos problemas monstruosos que as grandes palavras-clichês ocultam – transformar a força policial e o Exército, que têm sido os inimigos brutais do povo sul-africano por gerações (EICHENBERG, 2013, p. 18-19).

Essa transição política na África do Sul necessitará de uma redefinição das novas estruturas governamentais. Os negros e os brancos deverão ter um bom convívio, o preconceito racial deve não mais existir. Para o líder Nelson Mandela haverá muitos problemas a serem discutidos e resolvidos a fim de realizar um novo governo na África do Sul, sem a barreira da cor e a violência para impedir as realizações das propostas implantadas pelo governo de Madiba – nome do clã ao

qual Nelson Mandela pertencia, na aldeia de Mvezo, distrito de Livingstone. “Lutei contra a dominação branca, lutei contra a dominação negra. Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática em que as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais” (MANDELA, 2013, p. 48).

A proposta governamental de Mandela, seria de uma África do Sul livre, com novos ideais “é um ideal que espero viver e realizar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer” (MANDELA, 2013, p. 48).

Depois de passar 27 – vinte e sete – anos presos, sendo que 18 – dezoito – desses anos passou na prisão na Ilha de Robben, Mandela foi transferido para Pollsmoor, na Cidade do Cabo, onde ficou numa cela isolada.” Sozinho, Mandela teve uma revelação: todos os anos de guerrilha e luta militar do CNA(Congresso Nacional Africano) foram inúteis e não derrotariam o apartheid na África do Sul. Ao contrário, apenas fortaleceriam o regime, por alimentar o medo. Ele pensou: ´Por que não negociar?´”, afirma Richard Stengel, jornalista que coescreveu a biografia de Mandela. “Mandela ficou isolado no CNA, seus colegas acreditavam que ele fraquejava ao querer negociar com seus carrascos.” Ficou a lição para movimentos libertários ao redor do mundo: saber o momento de negociar, ciente de que esse é um passo inevitável. Se o confronto, diante de uma força opressora, serve como grito por justiça e pode trazer avanços, o enfrentamento permanente nega uma sociedade exatamente o que Mandela buscava: uma vida em harmonia e com oportunidades iguais para todos (REVISTA ÉPOCA, 2013. p. 48).

Logo que Mandela assumiu a Presidência da África do Sul, uma de suas primeiras medidas foi formar a Comissão da Verdade e da Reconciliação. Um comitê muiltirracial e politicamente foi constituído para organizar uma lista de 25 candidatos a comissário da CVR. Foram selecionados 17, sob a presidência do arcebispo Desmond Tutu, ganhador do Nobel da Paz. A comissão ouviu vítimas de violações dos direitos humanos cometidas pelo “Estado ou por qualquer outra organização, grupo ou indivíduo”. Prestaram depoimento pessoas torturadas ou presas injustamente, parentes de militantes assassinados e famílias atingidas pelo terrorismo de todo tipo – de grupos nacionalistas negros, chefes militares do regime segregacionista, policiais, agentes dos servidores secretos ou integrantes de milícias brancas paramilitares. As audiências eram públicas e transmitidas pela TV. Foi um verdadeiro expurgo público dos crimes cometidos durante os 46 anos de apartheid (1948-1994) (REVISTA ÉPOCA, 2013. p. 49).

O processo foi o maior gesto de Mandela em favor da paz entre negros e brancos. Saídos de um regime que os tratava como animais, os negros poderiam ter se lançado a uma violenta vingança. Nas mãos de um líder populista e irresponsável, a África do Sul poderia ter sido palco de um colossal banho de sangue. Era o que Mandela mais temia. Ele queria reconciliar o país, não perseguir os derrotados. “Mandela dizia ser impossível ter uma África do Sul boa, se não fosse boa para brancos e negros” e não cansava de afirmar “a humanidade é uma só” (REVISTA ÉPOCA, 2013, p. 48-49).

Pensar nas atrocidades do apartheid é não querer mais cometer tais atos terroristas na nova política pós-apartheid de Nelson Mandela, é pensar num país para todas as raças e cores, todos os lugares comuns, obedecendo a dignidade dos seres humanos.

Pesavento (2012)diz que a alteridade, por sua vez, se revela por também diferentes formas: os outros são, também, muitos, e podemos conviver com eles em termos de admiração ou emulação, de sedução e desejo, de estranhamento e distância ou, no seu caso-limite, em termos de negação. Nesse caso, estaríamos diante da modalidade perversa da alteridade. A exclusão é, no caso, condição atribuída, que nasce do gesto, da palavra e do olhar de quem designa o outro. Os excluídos, por seu lado, podem experimentar processos reativos a esse fenômeno, articulando identidades próprias, face ao mundo dos incluídos que os rechaça (PESAVENTO, 2012, p. 92).

Pesavento (2012) ainda enfatiza que mesmo que se possa dizer que, em um mundo globalizado, tais recortes de pertencimento, nacionais ou locais, possam deixar de ter sentido, em detrimento de outras realidade macroagregadoras, a história recente tem mostrado um recrudescimento de localismos e aspirações de reconhecimento de grupos e minorias. Da mesma forma, a questão dos excluídos é um dado posto pelo mundo atual, pressionando não só o debate sobre o tema como reflexões acerca da presença de tais categorias no imaginário social que os homens construíram para si ao longo da História. Nessa medida, esse dado contemporâneo repõe, para o historiador, o interesse pelo estudo de tais questões, sobretudo sobre a eficácia simbólica das representações nos movimentos sociais de hoje (PESAVENTO, 2012, p.93).

No apartheid das barreiras raciais e sociais, é visto essa exclusão dos negros, essa divisão territorial dentro do mesmo território, os guetos, conhecido como

pequenas pátrias – os bantustões para separar os brancos dos negros. Os brancos não podiam conviver sequer com os negros, só se esses negros, tivessem algum serviço a desempenhar para os brancos, como empregados de suas residências, de suas lojas, desenvolvendo alguma atividade como jardinagem, tarefas domésticas, engraxate, cuidador das crianças, etc.

Eichenberg (2012) diz que toda vida humana, por mais humilde que seja, tem um contexto emaranhado de experiência familiar – relações sociais, padrões de atividade em relação ao ambiente. Chamem de “lar”, se quiserem. Ser retirado desse lugar certa manhã num caminhão do governo e ser despejado num local desabitado é ser obrigado a reconstruir não só o seu abrigo, mas sua vida a partir do zero. Para as centenas de milhares de negros que estão sendo obrigadas a passar por essa experiência na África do Sul, não há apelação (EICHEBERG, 2012, p. 228).

O choque que abala essas estruturas sociais é visto na separação de Oupa Sejake e sua família, ele ao sair da prisão e retornar para a sua África do Sul, procura alugar um local para ficar no território dos brancos e sua família fica num dos *townships*, longe do território dos brancos. Começa a trabalhar na Fundação Legal com Vera Stark, estuda Direito e faz de sua vida mais aprazível, apesar de tantos problemas enfrentados por ele, ele consegue aos poucos se sobressair, por seu um bom funcionário, participa das reuniões festivas na casa da Drª Vera Stark, convive com pessoas do círculo de amizade de Vera Stark, como os familiares, Ben, Annick, Lou, a namorada de Annick o pai de Ben, os amigos da fundação, o casal negro amigo de Vera, Sibongile e Didymus Maqoma e sua filha Mpho Maqoma, De repente, acontece uma situação inusitada, Mpho , a bela jovem engravida e o provável pai apontado é Oupa Sejake, casado e com filhos a criar, os pais querem que Mpho faça um aborto e chamam Vera Stark, como amiga íntima deles para compartilhar toda a história, principalmente por ser o suspeito um funcionário da Fundação Legal, a quem Vera Stark tem a maior consideração e estima:

> – You knew he was married, you know she´s a child, why did you let us believe he and his crowd would be nice company for her, safe? Why didn´t you warn us?
> […]Vera turned from Sally´s assault to Oupa, uncertain whether to defend or accuse. – What´s happened with you and the girl?
> – He´s been sleeping with my child, my daughter. I take her to a daughter and I find she´s pregnant. That´s what´s happened. That´s the result of the nice people you introduced her to! Not a word from

> you, Vera, not a word from warning, you must have known she was running around with him…
> – I? I knew nothing, I had no idea. I don't have anything to do with the private lives of the people at the Foundation…
> – Oh yes you do. You had him in your house. You said nothing to me when she went to parties and they were not parties, he was bringing her back to this place to sleep with her! You had him and the other nice friends in your house, you and Ben (GORDIMER, 1994, p. 284-286).

> – Você sabia que ele era casado, você que ela é uma criança, porque você deixou que acreditássemos que ele e a turma dele seriam boa companhia para ela? Por que não nos avisou?
> [...] Vera virou-se do ataque de Sally na direção de Oupa, incerta se devia defender ou acusar. – O que houve entre você e a menina?
> – Ela andou dormindo com minha menina, minha filha. Eu a levo ao médico e descubro que está grávida. Foi isso que aconteceu. Esse é o resultado das pessoas excelentes que você apresentou! Nem uma palavra sua, Vera, nem uma palavra de advertência, você devia saber que ela estava saindo com ele...
> – Eu? Eu não sabia de nada. Eu não tinha a menor ideia. Eu não tenho nada a ver com a vida particular das pessoas da fundação...
> – Tem sim, tem. Ele frequenta sua casa. Você não me disse nada quando ela começou a ir às festas mas não tinha festa coisa nenhuma, ele estava trazendo a minha filha para cá, para dormir com ela! Você recebia esse moço e os outros belos amigos dele na sua casa, você e Ben (GORDIMER, 1996, p. 160).

Em todo o romance, Vera Stark se depara com situações que tendem a ser de sua responsabilidade, sabendo ela que o país em transição, há novos paradigmas a serem seguidos, um desses é redefinir os rumos de sua própria vida tanto profissional quanto pessoal, buscando um autoconhecimento e vendo novas perspectivas para a África do Sul massacrada pelo apartheid, surgindo novas esperanças tanto no âmbito político, social e cultural, a liberdade de expressão por parte dos escritores negros que antes não podiam expor seus escritos e nem divulgá-los sem repressão. Vera menciona, "o falecimento do antigo regime torna possível também o abandono de uma antiga vida pessoal" (GORDIMER, 1996, p. 285).

Assim, a análise do romance segue os títulos das três divisões da obra – "Bagagem" – o que é levado do passado para o presente, uma bagagem cheia de conflitos, separações e violências –, "Trânsito" – o processo que segue a nova África do Sul, com exilados e políticos voltando para a sua terra, a necessidade de analisar as consequências do apartheid e planejar um modo de vida distante do que era, mas com a necessidade de uma revisão política para que o a nação se torne livre e democrática e que todos os brancos e negros possam conviver pacificamente

e com dignidade – e “Chegadas” – as possíveis escolhas, mediante as vivências passadas, uma nova forma de vida, tanto pessoal quanto profissional – a busca de uma mudança identitária, de uma nova forma de encarar os acontecimentos e de se libertar de antigos padrões políticos e sociais, não apenas da protagonista, como dos principais personagens, e da África do Sul como um todo.

O enredo de *Ninguém para me acompanhar* está centrado em duas famílias, uma negra e a outra branca. A família negra é composta por Dydimus (Didy) e Sibongile (Sally ou Sibo) Maqoma, que retornam à África do Sul após vinte anos de exílio, trazendo sua filha adolescente Mpho, nascida e criada em Londres. A família branca é constituída por Vera e Bennet (Ben) Stark e seus filhos Ivan e Annick. Nesse retorno à África do Sul, os casais tentam restabelecer a antiga amizade, pois tinham sido companheiros de militância política antes do exílio. Muitas experiências a dividir nesse momento, muitos fatos a relatar entre os que permaneceram em liberdade, o casal de brancos e os libertados, o casal de negros, como diz Vera:

> In the euphoria of being back, of presenting themselves alive, resurrected from the anonymity of exile, of these who have returned, and the eager desire of those who have stayed at home to make up, in welcome, for the deprivation of the exile they have not suffered, people who had had reason to distrust or simply dislike one another and people who once had been close as brothers and sisters are all greeted in the same way as cherished returned heroes (GORDIMER, 1994, p. 7-8).

> Na euforia da volta, daqueles que voltaram, de se apresentarem vivos, ressurectos do anonimato do exílio, e na ânsia dos que ficaram de compensar, nas boas-vindas, as privações do exílio que não sofreram, pessoas que tinham todos os motivos do mundo para desconfianças mútuas ou que outrora foram tão próximas quanto irmãos e irmãs são todas cumprimentadas da mesma maneira, como heróis queridos de regresso (Gordimer, 1996, p. 42).

E assim, novos rumos serão tomados na África do Sul e os conflitos pouco a pouco serão resolvidos, mas ainda haverá violência e derrame de sangue. O episódio que repercute na morte de Oupa Sejake é marcante no romance, após um assalto no caminho de volta da visita à casa de sua família e filhos com Vera Stark, entretanto o motivo da viagem era uma diligência da Fundação Legal e não uma visita particular:

– This´s only about fifty kilometers from my uncle´s place. Where my wife stays with the kids. The turn´s just over there at the trees.
[…] – He turned his head to her. – We go there?
– Yes. – Mrs Stark authorizing transgression of one of the strictly honoured rules of the Foundation: the Foundation´s vehicles are not to be used for private purposes. And Vera added – Why not. I makes no sense for you to be so close, and drive on.
[…] Oupa asked no question. That he didn´t was in itself a dissolve of constraint and a return to the old simple confidence between them. He opened his window to late the morning air gush in wide, he slotted a Ladysmith Black Mambazo[30] cassete into the player, he drove faster; it was as if he had downed a couple of beers he enjoyed so much. – You give me the green light, okay. I´m going to stop at a store. Get some sweets and things. – As they neared the settlement there were roadside venders selling mounds of sweet potatoes and onions and an Indian store into whose dimness he disappeared in skipping strides. He came out with chips and Jelly babies, clear plastic guns filled with candy pills for the children, and packets of tea and sugar, the gifts poor people offer adults the way rich visitors offer flowers (GORDIMER, 1994, p. 381-386).

Estamos bem pertinho, nem cinquenta quilômetros, de onde meu tio mora. Onde minha mulher fica com as crianças. A entrada é bem ali na frente, nas árvores.
[...] – Virou-se para ela. – A gente vai lá?
– Vai. A dra. Stark autorizando a violação de um dos regulamentos da fundação rigorosamente observados: os veículos da entidade não são para fins particulares. E Vera acrescentou: – Por que não? Não faz sentido você estar tão perto e não passar por lá.
[...] Oupa não fez perguntas. O próprio fato era, em si, uma desintegração do constrangimento e uma volta à velha confiança de entes entre os dois. Abriu a janela para deixar o vento da manhã entrar em cheio, enfiou uma fita de Ladysmith Black Mambazo no gravador, pisou no acelerador; era como se tivesse toamdo algumas cervejas de que tanto gostava. – Você me deu sinal verde, certo? Vou dar uma parada. Comprar umas balas, umas coisas. – Ao se aproximarem do povoado, surgiram ambulantes, vendendo pilhas de batata doce e cebola, e uma loja de indianos em cuja obscuridade ele desapareceu saltitante. Reapareceu com batatas fritas em saquinho, balas de goma, revólveres de plástico transparente cheios de balas para as crianças e pacotes de chá e açúcar, os presentes que os pobres oferecem aos adultos da mesma forma que visitas oferecem flores (GORDIMER, 1996, p. 178-179).

[30] Ladysmith Black Mambazo é um grupo vocal masculino sul-africano formado no início da década de 1960, cantando em ritmos tradicionais locais1 . Eles ganharam destaque em todo o mundo ao participarem do álbum do músico estadunidense Paul Simon, *Graceland*, lançado em 1986, ganhando diversos prêmios, incluindo três Grammy Awards. A banda foi formada por Joseph Shabalala em 1960 e se tornou um dos artistas mais prolíficos da África do Sul, com seus lançamentos, recebendo discos de ouro e platina. O grupo tornou-se uma academia móvel, ensinando as pessoas ao redor do mundo sobre a África do Sul e sua cultura.(http://pt.wikipedia.org/wiki/Ladysmith_Black_Mambazo) acessado em 30/12/2014 às 12:04)

Da visita à casa da família de Oupa, pode-se ver as péssimas condições em que as famílias negras viviam, veja o ambiente da família de Oupa Sejake:

> These shelters provided for by men absent in cities fill up with women; in the all-purpose room were several and a baby or two, flies, heat coming from a polished coal stove. The sweetish smell of something boiling – offal? – was swallowed with tea flurriedly made for the white visitor; the children brought her their school exercise books. Perhaps they thought she was some kind of teacher or inspector. In her familiarity, through her work, with homes like this one, scaterrrings of habitation outcropped along with the trash-pits of white towns, she was accustomed to be regarded as someone to whom it was an opportunity to address a demand, attention.[…]Time to get going, hei – the while the firewells were being made to all the women, the children hung again about him. Their heads caresses under his hands storing up the shapes, he asked – undercover – whether his employer could help him up? – The loan of twenty rands[31] or so.[…]He hugged his children, he joked again with the women: a man, a lover, a husband, a father. His wife stood aside – displaced by an arrival without a letter, without warning in the life she held together by herself; in her stance, the way the full neck rose, she alone, of all the other women, in possession of him; lonely. That was how Vera saw her and did not know she would never forget her (GORDIMER, 1994, p.389-390,393-396).

> Esses abrigos fornecidos pelos homens ausentes, trabalhando na cidade, enchem-se de mulheres; havia várias no aposento de finalidades múltiplas, mais um bebê ou dois, moscas, e calor saindo de um reluzente fogão a carvão. O cheiro adocicado de algo fervendo – tripas? – foi engolido junto com o chá feito às presas para a visita branca; as crianças lhe trouxeram os cadernos de escola. Talvez pensassem que era uma espécie de professora ou inspetora. Familiarizadas em virtude do ofício com lares assim, salpicos de moradia afloradas junto com os depósitos de lixo das cidades brancas, acostumara-se a ser tratada como alguém a quem existe uma chance de fazer um pedido, uma exigência.[...] Está na hora de ir andando – e enquanto se faziam as despedidas de todas as outras mulheres, as crianças o rodearam de novo. Com as cabecinhas sob as mãos, guardando-lhes o formato, ele perguntou – disfarçadamente – se sua chefe podia lhe dar uma força? – Um empréstimo de uns vinte rands.[...] Oupa abraçou os filhos, brincou de novo com as mulheres: um homem, um amante, um marido, um pai. A mulher ficou de lado – deslocada pela chegada sem uma carta, sem um aviso, na vida cujas rédeas segurava sozinha; ela só ela, entre todas as mulheres, de posse dele; solitária. Foi assim que Vera a viu, sem saber que jamais a esqueceria (GORDIMER, 1996, p. 179-180).

[31] Rands O rand ou, na sua forma aportuguesada, rande (no plural, ambos:randes) é a moeda corrente oficial da África do Sul.1 Seu nome vem de *Witwatersrand*, abreviação de *White-waters-ridge*, que traduzindo ao português significa "Montanha das Águas Brancas"; montanha essa que tem a cidade de Johannesburgo construída e onde era a maior reserva de ouro da África do Sul.(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rand> acessado em 30/12/2014).

Said (2011) diz que o fato de podermos ver e julgar a história nacionalista com tanta severidade é um atestado da perspectiva radicalmente nova que uma oposição mais profunda oferece à experiência completa do imperialismo histórico; ela deriva positivamente das doutrinas descentralizadoras de Freud, Marx e Nietzche, e negativamente das insuficiências da ideologia nacionalista. Ela permeia o *Discours sur de colonialisme* – Discurso sobre o colonialismo –, de Aimé Césaire, mostrando que as ideologias da dependência colonial e da inferioridade racial dos negros foram sub-repticiamente incorporadas no jargão moderno da psiquiatria, a qual, por sua vez, permite Césaire utilizar sua própria força teórica desconstrucionista latente para minar sua própria autoridade imperial. A cultura nacionalista às vezes é ultrapassada de maneira dramática por uma fértil cultura de resistência, cujo cerne é a insurgência ativa, uma "técnica de agitação" dirigida contra a autoridade e o discurso do imperialimo.

Para ele, no entanto, isso não acontece sempre, nem infelizmente, na maior parte do tempo. Todas as culturas nacionalistas dependem maciçamente do conceito de identidade nacional, e a política nacionalista é uma política de identidade: O Egito para os egípcios, a África para os africanos, a Índia para os indianos, e assim por diante. O que Basil Davidson chama de "ambígua fecundidade" do nacionalismo gera não só a afirmação de uma identidade antes incompleta e abafada, e afinal recuperada por meio dos sistemas nacionais de educação, mas também a inculcação da nova autoridade. Isso também vale para os Estados Unidos, onde a força vital da expressão afro-americana, das minorias e das mulheres às vezes se transforma em doutrina, como se o desejo de criticar o mito da América branca também significasse a necessidade de substituir esse mito por novos mitos dogmáticos (SAID, 2011, p. 410-411).

Com o pós-apartheid, o partido nacionalista da África do Sul, racista e subversivo perde seu poder, com as novas retomadas do Congresso Nacional Africano, Didymus Maqoma, antigo ativista e importante líder do CNA, perde sua posição de comando para os novos líderes. Sibongile Maqoma, por muito tempo sendo fiel às suas atividades domésticas e ajudando o marido, mostra suas capacidades política e administrativa e é eleita para administrar a nova executiva do CNA. Diddy, por não receber votos suficientes, não é eleito e tem que aceitar e cumprimentar a esposa por sua vitória:

The old guard sat on the podium through the announcement of nomination and process of voting, facing the people they had gone to prison for, gone into exile for – and died for: in their faces were those who were absent, who would never come back. Didymus, looking out at his people, had a strange realization, in his body, in his hands resting on his thighs, of his survival. He had moved among them as if dead; had he died under the treatment in Moscow, the fiction, and walked among them those months as a phantom? Disguised, unrecognized, do you exist? And now they see him; back to life. It was a conviction of pure existence. He sat there; he was.[…]In this state he heard the results of the election announced. His name was not among those voted to the new Executive. The applause continued, the shouts flung about like streamers, the songs lifted, the list of names was somewhere beneath. *Sibongile Maqoma*. She was hidden in a scrum of a triumphant supporters. He was congratulating his successful comrades, the clasp round the shoulders, the dip of the cheek to each cheek, ridiculous, as if he were a prize-fighter coming forward in defeat to embrace the victor. Nobody said anything, with the single exception of a comrade who had always felt enmity towards him: – It´s crazy. That they dump you, man.[…] – He made his way to the chanting, dancing press around Sibongile, pushing to get to her until someone saw who he was and nudged to have him let through. His embrace was again a public one, the hug and the hard kiss on the mouth from the comrade-husband; his present before her bounced off the excited glare of her face like the flash of a piece of glass in the sun. But what could she say right then – he was eddied about with some sort of respect among those celebrating her, the husband congratulated by eager hands (GORDIMER, 1994, p. 284-289. Grifos da autora).

A velha-guarda permaneceu no palanque durante o anúncio das indicações e o processo de votação, virada de frente para aqueles por quem foram presos, exilados – e mortos: em seus rostos havia os que estavam ausentes, que jamais voltariam. Olhando para seu povo, Didymus teve a estranha consciência, no corpo, nas mãos repousadas nas coxas, de sua sobrevivência. Movera-se entre eles como se morto; será que morrera durante o tratamento em Moscou, a ficção, e andara entre eles aqueles meses todos como um fantasma? Disfarçado, anônimo, será que você existe? E agora veem, de volta à vida. Era uma certeza da existência, pura e simples. Ele estava sentado ali; ele existia.[...]Nesse estado,ouviu o anúncio do resultado das eleições. Seu nome não estava entre os eleitos para a nova executiva. Os aplausos continuaram, gritos lançados de todos os lados, como serpentina, a música aumentando de volume, e a lista dos nomes nalguma parte, sob a balbúrdia. *Sibongile Maqoma*. Ela estava oculta num bolo de correligionários triunfantes. Ele cumprimentava os companheiros bem-sucedido, abraços e rosto tocando rosto, ridículo, como se fosse um lutador aproximando-se na derrota, para enlaçar o vitorioso. Ninguém disse palavra, exceto um companheiro que sempre tivera inimizade por ele: – Que loucura. Eles botarem você de lado desse jeito.[...]Abriu caminho até o aglomerado que cantava e dançava em volta de Sibongile, empurrando para chegar perto até que alguém viu quem ele era e fez sinal para deixá-lo passar. Seu abraço foi, uma vez mais, o abraço público, o aperto e o duro beijo na boca do companheiro-

> marido; a presença dele expulsou na hora o brilho excitado de sua fisionomia, como o lampejo de um caco de vidro atingido pelo sol. Mas o que ela poderia dizer naquele momento? – ele rodopiava entre os que a celebravam, o marido recebendo congratulações, com um certo respeito, de mãos pressurosas (GORDIMER, 1996, p. 94. Grifos da autora).

Hall (2003) mostra que as mulheres que respeitam as tradições de suas comunidades se sentem livres para desafiar o caráter patriarcal destas, bem como o chauvinismo da autoridade ali exercida. Outras ainda, mesmo não querendo trocar identidades, insistem em seu direito individual de consentir e, quando não há consentimento, em seu direito a sair da comunidade corretamente reivindicando o apoio do sistema judiciário e de outras agências sociais para que o exercício daquele direito se torne efetivo. O mesmo acontece com a dissidência política e religiosa.

Assim, ao se fazer um movimento em direção à maior diversidade cultural no âmago da modernidade deve-se ter cuidado para não se reverter simplesmente a novas formas de fechamento étnico. Deve-se ter em mente que a "etnicidade" e sua relação naturalizada com a "comunidade" é outro termo que opera "sob rasura". Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. Todos nós nos originamos e falamos a partir de "algum lugar": somos localizados – e neste sentido até os mais "modernos" carregam traços de uma "etnia" (HALL, 2003, p. 83).

Essa inversão de papéis do casal Maqoma gera descontentamento e exige adaptações a essas mudanças. Depois, de longas conversas entre eles, Didymus em uma das falas diz " – Escuta, mulher. – Você vai estar lá agora. Lá dentro. Aqui no nosso país. Concentre-se naquilo que você tem de fazer, você vai ter de trabalhar com todo mundo na executiva, não faça inimigos por motivos particulares". (GORDIMER: 1996, p. 97). O nome de Sibongile é encontrado numa lista de nomes de pessoas a serem eliminados pelos fazendeiros brancos, Didymus por sua vez, por ter habilidades com armas, segue a esposa em todos os momentos para assim protegê-la e o que antes estava em conflito, volta a ter um certo equilíbrio entre o casal, Didymus acompanhava a esposa "a toda parte com uma arma no bolso interno do paletó. Com sua ficha política, jamais teria conseguido porte de arma, caso tivesse solicitado; o movimento é que lhe fornecera uma, fazendo valer sua

própria forma de legalidade" (Gordimer: 1996, p.260). E assim a rotina da família Maqoma segue meio a sobressaltos e temores.

E a atmosfera não pacífica na África do Sul pós-apartheid, faz com que todos os caminhos transitados sejam motivo de medo e represália:

> The two vehicles were driven away. He – Oupa – lay gasping over there. There was a tear in her jeans, quite small, some ooze of blood, she did not want to roll the pants leg and see more, she had the desire to sit up and wrap her arms tightly round the leg but she moved, squatting on one leg and supporting the other, to where he was. They clasped hands, dumb. Tears of effort, of the violence with which he had fought were finger-painting the dirt on his face. He patted his ribs on the right side to show her where: blood was blotting out the face of Bob Marley printed on his T-shirt. They were castaways in the immensity of the sky. They were abandoned in the diminishing perspective of an empty dirt road, leaving them behind as a speck to be come upon as hornbills come upon a cowpat. They helped each other somehow to the side of the road.[…] Tears and blood. It was a country road, it was miles from anywhere. But they are everywhere, they violent. To meet up with them again: *Je-ss-uss! I´d be terrified*. He carefully rolled the leg of her pants and fond – Oh my God, there´s a hole on the other side, the bullet went right through…it should´ve been there, where were you standing, did you find it... – But neither had the strength to go back and search. She lifted his shirt and saw the hole, like the socket where an eye had been gouged; on his back there was no exist wound (GORDIMER, 1994, p.405-408. Grifos da autora).

> Os dois veículos foram levados embora. Ele – Oupa – jazia resfolegante ali perto. Quanto a ela, havia um rasgo na calça jeans, bem pequeno, um filete de sangue. Não quis suspender mais a barra da calça e ver melhor; a vontade era sentar e abraçar bem apertado a perna, mas arrastou-se agachada numa perna e sustentando a outra, até onde ele estava. Deram-se as mãos, mudos. Lágrimas do esforço, da violência com que Oupa lutara, listravam o rosto sujo de poeira. Apalpou as costelas do lado direito e mostro onde era: o sangue encobria o rosto de Bob Marley estampado na camiseta. Eram náufragos na imensidão do céu. Estavam abandonados na perspectiva decrescente de uma estrada de terra vazia, largados para trás como um grão de poeira a ser encontrado como os calaus[32] encontram bosta de vaca. Ajudaram-se como foi possível para fora da estrada.[...]Lágrimas e sangue. Era uma estrada vicinal, a quilômetros de distância de qualquer lugar. Mas eles estão por toda parte, os violentos. Encontrar com eles de novo. Je-suss! Eu ficaria apavorado. Com todo cuidado Oupa suspendeu a calça de Vera e achou – Ai meu Deus, tem um buraco do outro lado, a bala passou

[32] Os calaus vivem nas florestas tropicais da África e da Ásia. Eles não são muito ativos. São monogâmicos, porém sociáveis. Embora sejam desajeitados no chão, seus voos curtos entre uma árvore e outra são bastante graciosos. Eles comem um pouco de tudo: sementes, frutos, animais pequenos, carniça.(< https://www.youtube.com/watch?v=cQvaLuzamjw> Acessado em 31/12/2014).

> direto – devia estar lá, onde a senhora estava, viu alguma coisa?...Mas nenhum dos dois tinha força para voltar e procurar. Ela ergueu a camisa e viu o buraco, como uma órbita da qual tivesse sido arrancado o olho (GORDIMER, 1996, p. 182-183. Grifos da autora)

No hospital, onde foram levados feridos Oupa e Vera Stark, havia ainda preconceitos por parte de muitas pessoas, na África do pós-apartheid esse tipo de conduta ainda era "vigente" a violência tem muitos: agora, nesse país, é a execução da vingança, o revide dos reprimidos, para alguns; a justificação dos medos, da fuga, para outros" (Gordimer: 1996, p.185). Vera Stark, depois do assalto, ocorrido com ela e Oupa Sejake, pensara na situação enfrentada no assalto, ela uma mulher vinculada a Ben, ao casamento, pela simbologia da aliança em seu dedo, e como a aliança havia sido roubada, esse vínculo não existira mais, se tornara uma mulher livre:

> [...] Attackers take everything. The sling bag of documents. Address book. Wedding ring. She feels the place where it was, as she investigated the others scars of the attack. The place where the ring was is a wasted circle round the base of the finger, feel it, frail, flesh worn thinner than that of the rest of the digit. Documents, address book – ring; on the contrary, to live: without of these.[…]Until the man on the road forced her to do so, she had never taken off the ring since Bennet placed it on her finger. She had worn it while making love to Otto. Her finger is naked; free (GORDIMER, 1994, p.435-437).

> [...] Assaltantes levam tudo. A bolsa a tiracolo cheia de documentos. Caderneta de endereços. Aliança de casamento. Ela apalpa o lugar onde estava, da mesma forma como investiga as outras cicatrizes do assalto. O lugar onde estava o anel é um círculo gasto na base do dedo, sente-o frágil, a carne mais magra que a dos demais dedos. Documentos, caderneta de endereços – a aliança; ao contrário, viver: sem nada disso.[...]Até que o homem na estrada a forçou a fazê-lo, nunca havia tirado a aliança, desde que Bennet a colocara em seu dedo. Estava com ela quando fazia amor com Otto. O dedo nu; livre (GORDIMER, 1996, p. 187).

Foucalt (1985) diz que é difícil, evidentemente, medir com precisão a amplitude do fenômeno casamento. A documentação acessível diz respeito a algumas áreas geográficas privilegiadas; e esclarece somente a algumas camadas da população. Seria especulativo transformá-lo num movimento universal e maciço, mesmo que, por entre seu caráter lacunar e disperso, as indicações sejam suficientemente convergentes. Em todo caso, se se acredita nos outros textos dos primeiros séculos de nossa era, o casamento parecia tornar-se para os homens – já

que se dispõe somente de seu testemunho – um foco de experiências mais importantes, mais intensas, como também mais difíceis e mais problemáticas. E por casamento não se deve entender somente a instituição útil para a família ou para a cidade, nem a atividade doméstica que se desenrola no quadro e segundo as regras de uma boa casa, mas sim o “estado” de casamento como forma de vida, existência compartilhada, vínculo pessoal e posição respectiva dos parceiros nessa relação (FOUCALT, 1985, p. 84).

Com as mudanças políticas acontecendo na África do Sul, com a nova política do pós-apartheid, a libertação de Nelson Mandela e de seus companheiros da prisão, o retorno dos exilados, as eleições livres, onde os negros puderam votar pela primeira vez, mesmo ainda com conflitos sociais acontecendo nas ruas, Vera Stark faz um balanço dos acontecimentos vividos por ela, dos amores encontrados e perdidos, do poder da sexualidade, das amizades políticas e profissionais da Fundação Legal e fora dela que fizera, do respeito para com a África dos negros e brancos, das questões familiares com Ben e os filhos, com as separações e os retornos, com o sentido da própria vida. Ela tem uma ligação mais forte com os negros da África do Sul e não com a elite branca que ela faz parte, e entre ela e Ben há certo descontentamento, ela considera o marido acomodado, às vezes Vera se ausentava de casa porque “ – precisava fazer ato de presença nalgum encontro político” (Gordimer: 1996, p. 65) e Ben não questionava tanto o motivo das ausências da mulher e permitia, mas tinha um grande amor por ela e respeitava as amizades dela por Oupa Sejake e Zeph Rapulana .

Vera Stark sente a morte de Oupa, as complicações com a saúde dele se agravaram e ele retorna ao hospital de onde havia recebido alta e a cada dia fica mais debilitado, porém todos os amigos da Fundação Legal, se reverzavam entre si, para visitá-lo e dar apoio:

> During The weekend Lazar Feldman and others tiptoed in and stood a few minutes, afraid of closeness to what the familiar young-man-about-the office had become, the grotesque miracle of his methamorphosis. One of the clerks who had meekly suffered because she was too plain to attract him, wept. They went away and some found excuses not to come again; what did the visits help a man, said to be Oupa, who did not know there was anyone present, did not know that he himself was present (GORDIMER, 1994, P. 465-466).

> Durante a semana, Lazar Feldman e outros entravam na ponta dos pés e ficavam alguns minutos, temerosos de uma proximidade com o que se tornara aquele rapaz, figura obrigatória do escritório com o milagre grotesco de sua metamorfose. Uma das escriturárias, que sofrera humildemente porque era muito feiosa para atraí-lo, chorou. Iam embora e alguns arrumavam desculpas para não voltar mais; de que serviam visitas a um home, que se dizia ser Oupa, alheio a qualquer presença, que não sabia sequer de sua própria presença? (GORDIMER, 1996, p. 193).

Todos os conflitos violentos ocorridos na África do Sul *pós*-apartheid eram resquícios das políticas racistas e preconceituosas do apartheid e o resultado desses conflitos se resume a mortes. É anunciada a morte do companheiro, amigo, pai de família, estudante de Direito Oupa Sejake da Fundação Legal e a família é avisada :

> Vera followed the ritual of the funeral without understanding any comfort it could bring to the wife. She was dressed in a polka-dot skirt and jacket that she endured like a tight pair of shoes (an outfit bought by her husband from a street vender in the city?), the skin of her stunned face peeled raw by tears. The children were wearing white socks and polished school shoes. The gangling boy who (that day, that day) hadn´t returned from school held the hand of a two-or-three-year-old who stared down curiously into the pity of dank-smelling earth ready to receive his father. There was singing, of great beauty, from these women left behind , and when they wept one of them took Vera´s arm because with the bullet that passed through her leg she was part the son they mourned and she wept , with them, for the horrible metamorphosis revealed by Intensive Care (GORDIMER, 1994, p.490-492.)

> Vera acompanhou o ritual do enterro sem entender que conforto poderia dar à viúva. Estava vestida com um tailleur de bolinhas que suportava como se fossem um par de sapatos apertados9um traje comprado pelo marido de algum vendedor ambulante na cidade?), com a pele do rosto atordoado esfolada pela lágrimas. As crianças estavam de meia branca e sapato colegial engraxado. O rapaz comprido e desajeitado que (aquele dia, aquele dia) não voltara da escola segurava pela mão um menino de dois, três anos, que espiava com curiosidade para baixo, para o fosso de terra cheirando a umidade fria, pronto para receber seu pai. Houve canto de grande beleza por parte dessas mulheres deixadas para trás e, quando choraram, uma delas tomou o braço de Vera porque, pela bala que atravessara a perna, era parte do filho que choravam, e Vera chorou com elas, pela metamorfose horrenda revelada na Unidade de Tratamento Intensivo (GORDIMER, 1996, p. 198-199).

Além da morte do amigo e companheiro da Fundação Legal Oupa Sejake, que abala Vera Stark, uma outra questão que deixa Vera reflexiva é a opção sexual da filha Annick e se culpa por achar que ela foi a responsável direta por essa opção.

Entre mãe e filha existe uma relação conflituosa e Vera chegar a pensar que essa opção sexual por mulheres é devido a tantos casos extraconjugais que alimentou, fazendo com que a filha sentisse uma certa repulsa ao sexo oposto e pergunta " – É por isso que eu não entendo. Minha filha, como é que você pode ficar sem um homem?" (GORDIMER, 1996, p. 148) Vera não entendia como a filha Annick se satisfazia sexualmente com uma mulher:

> Vera was hearing her out with the gathering silence of a determination to speak, against reluctance to reveal oneself. – I mean the love-making. – The love-making ! – The amused, coaxing tone; her mother might have been an adolescent timidly seeking information. – I have to tell you, Annie, I can´t understand how you can prefer it without a man. – Vera got up and went to close the glass doors that led into the house. In privacy she turned passionately. – Without a man! – It´s wonderful. Let me tell you. A woman is like you, she knows what you feel, what makes you feel, and so – she does – instinctively she does what you want, she´s feeling what you´re feeling, at the same time. It´s not like that with a man, who wants his kind of stimulation while you want yours. Oh I suppose you´ve never made love with a woman, for all your independence (GORDIMER, 1994, p. 225-228).

> Vera ouvia a própria voz com o silêncio denso de alguém decidido a falar, apesar da relutância em se revelar. – Estou falando de fazer amor. – Fazer amor ! – O tom divertido , insinuante; a mãe poderia ser uma adolescente toda tímida em busca de informação. – Eu devo dizer, Annie, que eu não consigo entender como é que você pode preferir sem um homem. – Vera levantou-se e foi fechar as portas de vidro que davam para o corpo principal da casa. Na privacidade, ficou ardorosa. – Sem um homem! – É maravilhoso. Deixa eu te contar. Uma mulher é como você, ela sabe o que você sente, o que faz você sentir e aí – ela faz – instintivamente ela faz o que você quer, ela está sentindo o que você está sentindo, ao mesmo tempo. Com um homem não é assim, ele quer a estimulação dele e você quer a sua. Bom, eu desconfio que você nunca fez amor com uma mulher, apesar de toda sua independência (GORDIMER, 1996, p. 148).

A representação da relação das duas mulheres no romance Annick, a médica e Lou, a professora universitária cria um modelo alternativo de relacionamento, quebrando os paradigmas tradicionais, Vera questiona a opção da filha por mulheres:

> – But it´s men you like. Always men – There was an edge of judgment, the twinge of an old injury in the smile. – I suppose you´ve had a few more lovers I don't know about. You´ve experienced nothing by men, men. – Yes. I love men. I mean exactly what I´m

> saying: how can there be love-making without the penis. I don´t care what subtleties of feeling you achieve with all those caresses – and when you caress the other partner you´re really caressing yourself, aren´t you, because you´re producing in her, you say, exactly what you yourself experience – after all that, you end up without that marvellous entry, that astonishing phenomenon of a man´s body that transforms itself and that you can take in. You can´t tell me there´s anything like it. The pleasure, the orgasms – yes, you may produce them just as well, you´ll say, between two women. But with the penis inside you, it´s not just the pleasure – it´s the being no longer alone. You exchange the burdens of self. You´re another creature (GORDIMER, 1994, p.228-231).

> – Mas você gosta de homem. Sempre os homens... – Havia um gume de censura, a pontada de uma velha ferida no sorriso. – Você deve ter tido mais alguns amantes, que eu não fiquei sabendo. Você nunca experimentou nada além de homens. – Exato. Eu amo os homens. E estou falando justamente disso: como é que se pode fazer amor sem o pênis? Não me importam as sutilezas de sensação que você atinge com essas carícias todas – e quando você está acariciando a outra parceira, na verdade você está acariciando você mesma, não está?[...]Não venha me dizer que tem alguma coisa igual! Não tem nada que se assemelhe, não existe uma proximidade igual. O prazer, os orgasmos – certo, você vai me dizer que se pode ter tudo igualzinho entre duas mulheres. Mas om o pênis dentro de você, não é só prazer – é o não estar mais só. Você transfere o fardo do eu. Você é uma outra criatura(GORDIMER, 1996, p. 148-149).

Salin (2012) nos anos 1980, quando Butler ingressou no campo teórico filosófico, a teoria feminista começava a questionar (tal como Butler) a categoria “o sujeito feminino” como uma entidade estável e evidente. Uma série de teóricas, influenciadas por Foucalt, rejeitava a ideia de que o “sexo” era – como até então se acreditava – uma entidade biologicamente determinada, utilizando em vez disso, as formulações de Foucalt sobre os modos, em vez disso, as formulações de Foucalt sobre os modos pelos quais o sexo e a sexualidade são discursivamente construídos ao longo do tempo e das culturas para desenvolver outra visão(ainda que Foucalt tenha sido acusado de conceder pouco espaço à cultura). A “mulher” não era mais uma categoria cuja estabilidade pudesse ver suposta como tinha sido muitas vezes nos discursos feministas dos anos 1960 e 1970(fundamentalmente centrados na fundação da mulher), na medida em que as categorias de gênero, sexo e sexualidade passavam agora pelo escrutínio de teóricas como Butler, Rubin e Eve Sedgwick.

A teoria *queer* surgiu, pois, de uma aliança – às vezes incômoda – e teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a

investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito. A expressão "queer" constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição – por assim dizer fácil. Sedgwick, uma teórica *queer* cujo influente livro *Epistemologia do armário* foi publicado em 1990, no mesmo ano de *Gender Trouble,* caracteriza o queer como indistinguível, indefinível, instável. "O queer é um momento, um movimento, um motivo contínuo – recorrente, vertiginoso, *troublant* [perturbador]", escreve ela em *Tendências,* sua coletânea de ensaios, salientando que a raiz indo-latina *torquere* que significa "torcer", e do inglês *athwart* [de través](Sedgwick, 1994, p.xii). O *queer* exemplifica, então, o que o teórico cultural Paul Gilroy, em seu livro *O Atlântico negro*(1993), identifica como uma ênfase teórica em routes[rotas] mais do que em roots[raízes];em outras palavras, o *queer* não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação.

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem ter tomado a existência de "o sujeito" – sto é, o sujeito gay, sujeito lésbico, a "fêmea", o sujeito "feminino" – como um pressuposto, a teoria *queer* empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e "generificadas".É importante ter em mente que um dos contextos definidores para a teoria *queer* nos anos 1980 e 1990 foi o vírus da Aids e as reações de muitos defensores de "cultura hétero" contra os gays, em resposta ao que era(e ainda é) geralmente visto como uma "praga gay". Diante dessas violentas reações, tornase ainda mais importante investigar as formulações da "normalidade" sexual para revelar o que, sobretudo aquelas identidades que se apresentam ostensivamente como héteros, legítimas, singulares e estáveis, têm de *queer* por debaixo de sua aparente "normalidade". As teóricas e os teóricos *queer,* por outro lado, afirmam a instabilidade e a indeterminação de *todas* as identidades "generificadas" e sexuadas: enquanto Sedgwick formulava a noção de "pânico homossexual" para descrever a resposta paranoica da cultura hétero `natureza múltipla, cambiante e indeterminada das identidades sexuais, Butler, em suas teorizações da heterossexualidade, recorreria a Freud, vendo-a como uma estrutura de identidade "melancólica", na medida em que está baseada numa "perda" ou rejeição primária – socialmente imposta – do desejo homossexual. A heterossexualidade melancólica é uma das

contribuições mais importantes de Butler para a teoria *queer* e exemplifica o *ethos* do próprio queer como um"movimento"(tal como foi caracterizado por Sedgwick) que causa perturbação/confusão de gênero[gender trouble] (SALIN, 2012, p. 19-20).

A protagonista Vera Stark não entende o lesbianismo da filha, mas ao mesmo tempo sente-se culpada por essa aversão da filha aos homens, por estar sempre voltada ao trabalho na Fundação Legal, talvez não tenha dado atenção à filha. Annick presenciou cenas de traição da mãe com outros homens e para uma adolescente não é simples entender:

> Through the will to formulate the Foundation´s understanding of the meaning of land, her own life was gathered in. she had no thought, no space in herself for anything else. When she stood up a moment to place her hands at the small of her back and arch it, faced upturned to the ceiling, to ease tension, with the slight dizzy lurch there came the presence of Annick, Annie, about the house, although the girl might be out at the particular hour: the fact of her.[…]You´ve always been available to so many other people. The seventeen-year-old schoolgirl alone in the kitchen over those textbooks she used to cover with fancy paper and stickers of film stars. She looks up from the conventional wisdom of adults she´s been taught, parents lover one another, that´s the goal of the sex children are taught, for parents their children come before everything and all others – her mother walks in warm from the body of another man. Fucked out. How can that schoolgirl be expected to know the family never was the way she´s been told families are, to accept that her own father was ´another man`, her mother´s sexuality something that made a claim above the love of children?[…]There came to Vera, as what had been a long time waiting to be admitted: it was because of her that Ben´s daughter was a lesbian (GORDIMER, 1994, p. 256-259).

> Sua própria vida estava concentrada no desejo de formular o que a fundação entendia como sendo o significado da terra. Não podia, não tinha espaço em si mesma para pensar em mais nada. Ao se levantar uns instantes para colocar as mãos no dorso e arquear as costas, o rosto voltado para o teto, a fim de aliviar a tensão, sentia com a ligeira tontura a presença de Annick, Annie, pela casa, embora a moça pudesse estar fora naquela determinada hora: a realidade dela.[...]Você sempre esteve disponível para tantas outras pessoas.[...]A colegial de dezessete anos, solitária na cozinha, em cima daqueles cadernos que costumava encapar com papel colorido e adesivos de estrelas de cinema. Ergue os olhos dos critérios convencionais que os adultos lhe ensinam, os pais se amam, esse é o objetivo do sexo, é o que ensinam aos filhos, para os pais os filhos vêm antes de tudo e de todos – a mãe entra, quente do corpo de um outro home. Fodida. Como é que aquela colegial poderia saber que a família não é jamais de maneira como a escola ensina que são as famílias, e aceitar que o próprio pai era "outro homem", que a sexualidade da mãe era uma reivindicação acima do amor aos filhos?[...]Sobreveio-lhe o que havia muito tempo esperava para ser

> admitido: era por causa dela que a filha de Bennet era lésbica (GORDIMER, 1996, p. 153-154).

Vera esquece os cuidados com a filha e a família, não abre mão de seus afazeres burocráticos, busca em todos os momentos a sua satisfação profissional, mas não esquece o seu lado pessoal e sexual e não está mais satisfeita com o relacionamento entre ela e Ben, pois ela agora busca sua liberdade individual, o seu encontro consigo mesma. Seu filho Ivan, fala com ela sobre seu relacionamento com a húngara, Eva, mas a mulher queria um filho com ele e ele diz que já tem Adam, fruto do primeiro relacionamento e por sua vez não queria mais refém algum, é como ele se refere ao filho e diz para Vera que o relacionamento entre eles " não é como você e Ben, uma coisa para toda a vida. Eu não sou como ele – infelizmente suponho."(GORDIMER, 1996, p. 204) e Vera não se sente mais confortável com aquele sentimento opressor que Ben tem por ela, quer se libertar e diz "Ninguém é de ninguém. É o sexo que dá essa ilusão! Você pode até querer, mas não pode".(GORDIMER, 1996, p. 204), Ben esqueceu de tocar a vida, esqueceu dele, parou no passado, com o olhar voltado para Vera:

> – He gave up everything he needed, in exchange for what he wanted. The sculpture. Even an academic career – all right, it didn´t look brilliant, but he might have been a professor by now, mightn´t he? What d´you think? That wouldn´t have been marginal? He put it all on me. – She was excited to continue by a sense of approaching danger, saying too much; doing exactly that, herself: putting the weight of all this on a son, a grown child.[…] There is a fine limit beyond which a son or daughter may turn away in revulsion. Parents must be defined as such. – What on you? – The whole weight of his life. That love he had. I love him but it´s hard to remember how much I was in love with him. That love affair that started on a holiday in the Drakensberg, it hasn´t moved, for him. It hasn´t been taken up into other things. Children born, friends disappearing in exile, in prison, killings around us, the death of his father in the house, the whole country changed. It hasn´t moved. Not even his confusion over Annie has shifted it, not even your divorce, because both he´s understood only in relation to his own feeling in the Drakensberg, he hasn´t any other criterion. The violence that was always there, pushing people out into the veld, beating them up at police stations, and the gangster violence that´s taking the opportunities of change, now, that´s killed Oupa Sejake – even that he understands now *through me*, it´s because it´s something that happened to me, it´s the bullet that went through *my* leg. Love. There´s been so much else, since then. Ivan, I can´t live in the past (GORDIMER, 1994, p. 527-531. Grifos do autor)

> – Ele desistiu de tudo aquilo de que precisava em troca do que queria. A escultura. Até a carreira acadêmica – certo, não parecia

> nada brilhante, mas podia ser um catedrático agora, não podia? Ele pôs tudo em cima de mim. – A sensação de perigo iminente excitou-a, impeliu-a a continuar, falando coisa demais; a fazer exatamente aquilo: pôr o peso de tudo num filho, num filho crescido.[...]Há um limite para além do qual um filho ou uma filha podem recuar, com asco. Os pais têm de estar definidos como tal. – Pôs o que, em você? – Todo o peso da vida dele. Aquele amor que ele tinha. Eu o amo mas acho difícil lembrar o quanto eu estava apaixonada por ele. Aquele caso de amor que começou numas férias em Drakensberg, para ele continua o mesmo. Não se integrou a outras coisas. Filhos nascendo, amigos desaparecendo no exílio, na prisão, assassinatos em volta, a morte do pai dele em casa, o país inteiro mudando. Continuou o mesmo. Nem mesmo a confusão que Annie provocou nele mudou qualquer coisa, nem o seu divórcio, porque a compreensão que ele tem dos dois é toda em relação ao que ele sentiu em Drakensberg, ele não tem nenhum outro critério. A violência que sempre existiu, arrastando as pessoas para as savanas, espancando as pessoas nas delegacias, o banditismo que está tirando partido das mudanças agora, que matou Oupa Sejake – até mesmo isso ele agora entendeu por *meu* intermédio, porque foi algo que aconteceu *comigo*, é a bala que atravessou a *minha* perna. Amor. Houve tanta coisa mais desde então. Ivan, eu não posso viver no passado (GORDIMER, 1996, p. 204-2015).

Vera aproveita todas as mudanças que acontecem em seu país, para mudar a sua vida também, nesse momento de transição política e pessoal, ela busca se encontrar e estabelecer outros paradigmas, quer se encontrar consigo mesma e quer encontrar uma nova postura diante dos fatos dantes vivenciados. Logo que a Promotional Luggage, empresa de Ben fechou, ele " pagou os credores, não devia nada a ninguém. Não sabia o que fazer a seguir e, para disfarçar o fato, foi preencher o interregno com uma visita a Ivan em Londres,"(Gordimer: 1996, p. 265), Vera volta para a casa vazia uma certa noite e viaja em suas lembranças, depois vende a casa e passa uma semana com a filha Annick na Cidade do Cabo. Ela sente que é chegada a hora de se libertar de vínculos passados e procurar um novo recomeço:

> The evidence of personal life was around her; but her sense was of the personal life as transitory, it is the political life that is transcendent, like art, for which, alas, she´d never had time after Bennet read wonderful poetry to her in the mountains. Ben himself had so easily given up what had attracted her to him along with his sexuality – his artistic ability, his sculpture. Politics affects and is evolved endlessly through future generations – the way people are going to live, the way they think *further*. She had no illusion about politics; about her part in it. People kill each other and the future looks back and ask, What for? (GORDIMER, 1994, p. 347-349)

> A prova de uma vida pessoal estava a sua volta toda; mas para ela a vida pessoal é transitória e a vida política transcendente, como a arte, para a qual, infelizmente, nunca tivera muito tempo depois que Bennet leu para ela poemas magníficos nas montanhas. O próprio Ben desistira tão facilmente daquilo que a atraíra para ele junto com sua sexualidade – sua habilidade artística, sua escultura. A política afeta as gerações futuras e por meio delas evolui infinitamente – a maneira como as pessoas vão viver, a maneira como vão pensar *mais adiante*. Ela não tinha ilusões sobre a política; sobre seu papel nela. As pessoas se matam e o futuro olha para trás e pergunta, Para quê? (GORDIMER, 1996, p. 276-277. Grifos da autora)

Depois que a Dra. Vera Stark vende a casa, Ben vai para Londres com Ivan, ela retorna para Johanesburgo depois de passar uma semana na Cidade do Cabo com a filha, Annick indaga " Onde é que pretende morar? Você não vai comprar uma outra casa, vai? Um apartamento?"(Gordimer:1996, p.281). Logo que a comissão encerrar os trabalhos, ela retornará à Fundação Legal e vai se mudar para o anexo da casa de Zeph Rapulana." – É um anexo. Totalmente separado, entrada própria e essa coisa toda. Não há intromissão nenhuma, de ambas as partes. Nós nos respeitamos."(Gordimer: 1996, p. 282). Vera e Zeph tinham uma amizade e um respeito recíproco "Havia entre eles um nível de conhecimento mútuo, tranquilo, não muito profundo, mas bem separado dos relacionamentos complicados e intensos, entranhados em seus seres, dos quais cada um emergiu até esse nível, que não era nem sexualmente intuitivo nem o da amizade".(Gordimer:1996, p. 117-118). Vera se dá conta mais ainda que a barreira da cor seja irrelevante para um relacionamento, seja ele profissional ou pessoal:

> His sexuality in late-middle-age was no doubt satisfied anywhere; although it was clear, from the sense even of her reserved persona behind her office desk, that her whiteness would not be taboo for him, or his blackness for her, sex had no part in their perception of each other except that it recognized that each came from a base of sexual and familial relations to a meeting that had nothing to do with any of these. Vera had never before felt – it was more than drawn to – involved in the being of a man to whom she knew no sexual pull.[…]It was as if, in the commonplace nature of their continuing contact through the Foundation, they belonged together as a single sex, a reconciliation of all each had experienced, he as a man, she as a woman (GORDIMER, 1994, p.62-65).

> A sexualidade dele, em sua meia-idade avançada, sem dúvida satisfazia nalguma parte; embora tivesse ficado bem claro, até mesmo em sua persona reservada atrás da escrivaninha, que o fato de ser branca não seria tabu para ele nem o fato de ele ser negro um tabu para ela, o sexo não fazia parte da percepção que tinham um do

> outro, exceto no reconhecimento de que cada um chegava de uma base de relações sexuais e familiares para um encontro que nada tinha a ver com isso. Vera nunca se sentira – era mais que enlevo – envolvida no ser de um homem por quem não tivesse atração sexual.[...]Era como se, na natureza corriqueira do contato constante que mantinham através da fundação, fizessem parte um do outro como um sexo único, uma reconciliação de tudo que haviam vivido, ele como homem, ela como mulher.(GORDIMER, 1996, p. 118)

Vera agora só sem o marido, que fora morar com o filho em Londres. Ben "acredita que o casamento deles foi um fracasso. Vera o vê como um estágio do caminho, juntamente com outros, muitos e diferentes. Todo mundo acaba rumando sozinho em direção ao eu" (GORDIMER, 1996, p. 277). Ela segue sua vida tentando se encontrar com ela mesma e diz que "o falecimento do antigo regime torne possível também o abandono de uma antiga vida pessoal" (GORDIMER, 1996, p. 285).

Em *Ninguém para me acompanhar*, Gordimer responde às exigências do período de transição política rumo à liberdade. Vera Stark também ruma em direção à sua liberdade pessoal. A filha Annick segue sua vida com Lou e a filha adotiva negra em Cidade do Cabo. Ivan e Ben continuam morando em Londres, a o neto Adam, filho de Ivan, continua morando em Johanesburgo. Vera em seu processo de autoconhecimento, longe de tudo que deixou para trás com o antigo regime do apartheid. Além do político e público, o indivíduo precisa experimentar novos modelos comportamentais e assim a protagonista Vera consegue unir o público e o íntimo.

Said (2011) em *Cultura e Imperialismo* diz que hoje em dia, ninguém é *uma* coisa só. Rótulos como indiano, mulher, muçulmano ou americano não passam de pontos de partida que, seguindo-se uma experiência concreta, mesmo que breve, logo ficam para trás. O imperialismo consolidou a mescla de culturas e identidades numa escala global. Mas seu pior e mais paradoxal legado foi permitir que as pessoas acreditassem que eram apenas, sobretudo, exclusivamente brancas, pretas, ocidentais ou orientais. No entanto, assim como os seres humanos fazem sua própria história, eles também fazem suas culturas e identidades étnicas. Não se pode negar a continuidade duradoura de longas tradições, de moradias constantes, idiomas nacionais e geografias culturais, mas parece não existir nenhuma razão, afora o medo e o preconceito, para continuar insistindo na separação e distinção entre eles, como se toda a existência humana se reduzisse a isso. A sobrevivência,

de fato, está nas ligações entre as coisas; nos termos de Eliot, a realidade não pose ser privada dos “outros ecos[que]habitam o jardim”. É mais compensador – e mais difícil – pensar sobre os outros em termos concretos, empáticos, contrapontísticos, do que pensar apenas sobre “nós”. Mas isso também significa não tentar dominar os outros, não tentar classifica-los nem hierarquiza-los e, sobretudo, não repetir constantemente o quanto “nossa” cultura ou país é melhor (ou *não* é o melhor, também). Para o intelectual, há valor mais do que suficiente para seguir adiante sem precisar disto (SAID, 2011, p. 510. Grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu livro *Ninguém para me acompanhar* (1994), Nadine Gordimer fala da busca por igualdade de oportunidades para os negros e brancos dentro de uma África do Sul cheia de conflitos e violências raciais, étnicas e sociais. Os personagens de cor são marginalizados e as mulheres e filhos são separados de seus maridos, vivendo nos *townships*, lugares periféricos, longe da zona de poder, da área urbana. O governo segregava essa população de cor para que eles não tivessem contato com a população branca, minoria dentro da África do Sul.

Esses conflitos fortaleceram as lutas em favor dos negros por meio da personagem Vera Stark, protagonista do romance que cria oportunidades e melhores condições de vida para os negros da África do Sul. Ela buscava, juntamente com os amigos que trabalhavam com ela – negros e brancos na Fundação Legal – solucionar os problemas dali e devolver a terra tomada pelos fazendeiros brancos aos negros. Eis um episódio de poder do branco colonizador que retrata esse conflito entre Vera e os assistentes da Fundação Legal e Tertius Odendaal, o fazendeiro branco:

> [...] Odensville is my township that´s not yet declared, nobody is living in Odensville, nobody! All those people are trespassers and the only thing I´m going to tell you, lady(the term of addressed emphasized, and in English), I´m going to get them run off my land, I´m going to burn down their rubbish, and you can go back yourself and tell them I´m not just talking at all to you, I´ve got the men to do it with me, we know how to get it done, all right, and if they want to get in the way, that´s going to be their funeral. Running to you won´t help them. There are no Odensville ´people´, so you can forget about calling them that. They´re nothing, *vuilgoed* (GORDIMER, 1994, p.104-106. Grifos da autora).

> [...] Odensville é a minha *township* que ainda não foi oficializada, não tem ninguém morando em Odensville, ninguém! Toda essa gente está violando a propriedade alheia e a única coisa que eu vou lhe dizer, *lady*(a forma de tratamento enfatizada em inglês), é que eu vou botar todo mundo para correr das minhas terras, vou botar fogo na tralha toda deles e pode voltar lá e dizer a senhora mesma que não estou falando só por falar. Eu não vou conversar com nenhum de vocês, eu tenho gente para ir comigo, nós sabemos como fazer as coisas, direitinho, e se eles quiserem entra no meio, vai ser o funeral de todo mundo. Correr para a senhora não vai ajudar ninguém. Não tem “povo” nenhum de Odensville, portanto pode esquecer essa

> história. Eles não são nada*, vuilgoed*[33] *(*GORDIMER, 1996, p. 30-33. Grifos da autora).

Tertius Odendaaal não quer negociar nem com uma mulher e nem com um negro. Ele se comunica com a Fundação Legal no idioma do dominador branco: holandês. O trabalho na Fundação Legal faz com que Vera Stark transite por esses espaços conflituosos e violentos. Vera tem um bom relacionamento com todos da Fundação Legal. O assistente de Vera, Oupa Sejake, ex-prisioneiro da Ilha de Robben, caracteriza muito bem o entre-lugar.. De volta ao convívio na África do Sul, consegue emprego na Fundação Legal, estuda Direito com uma visão voltada às novas perspectivas de vida, deixa a família nos *townships*, mora num bairro que antes fora privilégio dos brancos e ajuda Vera Stark a solucionar os conflitos de terra entre negros e brancos. Ele é assassinado numa dessas investidas burocráticas – diligência de desapropriação dos brancos em terras de negro –.

Mpho, resultado híbrido do negro e branco, nascida em Londres quando seus pais Didymus e Sibongile estavam exilados na Europa, acostumada aos hábitos europeus, tenta aprender a língua africana, a língua de seus pais. O relacionamento entre Annick e a mãe Vera é cheia de desavenças: a filha não respeita a mãe por saber que ela trai o pai e a mãe, por sua vez, se sente culpada por essa situação e ainda se culpa pelo lesbianismo da filha, que vive um relacionamento com Lou e adota um bebê negro.

Outros conflitos se relacionam ao filho Ivan, que se separa da primeira esposa Alice e se envolve com Eva e Ben, o marido apaixonado de Vera, cujo amor e olhar voltado para Vera sufoca-a, até porque Ben esqueceu de viver a própria vida, seus propósitos.

Vera procura dentro dessa mistura do que é íntimo e o que é profissional, satisfazer-se pessoalmente. Ela tem vários amantes e procura sentir novas emoções. O impasse pessoal *versus* profissional se dissolve quando o país busca mudanças com o fim do apartheid: o entendimento entre negros e brancos dentro da mesma nação e as primeiras eleições livres.

Com essas mudanças, Vera Stark vai abandonando antigas posturas, procura se reencontrar consigo mesma, deixa o marido, vende a casa, vai morar num anexo da Fundação Legal próximo ao amigo Zeph Rapulana, amigo de cor.

---

[33] Vuilgoed: dirty thing, shit/ Vuilgoed: palavra de origem holandesa que significa porcaria, resto, merda.

Vera Stark tem uma convivência mais amigável com os negros de seu país do que com os brancos, mostrando assim esse interesse de acabar com o preconceito racial e étnico. A personagem luta pelos direitos dos negros e pela não-segregação.

Ninguém para me acompanhar (1994) mostra as diferentes consequências da vivência do apartheid para mulheres e homens negros, que tinham que ficar em seus *townships* mais segregados, confinadas enquanto seus maridos trabalhavam na cidade, longe da arena do poder. O ano de publicação do livro coincide com o ano em que acontece as primeiras eleições livres na África do Sul, elegendo como presidente da República Nelson Mandela e com a vice-presidência partilhada por Thabo Mbeki e F. W. de Klerk, como a maioria parlamentar ao ANC (African National Congress). Com essa mudança, novos horizontes se abrem para o país e o regime de segregação racial que perdurava desde 1948 acaba, embora muitos conflitos ainda continuassem. Com o fim do apartheid, novas prerrogativas(vantagens, compromissos) são instauradas na nova África do Sul:

> Aqueles sul-africanos brancos que querem largar a primazia – afrouxar o controle – ou têm medo de ter-se aferrado ao domínio por tempo demasiado, ou sentem repulsa e vergonha de continuar a viver como vivemos. Esses últimos tornaram-se daltônicos, talvez por uma daquelas anomalias pelas quais a natureza desesperada descobre uma nova espécie. Querem outra vida completamente diversa na África do Sul. Querem pessoas de todas as cores usando as mesmas portas, partilhando o mesmo aprendizado, e dando e recebendo o mesmo respeito uns dos outros. Não se importam se o governo que garante essas coisas é branco ou preto. Poucas dessas pessoas chegam a ir para a prisão, em nome de uma ou outra causa política, em tentativas que acreditam ajudarão a criar esse novo tipo de vida. O restante, num ou noutro grau, faz um esforço para viver, dentro da comunidade do *apartheid*, a vida decente que o *apartheid* proíbe (GORDIMER, 2012, p. 83).

As mesmas ideias de Nadine Gordimer e da personagem Vera Stark se entrelaçam, pois as duas procuram o melhor convívio entre negros e brancos dentro de uma África do Sul antes segregada e doravante, com a nova postura política, passa a ter um convívio possível, mesmo com um passado cheio de histórias fissuradas.

Na narrativa, Vera Stark, a advogada branca da Fundação Legal que defende clientes negros que foram surrupiados de suas terras pelos brancos, termina só com seus pensamentos, tentando se redescobrir e busca interiormente o

que ela quer de agora em diante. Porém, é observado que nessa luta em busca de novos ideais políticos e pessoais ela está sozinha.

> Vera came out into biting the ebony-blue of winter air as if she dived into the delicious shock of it. She turned off the tap with the satisfaction of a woman performing a workman-like task. Instead of at once entering her annexe she went into the garden, the jacket zipped closed over live warmth. Cold seared her lips and eyelids; frosted the arrangement of two chairs and table; everything stripped. Not a leaf on the scoured smooth limbs of the trees, and the bushes like tangled wire; dried palm fronds stiff as her fingers. A thick trail of smashed ice crackling light, stars blinded her as she let her head dip back; under the swing of the sky she stood, feet planted, on the axis of the night world. Vera walked there, for a while. And then took up her way, breath scrolling out, a signature before her (GORDIMER, 1994, p. 431-433).

> Lá fora, na noite negro-azulada de inverno, foi como se desse um mergulho delicioso, chocante, no ar gélido. Fechou o registro com a satisfação de uma mulher executando um trabalho braçal. Em vez de voltar logo ao anexo, foi até o jardim, a jaqueta bem fechada sobre a quentura viva. O frio crestava os lábios e as pálpebras; gelava as duas cadeiras e a mesa; tudo pelado. Nem uma folha nos membros acetinados das árvores, os arbustos feito arames e emaranhados; as frondes das palmeiras rígidas como os dedos. Uma trilha espessa de gelo partido crepitando luzes, as estrelas cegando quando deixou a cabeça tombar bem para trás; sob a oscilação do céu, os pés plantados no chão, no eixo do mundo noturno. Vera passeou um pouco por ali. E depois tomou seu rumo, o vapor do bafo espiralado, uma assinatura a sua frente (GORDIMER, 1996, p. 292-293).

A mudança de tempo, exposta na citação acima, remete à tristeza, escuridão, melancolia, pesar, passagem, mudanças, como também leva a pensar numa nova possibilidade, um futuro melhor, um futuro de mudanças. Há a conotação da tristeza com as folhas caindo e as mudanças com a nova estação que chega, mas o seguir seu rumo remete ao encontro e novas descobertas de si.

Diz-se que, no início da obra, há uma citação do poeta japonês do século XVII, Bashô, que diz: “Ninguém para me acompanhar no caminho: Crepúsculo no outono”. Este talvez seja o crepúsculo no outono de Vera.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. **The empire writes back** theory and practice in post-colonial literature. London and New York: Routledge, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Avila, Eliana Lourenco de Lima Reis, Glaucia Renate Goncalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas,Flory, Villibor Alexandre, Prado, Márcio Roberto do(organizadores); prefácio, Marcos Siscar. **Margens instáveis**: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. 2. Ed. Maringá: EDUEM, 2012.

BUTLER. Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**.Trad. Maria de Lourde Menezes; revisão técnica Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **As almas da gente negra**. Trad. Intr. e Notas de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro:Lacerda Ed, 1999.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. 374 p.(Coleção Cultura, v.2)

_____. **Peles negras, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008. p. 194.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: ed. 34, Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Editora UFJF, 2005.

GORDIMER, Nadine. ***Ninguem para me acompanhar***. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 296p.

_____. ***Nonetoaccompany me***. First Published in Great Britain, 1994, Bloomsbury Copyright 1994 by Felix Licensing , B.V.

_____.. **O gesto essencial**: literatura, politica e lugares. Trad. Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 376p.

_____.. ***Tempos de Reflexão***: de 1954 a 1989. Trad. RosauraEichenberg.-São Paulo: Globo, 2012.

_____. ***Tempos de Reflexão***: de 1990 a 2008. Trad. RosauraEichenberg – São Paulo: Globo,2013.

_____. **The essential gesture**: writing, politics and places. Ed. Stephen Clingman. Londres: Penguin Books, 1989. 360p.

_____.. **A filha de Burger**. Trad. Richard Goodwin. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, guaracira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

_____.. **Da diaspora**: identidades e mediacões culturais. Organizacao Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p. (Humanitas)

MANDELA, Nelson. **Conversas que tive comigo**. Trad. Ângela Lobo de Andrade, Nivaldo Montigelli Jr., Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MUNANGA, Kabengele**. Negritude**: usos e sentidos. São Paulo. Bom livro, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy Pesavento. **História & História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da**. Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva(org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14. Ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2014.

SAID, Edward W. **Orientalism**. Nova York: Penguin Books, 2003. 404p.

_____. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 568 p.

_____. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente.Trad. RosauraEichnberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 528 p.

_____. **Cultura e política**.Org. Emir Sader.Trad. Luiz Bernardo Pericás. 1 ed., ver. São Paulo: Boitempo, 2012.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, Denise Almeida, Evaristo, Conceição(Org.). **Literatura, história,etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana. – Frederico Wesphale: URI, 2011. 334 p.

REVISTA VEJA. 11 DE DEZEMBRO 2013. Edição nº 2351- ano 46- nº 50. Rio de Janeiro: Editora Abril.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. Janeiro de 2014. Edição nº 937. São Paulo.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Diefel, 2012.

WHITE, Haiden. Meta-História*:* A imaginação Histórica do século XIX*.* São Paulo: Editora da USP, 1992.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 7, n

YELIN. Louise. **From the margins of empire**.New York: Cornell University, 1998.
REVISTA ÉPOCA. 9 de dezembro 2013. Edição nº 811. Rio de Janeiro: Editora Globo.